



Laércio Queiroz de Souza

MULHERES DE REPENTE :  
VOZES FEMININAS NO REPENTE NORDESTINO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**Apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre.**

**Área de concentração: Teoria da Literatura.**

**Orientadora: Luzilá Gonçalves Ferreira**

**Cidade Universitária,  
junho de 2003.**

Xilogravura de José Costa Leite

MULHERES DE REPENTE :  
VOZES FEMININAS NO REPENTE NORDESTINO

por

Laércio Queiroz de Souza

Dissertação defendida e aprovada a 13 (treze) de junho de 2003. Participaram da banca examinadora os professores doutores abaixo assinados:

.....  
Luzilá Gonçalves Ferreira (Dr<sup>a</sup>.)

Orientadora

.....  
Maria Ignez Novais Ayala (Dr<sup>a</sup>.)

Examinadora

.....  
Lourival Holanda (Dr.)

Examinador

Recife, junho de 2003.

DEDICATÓRIA

À Ana, porque a amo;

Às **Marias** de minha vida:

**Maria José** (in memorian),

**Ana Maria,**

**Maria Alexandrina,**

**Rosa Maria,**

**Maria Amélia,**

**Thássia Lisys e**

**Tatynha** que embora não sejam **Marias,**

Por metonímia seriam;

A **Agenor Barbosa,** que um dia me abraçou como a um filho (in memorian) esta pálida dedicatória, e em particular, a todas as pessoas que ousam cursar o mestrado sem bolsa de pesquisa pela coragem.

## AGRADECIMENTOS

Sabe-se que, não raro, o ato da escritura constitui tarefa bastante solitária, contudo é inegável, as várias vozes existentes na tessitura de um texto. Aqui, salientamos nossos singelos agradecimentos àqueles que de alguma forma contribuíram para a consecução desta dissertação:

À **Ana Bastos**, companheira diuturna, que, embora não seja estudiosa de literatura, aceitou o desafio de adentrar no território da cultura popular e nos trouxe sugestões preciosas e plurais, valorizando nosso trabalho;

À Professora **Luzilá Gonçalves**, orientadora gentil e diletta, que me apresentou o universo da escritura feminina e realizou uma orientação preciosa que perpassa os “muros” acadêmicos e muito me tem penhorado;

Ao amigo-irmão **Wellington Nunes**, o Índio, pela gentileza da companhia durante a viagem para a pesquisa;

Ao caríssimo amigo-irmão **Jorge Augusto ,Buscapé,,** pela amabilidade em produzir a arte finalização para o Encontro de mulheres repentistas, impressão e encadernação da dissertação;

Aos camaradas **Izaias Bastos, Acácio Santos e Gustavo Elói**, pelos constantes incentivos e confiança em nós depositados;

À professora **Maria Ignez Ayala**, oficiosa co-orientadora, pelos preciosos contatos, livros, observações, correções, enorme ajuda durante os eventos e amizade;

Ao Professor **Lourival Holanda** pelas sugestões bibliográficas e incentivo sem par.

Aos Professores: **Alfredo Cordiviola e José Rodrigues de Paiva** pelas sugestões ao projeto e os contatos indicados;

**César Giust** pelas contribuições durante as comunicações na disciplina de Análise da Narrativa;

**Yaracilda Coimet** pela utilíssima orientação metodológica;

**Sebastião Santana** pelos livros e prosas aos domingos;

**Paulo Left** pela compreensão inesquecível durante os anos na graduação;

**Lindinalvo de Almeida** por ter aguçado o meu interesse pela literatura;

**José Fernando e Roberto Benjamin** pelas sugestões, livros e orientação do Projeto fonográfico;

**Carlos Sandrone** pela gentileza da gravação do compact disc no dia do Encontro de mulheres repentistas;

À **Tany Mare** pela orientação ao ante-projeto;

A **Antony** pela leitura atenta do anteprojeto e sugestões durante o curso;

À **Ilzia Zirpoli** pela gentil contribuição, livros e amizade mais presente que outrora;

Aos colegas de curso **Jesus Cristo**, o filho do Homem, pelos vinhos, cumplicidade e afinidades com os estudos regionalistas;

**Kátia de França** pela revisão do *résumé*, além da gentileza de nos emprestar livros de seu acervo e ter a paciência em esperar para recebê-los;

**Kátia Pizzarnic** pela convergência e dores;

**Ricardo e Genildo**, pela identificação;

**Poliana Camelo** por tudo que for.

Ao Sr. **Luiz Ceará** do Restaurante Arriégua, pela gentileza em hospedar as cantadoras e por outras contribuições;

Aos companheiros **Evandro Queiroz e Ana Luiza Costa**, do Nobel Cursos e **Ricardo Chianca** pela infinda contribuição e auxílio na organização dos eventos;

À docíssima **Ana Cely** da Editora Coqueiro pelo apoio aos eventos;

Ao pessoal do **Teatro Hermilo Borba Filho** por ter cedido o espaço para a realização da cantoria;

À **Ivana**, jornalista do Diário de Pernambuco, pela reportagem sobre a dissertação;

Ao SINTEPE, SINDPD, restaurante **Puxinanã**, deputada **Ceça Ribeiro**, **José Paulo Cavalcati**, Propesq, Auto Expresso Guanabara, Empresa Progresso pelo apóio financeiro;

Ao amigo **José Francisco Júnior** pelo trabalho na bilheteria durante o Encontro de mulheres repentistas;

Aos violonistas **Plúblis e Tonino de Arcoverde** pela participação especial no Teatro Hermilo;

À **Ivan Ferraz**, o comunicador sertanejo, pela divulgação do evento, entrevistas e apresentação do Pé-de-parede;

Ao poeta **José Costa Leite** por, mui gentilmente, ceder a xilogravura utilizada tanto na presente dissertação como nos cartazes;

Às Senhoritas **Germana e Cecília Araújo** da FUNDAJ pela filmagem do Encontro de mulheres repentistas;

Ao camarada **Benhur** e a todo pessoal da imprensa do Sindicato dos **Bancários** pela impressão dos cartazes para a divulgação dos acontecimentos;

A **Fernando Duarte**, secretário adjunto da Prefeitura de Recife, pelo transporte;

À **Nara Lúcia Veras** pela condescendência durante as minhas ausências no decorrer do curso;

A **Eraldo Lins**, o Conselheiro, meu anjo da guarda, pelos encaminhamentos do ofício;

Ao poeta **Sebastião Marinho** pelas informações utilíssimas e, às repentistas entrevistadas, sem as quais este estudo seria impossível, em especial, à **Minervina Ferreira** pela empatia, hospitalidade e compreensão.



Não se contente em trilhar um caminho estabelecido. Ao contrário, vá para onde não há caminho algum e deixe seu rastro.

(Muriel Strode)

## SUMÁRIO

Resumo.....	xii
.....	
.....	
Résumé.....	xiii
.....	
.....	
Introdução.....	1
.....	
.....	
1. A Cantoria.....	5
.....	
.....	
1.1. A Deixa.....	5
.....	

.....	
.....	
1.2. Gêneros da Cantoria.....	8
.....	
2. A Saga das Mulheres Repentistas: As Primeiras Cantadoras.....	20
.....	
.....	
.....	
3. Artesãs mnemônicas : breve apresentação.....	47
3.1. Terezinha Maria.....	48
.....	
3.2. Severina Maria da Silva.....	49
.....	
3.3. Mocinha de Passira.....	50
.....	
3.4. Mocinha Maurício.....	51
.....	
3.5. Santinha Maurício.....	52
.....	
3.6. Neuma da	53

Silva.....	
.....	
3.7. Lucinha	54
Saraiva.....	
.....	
3.8. Maria	55
Soledade.....	
.....	
.	
3.9. Luzivan	56
Matias.....	
.....	
3.10 Luzia dos	57
. Anjos.....	
.....	
3.11 Francisca	58
. Maria.....	
.....	
3.12 Minervina	59
. Ferreira.....	
.....	
3.13 Lindalva Dantas	60
. Lucena.....	
.....	
3.14 Odília Dantas de	61
. Lima.....	
.....	
4. A Cantoria Fora dos	63

Congressos.....	74
.....	
5. De Repente Mulheres: Cantadoras em Evidência.....	74
5.1. Os Congressos.....	74
.....	
.....	
5.2. Artigos.....	75
.....	
.....	
6. Ecos d' Alma: Reminiscências da Infância.....	82
.....	
7. O Amor é Forte Como a Morte.....	93
.....	
8. A Poesia Engajada.....	105
.....	
9. A Poesia Esdrúxula: O Coco de Embolada.....	124
10. <b>Considerações</b> Finais.....	136
.....	
11. Apêndice.....	137
.....	
.....	
12. Referências	158

Bibliográficas.....	
.....	
13. Registros de	164
áudio.....	
.....	
14. Trabalhos Gerados a partir da	165
Dissertação.....	
15. Recomendações para Novas	166
Pesquisas.....	

## **RESUMO**

A milenar arte do repente é realidade por demais presente na atualidade. Não apenas sob a forma tradicional, com cantadores improvisando nas praças, feiras livres ou congressos, porém, também, com uma roupagem visivelmente moderna, ressaltada pelo movimento

Mangue Beat, com a utilização do rap e do som dos tambores que, inegavelmente, contribuíram, não apenas para o repentismo, contudo para a introdução de uma nova vertente na música popular.

Embora esta arte, hoje, viva um momento de transfiguração em diversas modalidades, *a presença feminina*<sup>1</sup>, enquanto produtora desse fenômeno, é quase desconhecida. Sabe-se da existência de no mínimo vinte mulheres atuantes nessa área e apenas cinco têm registro em fita, vinil ou compact-disc.

Obviamente, não se pode admirar da quase ausência dos registros dessas artistas, dada a situação de enclausuramento vivido pela mulher durante anos, a falta de recursos, o desconhecimento das gravadoras, dentre outros. Apesar de tudo e todos, elas tentam superar os obstáculos, desafiam a “ordem” social que as restringe à esfera doméstica, subvertem o universo tradicionalmente masculino e seguem versando com suas métricas perfeitas que nada deixam a desejar a muito velho cantador.

A intenção da presente dissertação é trazer à baila *vozes femininas* no repente, desde o século dezenove. No todo, estudam-se obras de algumas poetisas repentistas e tenta-se mostrar como estas tematizam a infância, o amor e o contexto social.

Observam-se ainda os artifícios utilizados pelas cantadoras para tentar transgredir as leis que lhes proíbem o acesso ao mundo da cantoria.

Por essa ótica, discute-se sobre a predominância masculina no universo do improviso e suas conseqüências. Assim, este estudo é um esforço de um registro plural e histórico, que no mínimo, contribuirá com a tentativa de repensar preconceitos sexistas e disseminar o fenômeno das *mulheres de repente*.

## RÉSUMÉ

L'art millénariste de le *repente* est réalité beaucoup présent dans l'actualité. Pas seulement sous la forme traditionnelle, avec chanteurs qui improvisent dans les places, marchés libres ou congrès, mais aussi avec un vêtement visiblement moderne, qui se détache

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Presença Feminina; Recife, Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2002.

par le mouvement *Mangue Beat*, avec l'utilisation du *rap* et de la langue des sons des tambours qui, ont a contribué, pour le *repentismo*, et pour l'introduction d'une nouvelle inclinaison dans la musique populaire.

Bien que cet art, aujourd'hui, vive un moment de transformation dans plusieurs modalités, *a presença feminina*<sup>1</sup>, comme protagoniste de ce phénomène, est inconnus. Il y a, au moins, vingt femmes qui travaillent comme *repentistas*, cependant cinq ont son travail gravé dans ruban, vinyle ou disque compact seulement.

Évidemment, on ne peut pas admirer l'absence des travaux de ces artistes, parce que elles ont été rebutées par la société pendant années, elles n'ont pas de ressources, l'ignorance des graveuses, parmi autres. Malgré tout et tout, elles essaient de vaincre les obstacles, elles défient "l'ordre" social qu'elles les restreint à la shère domestique, elles subvertissent l'univers traditionnellement masculin et elles suivent faire vers avec ses métrique parfait que rien ne laisse à vouloir à très chanteur.

L'intention de la présente dissertation est présenter *vozes femininas* dans le *repente*, du dix-neuvième siècle. Dans la totalité, ils sont étudiés des travaux de quelque *repentistas* des poétesses et il essaie de montrer comme elles travaillent le theme de l'enfance, l'amour et le contexte social.

Ils sont encore observés les artifices utilisés par les *cantadoras* pour essayer de transgresser les lois qui les proibem l'accès au monde du *cantoria*.

Pour ces optiques, nous avons été discuté sur la prédominance masculine dans l'univers de la surprise ses conséquences. Comme ceci, cette étude est un effort d'une inscription plurielle et historique qui au moins, il contribuera avec la tentative de pour repenser a des préjugés le *sexistas* et disséminer le phénomène des *mulheres de repente*.

---

<sup>1</sup> FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Presença Feminina; Recife, Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2002.

## INTRODUÇÃO

Das modalidades poéticas, talvez seja *o repente* a que desperta maior curiosidade. Qual criatura em momento de infinda paixão não sentiu a necessidade de exprimir seu amor através de versos? Muitos conseguiram, com maior ou menor maestria, no entanto, poucos se atreveram a criar no instante impreciso, *no arranco do grito*<sup>1</sup>, versos Decassílabos, Sextilhas ou qualquer outro gênero dessa complexa arte, para brindar sua inspiradora musa.

A arte do repente desperta intensa curiosidade. E se nos causa espanto o talento com que esgrimam seus versos os engenhosos menestrelis, imagine-se então a infinda surpresa ao constatar a presença de mulheres em território tão marcadamente machista.

Poucas são as mulheres que enveredam por esse universo, e em verdade, não podemos nos admirar da quase ausência de uma poesia feminina “*dada à situação de enclausuramento vivido pela mulher durante anos. Apesar de tudo e todos, tentam superar os obstáculos e desafiam a ordem patriarcal que as restringe à esfera doméstica*” (TOCALINO, 1994) publicando textos às vezes anonimamente ou sob pseudônimos masculinos, como o fez, no passado, a poetisa **Maria das Neves**.<sup>2</sup> Cordelistas, cantadoras, emboladoras, aboiadoras, desafiam este universo tradicionalmente masculino e transfiguram motes com suas métricas perfeitas que nada deixam a desejar a muito velho cantador. Essa expressiva presença, algumas vezes mimetizada, não busca ocupar o espaço do outro, porém e principalmente, ocupar o seu próprio espaço antes vazio.

A literatura popular tem sido estudada sobre variados aspectos e sobretudo no que concerne à análise e interpretação de sua linguagem, de expressão, tipicamente nordestina. Porém, ao mergulharmos nesse universo, poucos são os registros de mulheres produtoras desta manifestação artística. E quando um texto feminino merece aplausos e elogios, sistematicamente é considerado um texto *forte e viril*, e a escritora obtém a consagração de seu talento ao ser considerada *uma mulher que canta como homem*.

---

<sup>1</sup> AYALA, Maria Ignez Novais. *No arranco do grito. (aspectos da cantoria nordestina)*. São Paulo, Ed. Ática, 1988.

<sup>2</sup> *Maria das Neves Batista Pimentel escrevia folhetos de cordel sob o pseudônimo de Altino Alagoano.*

Sabe-se que a figura da mulher é personagem mui recorrente na literatura popular. Um vasto continente de personagens femininos desfila pelas trovas, contudo quase não se tem notícia da mulher produtora desta modalidade artística.

Mesmo conceituados pesquisadores, em demanda de elementos para compor suas vastas antologias, parecem desconhecer a existência de poetisas neste território. Todavia, uma pesquisa mais minuciosa encontrará mulheres repentistas desde os primeiros momentos do surgimento da cantoria. A que se deve esta quase ausência de cantadoras em antologias? Ao total desconhecimento dos antologistas, à falta de talento das artistas ou à tentativa arbitrária de tentar apagar indícios de uma produção feminina? Felizmente, a existência de mulheres repentistas está comprovada em algumas referências bibliográficas, porém ainda há muito a esmiuçar a respeito deste fenômeno para que possamos repensar preconceitos sexistas existentes.

Este trabalho tem por finalidade mostrar a importância da presença da mulher como produtora da arte do improviso, verificando o repente dentro de uma perspectiva feminina. Assim, nossa proposição de estudo é trazer à baila a presença de quatorze repentistas. Deste modo, efetuaremos análise de sua produção, a frequência do tema que interessa à problemática feminina e o modo como surgem nos textos questões tais como a infância, o amor, e o contexto social na arte.

Oferecendo reflexões em torno do tema proposto, no todo, estudaremos, além dos aspectos da *cantoria de viola*, fatores do *coco de embolada* com o objetivo de relacioná-los, pretendendo, obviamente, apontar suas especificidade.

Além da escritura, pretende-se compartilhar as várias possibilidades do verso improvisado: o público poderá presenciar o instante mágico do pé-de-parede, evento que acontecerá após a defesa desta dissertação e um encontro de mulheres repentistas do qual resultará um compact disc a ser gravado ao vivo. Nisto, colima-se o objetivo perseguido.

Para a realização desta pesquisa, visitamos o Arquivo público do estado de Pernambuco, Fundação Joaquim Nabuco, várias bibliotecas, jornais locais, sites na internet, além de alguns especialistas no assunto, sempre em demanda de informações sobre a mulher repentista, mas raramente houve sucesso em nossa busca. Também indagamos cantadores na tentativa de obter contatos que nos levassem a nosso objeto de estudo, no entanto, os artistas quase sempre diziam desconhecer a existência de mulheres nessa modalidade e os poucos que admitiam a existência, negavam conhecê-las pessoalmente e acrescentavam que as

mesmas eram desprovidas de qualquer talento poético, salientando preconceitos enraizados. Dos poetas consultados, apenas um elogiou a habilidade feminina na arte do repente: Sebastião Marinho. Este inclusive, apresentou-nos duas cantatrizes: **Luzivan Matias** e **Lucinha Saraiva** além de tecer significativos comentários a respeito da primeira, colocando-a em pé de igualdade das veteranas **Mocinha de Passira** e **Minervina Ferreira**, consideradas por ele como as duas maiores repentistas da atualidade.

A pesquisa foi realizada durante os meses de dezembro a fevereiro de 2003. Entrevistamos pessoalmente: **Minervina Ferreira, Maria da Soledade, Severina Maria, Terezinha Maria, Luzia dos Anjos e as irmãs Santinha e Mocinha Maurício**. Por telefone **Neuma da Silva, Francisca Maria, Mocinha de Passira, Lucinha Saraiva, Luzivan Matias, Terezinha e Lindalva da Silva**. Essas informações coletadas à distancia, nos ajudaram de algum modo, porém fragilizou bastante a pesquisa.

Infelizmente, não nos foi possível tornar público textos de todas as poetisas entrevistadas, visto que a maioria delas não tem nenhum registro fonográfico. Sabe-se que inúmeros são os cantadores que tiveram seus versos registrados em discos, no entanto poucas foram as repentistas que conseguiram este feito. Mesmo hoje, com a enorme facilidade de realizar este registro, ainda há grande dificuldade para elas. Lamentavelmente, constatamos que, das cantadoras entrevistadas, apenas sete têm registros fonográficos, sendo duas delas emboladoras. Os motivos são vários: a discriminação específica, a falta de recursos, já que a maioria delas não consegue viver da própria arte e são subempregadas, até o desconhecimento das gravadoras.

As entrevistas foram realizadas com um mini gravador e totalizaram dez horas de fita. Ainda que tenhamos registrado vários aspectos da vida das poetisas, transcrevemos apenas o que acreditamos ser de maior relevância para este trabalho.

No capítulo *A Cantoria*, pretende-se apresentar algumas das modalidades mais utilizadas no universo do repente, a intenção inicial era trazer apenas fragmentos dos textos das cantadoras e verificar como cada uma delas versificava determinada modalidade, no entanto não havendo trabalhos das mesmas sobre todos os estilos, tivemos que usar alguns *corpus* de cantadores.

*A Saga das Mulheres Repentistas: as Primeiras Cantadoras* traz à baila vozes femininas desde o surgimento da cantoria de viola e faz reflexão sobre a raridade destas vozes no território do repentismo.

O capítulo *Artesãs mnemônicas: breve apresentação* revela um pouco da vida das cantadoras em evidência e materializa como se deu o encontro das artistas com o repente.

Em *A Cantoria Fora dos Congressos*, vê-se a manifestação do fenômeno do improvisado em outros territórios, depoimentos de algumas cantadoras entrevistadas, além de explicar a tríade rima, métrica e oração.

Ao ler o capítulo *De Repente Mulheres: Cantadoras em Evidência*, observa-se um panorama dos Congressos de Cantadoras organizados pelas poetisas Minervina Ferreira e Maria Soledade, e impressos que enfocam a mulher repentista.

Em: *Ecos d' Alma: Reminiscências da Infância, O Amor é Forte Como a Morte, A Poesia Engajada*, observa-se a produção de algumas cantadoras e como estas tratam essas temáticas.

No capítulo *A Poesia Esdrúxula: O Coco de Embolada*, apresenta-se peculiaridades do coco em paralelo com elementos da cantoria de viola, além de textos de autoria de mulheres coquistas cotejados com produções masculinas, com a finalidade de verificar se há um discurso feminino ou apenas reprodução da ideologia dominante.

O Capítulo 10, apresenta as **Considerações Finais** deste estudo e no seguinte, o *Apêndice* onde podem ser encontrados poemas de algumas repentistas.

Encontram-se as *Referências Bibliográficas* e os compact disc utilizados nesta dissertação listados no Capítulo 12, enquanto no 13, vê-se os *Trabalhos Gerados pela Dissertação*, e por fim, vêem-se as *Recomendações para Novas Pesquisas*.



“Se si calla el cantor, calla Ia vida  
porque Ia vida, Ia vida misma es todo un canto  
si se calla el cantor, muera de espanto  
Ia esperanza, Ia luz, y Ia alegria...”

(H. Guarany)

## 1. A CANTORIA

De origem Árabe, a milenar arte da cantoria chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses e desde fins do século XIX, tem florescido no Nordeste, o que justifica o fato desta cultura estar impregnada da vivência, sabedoria, costumes e linguagem do povo desta região. Esse fenômeno pode ser visto também em outras áreas, porém essa ocorrência está sempre ligada a nordestinos emigrantes.

Vários fatores tornaram possível o surgimento deste tipo de cultura no Nordeste: O aparecimento de manifestações messiânicas, o cangaço, as secas, as lutas de famílias entre outros fatores.

Também conhecida como repente, esta forma poético-musical geralmente deve ser improvisada por uma ou mais pessoas, como nos desafios entre dois cantores que se revezam na criação dos versos sempre acompanhados da viola ou mais raramente da rabeça.

### 1.1 A Deixa

Entende-se por “*DEIXA*” o recurso utilizado pelos cantadores para dificultar o uso de versos decorados durante o desafio. Esta se apresenta quando o cantador é obrigado a iniciar suas estrofes rimando com o último ou penúltimo verso da estrofe antecedente “*deixada*” pelo outro repentista. Segundo LINHARES e BATISTA (1976) a “*DEIXA*” é de autoria de Silvino Pirauá.

O exemplo que segue é de autoria das poetisas **Luzivan Matias e Lucinha Saraiva**, respectivamente:

...Se oferece pra dama  
Querendo ser seu chofer  
Depois a leva ao shooping  
Manda escolher o que quer  
São esses os primeiros passos  
Pra seduzir a mulher

Eu gosto de ser mulher  
Dar amor e ser amada  
Mas como sou poetisa  
Quando sou assediada  
Peço respeito cantando  
Pra me livrar da cantada

Nada mais me desagrada  
O quanto ser seduzida  
Ser chamada de gostosa  
Levar cantada indevida  
Quase toda mulher passa  
Por esse drama na vida.<sup>1</sup>

**Maria Soledade e Minervina Ferreira**, respectivamente, versificam:

Canto contemplando o prado  
A montanha e o planalto  
O automóvel, o asfalto  
O horizonte azulando  
Sempre tenho procurando  
Um pretexto evoluído  
Nos campos que tenho ido  
Com você me acompanhando  
Sempre lhe venci cantando  
Nos Dez De Queixo Caído.  
Também canto contemplando  
A lua da cor de prata  
A cachoeira e a mata  
O vento calmo passando

---

<sup>1</sup> *Transcrito do compact disc O Melhor do repente nordestino: cantoria de viola - Vol. 2- Lucinha Saraiwa e Luizivan Matias. São Paulo: Incanto .*

E a passarada cantando  
Vendo o campo enverdecido  
O leão dando rugido  
Desafiando a serpente  
Você tem medo na frente  
Nos Dez De Queixo Caído.

Eu estou na sua frente  
Num estive na toada  
Cantando serra, chapada  
Fonte, riacho, enchente  
Oceano e Continente  
Rios cheios embravecidos  
Mar calmo e enfurecido  
Ilha, Baía e estreito  
Lhe venço de qualquer jeito  
Nos Dez De Queixo Caído.<sup>2</sup>

## 1.2 Gêneros da Cantoria

Inúmeros são os gêneros que se apresentam em nossa poesia popular: quadra, sextilha, sete pés, décima, mourão, martelo, galope a beira mar, entre outros. Contudo mostraremos aqui, apenas aqueles considerados pelas entrevistadas como os mais usuais.

---

<sup>2</sup> *Transcrito do compact disc A Mulher no repente - Minervina Ferreira e Maria Soledade. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.*

Ao estudar os gêneros ou regras da cantoria, observamos que muitos deles apresentam entre si apenas raras diferenças. Apesar de alguns terem mais de uma variante como é o caso do *mourão perguntado* também chamado de *mourão ao quadrão ou dez pés ao quadrão*.

Há quem diga que os primeiros cantadores se apresentavam cantando em quadras, visto que acreditavam que se expressariam melhor. Segundo LINHARES e BATISTA (1976), foram possivelmente Silvino Pirauá e Romano Caluête que introduziram a Sextilha na cantoria.

"Até à época da famosa peleja de Francisco Romano Caluete com Inácio da Catingueira, o estilo preferido pelos cantadores era a Quadra. Após isso, apareceu a Sextilha, pertencente à família dos Setessílabos, modalidade essa usada, não só nos grandes debates, mas, também, na abertura de qualquer programa de viola. "É a Deusa inspiradora dos poetas repentistas" (LINHARES e BATISTA, 1976).<sup>3</sup>

A **Sextilha** é uma estrofe com rimas deslocadas, formada por seis versos de sete sílabas. Na Sextilha, rimam as linhas pares entre si, conservando as demais em versos brancos. Vejamos os versos de **Minervina Ferreira e Mocinha de Passira**:

**Minervina Ferreira:** O que vem acontecendo

nesse querido Brasil,

É violência no campo

mortalidade infantil

Espero que tudo mude

Depois do ano dois mil

**Mocinha de Passira:** Nós vivemos o perfil

de um quadro bastante

escuro

com desarmonia interna

inseguro

quadro

deixando o povo

não queremos que esse

aconteça no futuro.<sup>4</sup>

**Sete Linhas ou Sete Pés:** configura um conjunto rimando os versos pares até o quarto, como na Sextilha; o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto. Os versos são de **Mocinha de Passira**.

"A vida se inicia  
Sob o ventre maternal  
O filho se liga à mãe  
No cordão umbilical  
Nasce, cresce, vive e ama  
Depois a morte lha chama  
Para cama sepulcral."<sup>5</sup>

**Décima:** Embora de origem clássica, é a Décima um estilo muito apreciado, desde os primórdios da Poesia Popular, principalmente por ser o gênero escolhido para os motes, onde os cantadores encerram cada estrofe com o mote sugerido, passando a estância a receber a denominação de glosa. Como o próprio nome diz, Décima é uma estrofe ou estância de dez versos de sete sílabas, assim distribuídos: o primeiro, rima com o quarto e o quinto; o segundo, com o terceiro; o sexto, com o sétimo e o décimo, e o oitavo, com o nono. O exemplo a seguir é da violeira **Minervina Ferreira**.

Se quer partir vá , sujeito

---

<sup>3</sup> BATISTA, Otacílio e LINHARES, José. *Antologia ilustrada dos cantadores*. Rio-São Paulo - Fortaleza, ABC Editora, 1976.

<sup>4</sup> *Transcrito do compact disc Mulheres de repente – Minervina Ferreira e Mocinha de Passira*. São Paulo: UMES, 1999.

Eu fico no nosso abrigo  
Só uma coisa eu lhe digo  
Se voltar eu não aceito  
Cada um tem o direito  
De buscar sua melhora  
Mas se surgir a piora  
Procure um outro lugar  
Não pense que eu vou chorar  
Porque você foi embora.<sup>6</sup>

**Mourão:** Dentro da contextura da Poesia Popular, o **Mourão** tem sido o gênero a sofrer grandes variações ao longo do tempo. Nesta modalidade, dentro da mesma estrofe, há revezamento entre os cantadores.

**Inácio:** Seu Romano estão dizendo  
Que nós não cantamos bem!

**Romano:** Pra cantar igual a nós,  
Aqui, não vejo ninguém!

**Inácio:** E o diabo que disse isto  
É o pior que aqui tem!<sup>7</sup>

No **Mourão** de cinco versos, que veio depois do de seis, havia um revezamento dos cantadores, nas duas linhas iniciais da estrofe, cabendo ao primeiro os três últimos versos para o fechamento da estância. Transcrevemos o fragmento do encontro entre os paraibanos **Romano Elias da Paz e Francisco Pequeno**.

---

<sup>5</sup> *Transcrito do compact disc Os grandes repentistas do Nordeste : cantoria de viola - Mocinha de Passira e Sebastião Marinho*. São Paulo: Pequizeiro.

<sup>6</sup> *Transcrito do compact disc A Mulher no repente - Minervina Ferreira e Maria Soledade*. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.

<sup>7</sup> *BATISTA, Otacílio e LINHARES, José. Antologia ilustrada dos cantadores*. Rio-São Paulo - Fortaleza, ABC Editora, 1976.

**Francisco:** No Mourão não deixo nó!

**Romano da Paz:** O meu eu lavro de enxó!

**Francisco:** Colega estou pesaroso  
No recinto primoroso,  
Sei que fico a cantar só! <sup>8</sup>

**Mourão de Sete Pés:** Este é o mais usado atualmente. Formado por uma estrofe de sete linhas, cabendo, ao iniciante, a formação de cinco versos, isto é, os dois primeiros e os três finais; enquanto a cargo do segundo cantador ficam os versos de ordem três e quatro.

**Agostinho Lopes:** Não vá você achar ruim  
Este Mourão a doer

**José Bernadino:** Eu acredito, Agostinho  
Naquilo que posso ver

**Agostinho Lopes:** Companheiro, não se gabe,  
Que a pessoa que não sabe,  
Agrada a Deus sem querer. <sup>9</sup>

**Mourão Trocado:** A diferença deste gênero para o anterior está exclusivamente no aparecimento de palavras que se alternam nas quatro primeiras linhas da estância.

**Lourival Batista:** Eu, da graça, faço o riso,  
E do riso, faço a graça

**Severino Pinto:** E da massa faço o pão,  
E do pão eu faço a massa

**Lourival Batista:** Você desgraçou a peça  
Que uma mistura dessa  
Não há padeiro que faça<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> idem

<sup>9</sup> idem, ibidem

<sup>10</sup> idem, ibidem

**Mourão que Você Cai:** É um gênero muito apreciado, com versos de sete sílabas, como nos demais, onde as estrofes aparecem com doze linhas, havendo quatro versos comuns a elas: terceiro, sexto, nono e décimo segundo. O iniciante é responsável pela formação dos versos: primeiro, segundo, terceiro, sétimo, oitavo, décimo, décimo primeiro e décimo segundo. Ficando os demais a cargo do parceiro intercalante.

**Mocinha:** A cantoria só presta  
Misturando quente e frio  
Conte um, dois, três

**Minervina:** Antes do meio da festa  
Começou o desafio  
Conte quatro, cinco, seis

**Mocinha:** Você não teve elogio  
Nem de mãe, nem de pai

**Minervina:** Você cai!

**Mocinha:** Caia cantando repente  
Dez léguas na sua frente  
Se for por dez pés lá vai.<sup>11</sup>

**Mourão Voltado:** Gênero relativamente novo, com estrofe de treze versos de sete sílabas, em que os participantes vão se alternando até a oitava linha, para, em seguida, unirem suas vozes, como em coro, neste estribilho: *ISSO É QUE É MOURÃO VOLTADO, ISSO É QUE É VOLTAR MOURÃO!* Em seguida, repetem a oitava linha com o estribilho acima.

**Sebastião da Silva:** Me fale de Lampião

**Zé Cardoso:** Bom, mas virou assassino

**S. da Silva:** Por causa de Saturnino

**Zé Cardoso:** Que lhe chamou de ladrão

**S. da Silva:** Utilizando a razão

---

<sup>11</sup> *Transcrito do compact disc Mulheres de repente*

**Zé Cardoso:** Começou a andar armado

**S. da Silva:** Matou porque foi forçado

**Zé Cardoso:** Feriu porque foi ferido

**Ambos:** E o quadrão foi respondido  
Conforme foi perguntado. <sup>12</sup>

**Martelo Agalopado:** é uma estrofe de dez versos, em decassílabos, obedecendo à mesma ordem de rima dos versos da Décima. Todavia, sua denominação não vem do fato de ser empregado como meio de os contadores se martelarem durante suas contendas. "Sua significação está ligada ao nome do diplomata francês Jaime de Martelo, nascido na segunda metade do século XVII, que foi professor de literatura na Universidade de Bolonha, portanto, o criador do primeiro estilo. Jaime de Martelo suprimiu duas linhas finais da Oitava de Ariosto, ou Oitava camoniana, formando o que se denominou de Martelo cruzado, isto é, no Martelo antigo a primeira linha rima com a terceira e a quinta; a segunda, com a quarta e a sexta" (LINHARES e BATISTA, 1976).

O exemplo deste gênero está na estrofe do cantador **Olegário Mariano**.

Quando pego no braço da viola  
Sinto a força que vem da inspiração  
E é por isso que digo com razão  
Que meu verso alimenta e me consola  
Pelo menos, não peço por esmola  
Porque vivo a vender minha poesia  
Sou cigarra que, aos poucos se atrofia  
Na cantiga que a vida lhe consome  
Se eu deixar de cantar, morro de fome  
Que a cantiga é meu pão de cada dia. <sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> BATISTA, Otacílio e LINHARES, José.

**Galope a Beira-Mar:** Gênero muito apreciado pelos admiradores da Poesia Popular que, juntamente com o Martelo, recebeu a denominação de Décima de versos compridos. O Galope é assim chamado em virtude de ser empregado mais em temas praieiros. É constituído de uma estrofe de dez versos de onze sílabas, com o estribilho cuja palavra final é Mar. Segundo LINHARES e BATISTA (1976), foi criado pelo violeiro cearense José Pretinho (não o da peleja do cego Aderaldo), filho de Morada Nova, vaqueiro do "*coronel*" José Ambrósio, falecido em Lavras da Mangabeira. **Oliveira de Panelas** versificou:

O mundo se encontra bastante avançado  
A Ciência alcança progresso sem soma  
Na grande pesquisa que fez do genoma  
Todo corpo humano já foi mapeado  
No mapeamento foi todo contado  
Oitenta mil genes pode contar  
A Ciência faz chover e molhar  
Faz clone de ovelha, faz cópia completa  
Duvido a Ciência fazer um poeta  
Cantando Galope na Beira do mar. <sup>14</sup>

**Meia Quadra:** Estilo que apresenta estrofes com número de versos não determinados, e com quatro linhas iguais na parte final. A estrofe seguinte é da poetisa **Mocinha de Passira:**

Se eu disser que é meio vício  
Você diz que é meio cio  
Se eu disser que é meio turvo  
Você diz meio sombrio  
Digo meio galaião  
Você diz meio navio  
Se eu disser meio navio

---

<sup>13</sup> idem

Diga meio galaião  
Se eu disser que é meia veia  
Você diz que é meio grão  
Se eu disser que é meio grão  
Você diz que é meia veia  
Quando eu disser Meia Quadra  
Você diz é Quadra e Meia  
Quando eu disser Quadra e Meia  
Você diz Meio Quadrão. <sup>15</sup>

**Quadrão:** Diz-se que o Quadrão tem sido o gênero que se observou com o maior número de alterações, não só na sua forma interna, mas, também, na estrutura das estrofes, em geral. O Quadrão antigo é formado por uma estância de oito linhas, pertencente à família dos Setessílabos, rimando o primeiro verso com o segundo e o terceiro; o quarto com o oitavo, e o quinto com o sexto e o sétimo, contando, no final, o estribilho de sua denominação. O improvisado é de **Maria Soledade**:

Eu sou de Alagoa Grande  
Cidade que se expande  
Pra lá é de bem que eu mande  
A voz do meu coração  
Para o pedaço de chão  
Na terra que eu fui nascida  
Origem da minha vida  
Nos oito pés a quadrão. <sup>16</sup>

**Gabinete:** Gênero que, segundo se diz, foi muito apreciado pelo Cego Aderaldo, porém de pouco uso atualmente. É cantado em versos de Sete sílabas, sem número de linhas

---

<sup>14</sup> *A arte da cantoria – regras da cantoria. São Paulo: Funarte, 1998.*

<sup>15</sup> *Os grandes repentistas do Nordeste : cantoria de viola - Mocinha de Passira e Sebastião Marinbo. São Paulo: Pequizeiro.*

determinado, e com estribilhos nas linhas: sete, oito, nove, dez e nas duas últimas. Ainda uma vez, o exemplo é de **Mocinha de Passira**:

Recife a Jaboatão  
Caruaru a Pesqueira  
Afogados da Ingazeira  
Vitória de Santo Antão  
De Salgueiro a Ribeirão  
Carpina, Tracunhaem  
Comprei um cartão  
pra viajar no trem  
Sem cartão ninguém vai  
Sem cartão ninguém vem  
Sem cartão ninguém dá  
Sem cartão ninguém tem  
Nem vem, nem vai  
Nem vai, nem vem  
Nem tem, nem dá  
Nem dá, nem tem  
Se quiser me imitar  
Faça assim também  
Notícia curta é lembrete  
Quem não canta Gabinete  
Não é cantador pra ninguém.<sup>17</sup>

**Toada Alagoana:** gênero pouco usado, com rimas encadeadas e de agradável toada. Sirvo-me mais uma vez de uns versos de Mocinha de Passira.

Outro canto eu não procuro

---

<sup>16</sup> *A Mulher no repente - Minervina Ferreira e Maria Soledade*. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.

Mais seguro do que a minha cabana  
Me acordo com os passarinhos  
Nos seu ninhos todo dia da semana  
No arrebol matinal  
Mais um coral  
Na Toada Alagoana. <sup>18</sup>

**Dez Pés de Queixo Caído:** ainda bastante usado, este estilo está incluído na Décima, apresentando, no final de cada estrofe, o refrão: "*NOS DEZ DE QUEIXO CAÍDO*". **Maria Soledade** canta:

Tenho contemplado o prado  
A montanha e o planalto  
O automóvel, o asfalto  
O horizonte azulado  
Sempre tenho procurado  
Um pretexto evoluído  
Nos campos que tenho ido  
Com você me acompanhando  
Sempre lhe venci cantando  
Nos dez Queixo Caído <sup>19</sup>

**Gemeadeira:** estilo de poesia, caracterizado pela interposição de verso de quatro, ou, raramente, de duas sílabas, entre a quinta e a sexta linhas da Sextilha, formado pelas interjeições: "*AI! E UI! OU AI! MEU DEUS!*". Segue versos de **Minervina Ferreira**:

O espaço da mulher  
se amplia a cada momento  
Desde da comerciaria

---

<sup>17</sup> Os grandes repentistas do Nordeste : cantoria de viola - Mocinha de Passira e Sebastião Marinho. São Paulo: Pequizeiro.

<sup>18</sup> *idem*

<sup>19</sup> *A Mulher no repente - Minervina Ferreira e Maria Soledade*. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.

a que faz medicamento  
em relação ao passado,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
mudou noventa por cento (...)

Tem mulher sendo manchete,  
corpo lindo e sensual  
Tem mulher trabalhadora  
dentro da zona rural  
Que nem sabe aonde fica,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
O Distrito Federal

No campo policial,  
tem delegada e bombeira  
A promotora, juíza,  
advogada, pedreira  
Nosso espaço está abrindo,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Mesmo que o homem não queira.<sup>20</sup>

Conforme dito, vários são os gêneros da cantoria, e pode-se verificar que algumas modalidades são apenas variações de outras. No entanto, este artifício em lugar de empobrecer o gênero, valoriza-o, aperfeiçoa-o.



As primeiras mulheres assomam à janela do dia,  
Entreabrindo seus véus como cortinas da aurora...

(Cecília Meireles)

## 2. A SAGA DAS MULHERES REPENTISTAS: AS PRIMEIRAS CANTADORAS

A figura da mulher é personagem mui recorrente na cantoria. Um vasto continente de personagens femininos desfila pelas trovas, contudo quase não se tem notícia da mulher produtora desta modalidade artística. Sabemos que o território feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem adversidades. Desde os primórdios sua condição tem sido de oprimida, e sua voz tem sido sufocada pelo sexo oposto. Mas, felizmente, pesquisas mais atentas podem constatar, no Brasil, a presença de mulheres repentistas desde o século XIX, visto que alguns estudiosos expuseram em suas antologias algumas dessas intrépidas mulheres que empunhavam sua viola e se aventuravam em território quase exclusivamente masculino.

Dentre essas mulheres, podemos citar a jovem **Maria do Riachão**. Cabocla jovem e bela que segundo dizem versava muito melhor que seus cortejadores. Diz-se que possuía uma voz bem timbrada e rimava com espantosa facilidade. *“Daí ela dizer a todo momento que seu coração pertencia àquele que conseguisse vencê-la num desafio. Inúmeros pretendentes tentaram a vitória, mas, inultimente. Maria do Riachão era infernal”* (LUYTEN, 1981).

Abaixo um dos prováveis desafios travados entre a cantadora e o poeta João Serrador:

**Serrador:** Maria, chegô a hora

É bem boa a ocasião  
Vem comigo, vamo embora  
Maria do Riachão.

**Maria:** Olha bem prá minha cara  
E volta logo pra traz  
Aqui nêgo ruim não para  
Pensa bem no que tu faz.

**Serrador:** o que eu digo eu arrepiro  
Porque nasci brasileiro  
Você não escutô o grito  
Que deu "seu" Pedro Primeiro

**Maria:** eu quero muito respeito  
Escuta bem, cantodô...  
Você canta sem jeito  
Pra tê na vida um amô!

**Serrado:** Eu sei que quem corre cansa  
Mas eu gosto de corrê  
Maria, eu tenho esperança  
Que tu vai me pertencê!

**Maria:** Pra bem longe a tua praga  
Pra bem longe a maldição.  
Nem mesmo que você traga  
O mundo inteiro na mão.

**Serrado:** Quem conhece a minha fama  
Pode dá uma opinião

Meu coração quando ama  
É pió do que um vulcão.

**Maria:** tudo o que você pensa  
Era bom mas se acabô  
Cum grito da independência  
A coisa toda mudou.

**Serrado:** pra se mudá minha vida  
Tem que havé muito trabaio  
Eu não sô ave perdida  
Que anda de gaio em gaio

**Maria:** a sua vida, seu moço  
De sabê eu não preciso  
Não faça tanto alvoroço  
É mió tomá juízo

**Serrado:** O meu juízo, Maria  
Se tu acha que eu perdi  
Foi por causa da alegria  
Que eu tive quando te vi.

**Maria:** Pois então tenha a certeza  
Que vai morrê de agonia  
Pra mim a sua tristeza  
É minha grande alegria.

**Serrado:** eu sei que da vossa boca  
Não sai o que você sente  
Confessa logo, cabôca  
Boca cherosa não mente.

**Maria:** eu já disse duma feita  
Que não sabia menti...  
Tenho a cabeça prefeita  
De nada nunca esqueci.

**Serrado:** eu também tudo me alembro  
Não aprendi a esquecer...  
Foi pelo fim de dezembro  
Que eu me perdi por você.

**Maria:** se você fico perdido  
É porque ninguém te qué...  
Agora tome sentido:  
Não te meta com mulhé

**Serrado:** cum home é que eu não me meto  
Pruque eu sô home, também  
Perfiro virá graveto  
Mas hei de sê o teu bem.

**Maria:** seu cara de orangotango  
Vai puxa carro de bois...  
Daqui há pouco eu me zango  
E tu te queixa depois.

**Serrado:** Sô cara de quarqué bicho  
Você póde me xinga...  
Mas quero tê meu capricho  
Maria, vou te beija.

**Maria:** por causa de teu capricho

Vai recebê a lição  
Apezá de tu sê lixo  
Vô te metê a mão.

**Serrado:** Tu tem sangue de serpente  
Mas isso não fica assim...  
O diabo é meu parente  
E vai se vingá por mim.

**Maria:** minha cabeça não nega  
Vai te embora cantadô...  
Enquanto eu não ficá cega  
Hei de ver bem o amô!<sup>1</sup>

LEONARDO MOTA (2002) em seu *Sertão Alegre* fala sobre uma certa **Rita Medero** ou **Rita Mêdera**: A cantora residiu no Retiro da Boa Esperança, município de Barras, Estado do Piauí. Morreu sexagenária em 1901 ou 1902.

“**Rita Medeiros** é um tipo celebrizado pelos cantadores do Maranhão, Piauí e Ceará. Nos sertões desses Estados colhi abundantes informes sobre essa extraordinária mulher. Era cantora e alcoólatra. Pornográfica, requestavam-na para reuniões patuscas. Tinha um ritmo especial, mui aligeirado ou agalopado e formava sempre estrofes de mais de dez versos. Pena é que de **Rita Medeiros** a tradição oral só conserve a lembrança do viver boêmio e a toada musical de seu cantar. Versos por ela compostos ninguém os repete. Ela vive na lembrança dos cantadores contemporâneos”.

O mesmo LEONARDO MOTA (1961) em *Cantadores* nos diz que ouviu, por diversas vezes, pelo noroeste cearense, os versos da repentista. “Esses versos constituem

uma cantiga amorfa cheia de incongruências de pensar. É, entretanto, muito popularizada e a vivacidade da música realiza o milagre de não tomar fastidiosa a sua audição. Dela se fizeram paródias obscenas que um ou outro cantador boêmio repete só para homens... Das numerosas estrofes cantadas por Anselmo Vieira anotei as que se seguem:

Sa Rita Medêro  
É muié de calaça,  
Só não caso com ela  
Devido à cachaça;  
Ela pega queda de corpo,  
Derruba touro de raça...  
Pelo batido da pedra  
Eu pego pela fumaça,  
Gosto de festa e batuque,  
Sou cabôco de relaxo,  
E quem cuidá que sou fême  
Se engana porque eu sou macho...

Eu ando zangado,  
Sa Rita Medêro,  
Tu fala de mim  
Aos meus paricêro...  
Latra, cadê tua banha?  
Banha, cadê o teu chêro?  
Home, cadê tua bôlsa?  
Bôlsa, cadê teu dinhêro?  
Se eu ando sujo - sou porco,  
Se me alimpo - sou facêro,

---

<sup>1</sup> *Transcrição fiel extraída de Joseph Maria Luyten. Literatura de cordel em São Paulo. São Paulo, Edições Loyola, 1981.*

Se brigam comigo - eu brigo,  
Se brigo - sou arenguêro...

Sa Rita Medêro  
É muié de arrelia...  
Isto é marcha de comboio,  
É roído de todo dia!  
Eu fui ao mato caçá  
E eu matei uma cotia  
Na cabeça dêste lebre  
Eu comi quatorze dia,  
Comi lebre, vendi lebre  
E dei lebre a quem queria,  
Mas um quarto dêste lebre  
Eu mandei pro Maranhão,  
Comi lebre, vendi lebre,  
Botei lebre pelo chão...

Quando acaba ternantonte  
Eu vi uma fia dela,  
Na casa de um sapateiro  
Mandando fazer chinela...  
No passá de uma porteira,  
No saí de uma cancela,  
No batente de uma porta,  
No entrá de uma janela,  
Abracei a cunhãzinha,  
Quebrei-lhe quatro costela...  
Se esta cunha caçoá,  
Nunca mais que ela encabela...

Sã Rita Medêro  
E muié severgonha,

Quebra o cano da espingarda,  
Só atira ca coronha,  
Come o mel e deixa a cêra,  
Pisa mio e faz pamonha,  
Só come galinha roxa,  
Cabra da pinta-colonha...  
Assim mesmo dêste jeito,  
Inda diz que tem vergonha  
O diabo mija na rêde,  
Diz que é Água de Colônia...

Sã Rita Medêro  
Mandou me dizê  
Que eu não andasse de noite  
Que queriam me prendê  
Não sou massa de araruta,  
Nem batata de anoê,  
Não choro sem apanhá,  
Não corro sem vê de quê...  
É pra Você e pra mim,  
É pra mim e é pra Você...  
Quem se mistura com porco  
Farelos vem a comê...

Eu dei um beijo na cabra,  
Já vi bicho pra fedê  
Que o diabo mija na rêde

Com                   preguiça                   de                   descê...                   \*

(MOTA, 2002)

---

\* *As Transcrições deste capítulo seguiram fielmente a bibliografia original*

Ao comentar sobre o fato de alguns cantadores dizerem : “*cantar à Rita Medera*”, o autor de *Sertão Alegre* comenta:

“Penso que cantar à **Rita Medera** significa celebrar-lhe a fama e fazê-lo no ritmo de que ela se socorria, tanto que só se consideravam versos da **Rita Medêro** aqueles em que se alude ao nome da mesma” (MOTA, 2002).

E ainda:

“Um dos melhores informantes que tive a respeito dessa personalidade legendária foi o Sr. Alarico da Cunha, funcionário da Booth Line e Cônsul de Portugal em Parnaíba. O Sr. Alarico, que é maranhense, lembra-se de a ter visto no lugar "Bonito", do termo de Caxias, e diz que ela era casada com Henrique Medeiros, marido complacente que permitia abandonasse a mulher o lar durante semanas e semanas ou que a fossem tirar de casa, alta noite, para festas e funçanatas” (MOTA, 2002).

Convém uma observação: sabe-se que a mulher violeira tem por principal adversidade a família, leia-se a figura do pai e posteriormente do marido. São várias repentistas que se queixam sobre esse particular. É curiosa a informação trazida por Leonardo Mota já que consiste em um fato bastante singular.

Em seu *Vaqueiros e Cantadores*, LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (1986) escreve sobre **Maria Tebana** (Rio Grande do Norte, século XIX), que ela possuía uma das mais fortes e lindas vozes de que o Sertão se orgulhava. “Versejava com rapidez e o seu repente era assustador. Tocava bem viola e compunha, de ouvido, "rojões" e "baianos" repinicados e tradicionais. Passou a termo de comparação. Tocar como **Maria Tebana!**

Bateu-se com Manuel do Riachão, negro afamado, de Araruna, mais tarde cego e ainda mais respeitado, ficando a luta indecisa. Esse é o desafio mais falado de **Maria Tebana**”:

**Tebana:** Vou fazê-lhe uma pergunta  
Pra você me distrinchá,  
Quero que me diga a conta  
Dos peixe que tem no má.

**Riachão:** Você vá cercá o má  
Com moeda de vintém,  
E eu então lhe digo a conta  
Dos peixe que nele tem ...  
Se você nunca cercá,  
Nunca eu lhe digo também ...

Também LEONARDO MOTA, ainda em *Cantadores*, apresenta este outro duelo entre **Maria Tebana** e Manuel do Riachão:

**T.-** Nêgo prêto, cô da noite,  
Do cabelo pixaim,  
Primita Nossa Senhora  
Bacaiou seja o teu fim!

**R.** - Você me chama de nêgo  
Do cabelo pixaim,  
Queria que ocê dissesse  
Que dinheiro deu por mim...

Santo Antônio tem um vintém,  
As almas um Padre nosso,  
Prêsse nêgo arremetê

Que eu quero quebrá-lhe os osso...

Eu, cumo já tô com raiva,  
Te rogo uma praga ruim:  
Deus primita que te nasça  
Bouba, sarampo e lubim,  
Procotó, bicho de pé,  
Inchaço e moléstia ruim.

Nêgo que cantá comigo  
Lave a bôca com sabão,  
Se não lavá bem lavada,  
Comigo não canta não...

Maria Tebana, agora  
Digo uma graça contigo:  
A reima do bicho home  
Nasce da maçã do figo,  
**E** a reima do bicho feme  
Eu sei, mas porém não digo...  
Pois agora me responda,  
Nêgo Manuel Riacháo,  
Que é que não tem mão nem pé,  
Não tem pena nem "canhão",  
Não tem figo, não tem bofe,  
Nem vida, nem coração,  
Mas eu querendo, êle avoa  
Trinta palmo alto do chão.

O que não tem mão nem pé,  
Não tem pena nem canhão,  
Não tem figo, não tem bofe,  
Nem vida, nem coração

É um brinquedinho bêsta,  
De menino é vadiação:  
É um papagaio de papel  
Enfiado num cordão...

Vou fazê-lhe outra pergunta  
Que você fica ariado:  
Quero que você me diga  
O que é mal-empregado.

Tebana, eu vou te dizê  
O que é "mal-empregado":  
É uma moça bonita  
Casá cum rapaz safado;  
É um vaqueiro ruim  
Num cavalo bom de gado;  
Palitó de pano fino  
Num corpo mal-amanhado;  
É um cabra preguiçoso  
Abri um grande roçado:

Abre, planta e não alimpa,  
Perde o legume plantado...  
Disso tudo é que se diz,  
Ô meu Deus! mal-empregado!!!...

(MOTA, 1961).

Outra repentista do Século XIX é **Francisca Maria da Conceição**, Francisca Barrósa ou **Chica Barrósa**, nasceu em Patos, Estado da Paraíba e viveu do final do Século XIX e começos do Século XX. Segundo diz-se "Era alta, robusta, mulata, simpática e bebia e jogava como qualquer boêmio". Tinha voz regular e diz-se que como repentista era notável.

Transcrevemos abaixo o seu desafio com Zé Bandeira: (WILSON, 1986).

Agora seu Zé Bandeira,  
Reze ato de contrição,  
Vou fazê-lhe uma pergunta,  
Me dê certinha a lição:  
Me diga qual o vivente  
Que tem cinco coração.

Lição assim não estudo  
Que isso pra mim é regalo!  
Pode perguntá um cento  
Que eu com essas não me calo ...  
Quem tem cinco coração  
É um bruto ou um cavalo,  
Tem o coração comum  
E as quatro feme do casco ...  
Pergunte mais, se subé,  
Que eu com isso não me enrasco.

Pois agora Zé Bandeira,  
Responda o que eu lhe dissé:  
É rapa sem sê de pau,  
Rapa sem sê de cuié  
É rapa e não rapadura,  
Me diga que rapa é.

É rapa sem sê de pau,  
Rapa sem sê de cuié,  
Eu já te dou o sentido  
Te digo que rapa é,

É rapaz e é raposa,  
Rapariga e rapapé ...

Em *Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do Sertão*, LUIZ WILSON transcreve outra contenda atribuída à **Chica Barrosa**; é a que transcrevemos a seguir com o cantor cearense Neco Martins, de Paracuru.

- A Barrosa se zangando  
Lhe dá uma grande pisa,  
Daquelas de engrossá couro...  
Vela lá que ela lhe avisa!

-Inda que o diabo lhe atente,  
Nem assim isso acontece;  
Porque de peta no lombo  
Eu nunca achei quem me desse.

-Não me ameace de peia  
Que me faz ficá danada;  
Eu não sou sua cativa  
Nem também sua criada;  
Se continuá assim,  
Vê nêga desaforada...

-Você pode se daná  
E ficá desaforada!  
Porém, se cantá comigo  
Com cantiga arrebatada,  
Tem sorte de tartaruga:  
Morre na beira virada!

-Neco, você não se esqueça  
De que eu sou nêga atrevida...  
Eu, no dia em que me estovo,  
Só canto é à tôda brida...  
Meus olhos se acacurutam,  
Fica a venta retorcida;  
Cantadô macho é bobage,  
Não pode com minha vida.  
-Barrosa, tu não te exalta,  
Tu deixa desta imprudência,  
Vigie que a mió virtude  
É calma com paciência  
Acho que hoje eu faço aqui  
O que dói-me a consciência...

-Não preciso de conseio  
Porque já não sou menina;  
Faço tudo quanto quero,  
Isso desde pequenina...  
Eu nas minhas brincadeira  
Sempre fui nêga traquina!

-já perdi a paciência!  
E Neco, quando se assanha,  
É serpente venenosa,  
É ferroadada de aranha,  
Entra na maçã do peito,  
Vai batê lá nas entranha...  
Eu respeitei o oditoro,  
A gente de cirimonha,  
Mas infeliz da pessoa  
Que não sabe o que é vergonha!  
Por isso, nêga, eu agora

Dou-te uma pisa medonha...

-Pisa medonha dou eu,  
Do cabelo se arrancá,  
De fofá couro do lombo,  
Do pescoço ao calcanhá...  
Minha pisa é venenosa  
Que não se pode curá...  
Cada tacada que eu dou  
Vejo pedaço avoá...

-Barrosa, em carnificina  
Coisa pió eu te faço:  
Corto-te os pés pelas junta  
Sem encontrá embaraço;  
Corto as junta nos joéio,  
Separo cada pedaço;  
Corto na junta das coxa,  
Desligo do espinhaço;  
Corto as mão pelas munheca,  
Para o pescoço me passo;  
Tiro a cabeça do corpo,  
Retainho todo o cachaço;  
Bato com tudo no chão  
Até ficá em bagaço!... (WILSON, 1986)

"O maior encontro de **Chica Barrósa**, parece ter sido, porém, o que teve com o Cel. Manuel Martins, no qual diz **Chica** ao Coronel, a certa altura do embate:"

"Me danei numa certa ocasião  
Fiz a água do mar parar o açoite,  
Fiz o dia nascer à meia-noite,

Transformando-se a noite num clarão,  
Fui ao céu escanchada num trovão,  
Um curisco me vendo se escondeu,  
Um raio ia descendo, não desceu,  
Fiz da lua um planeta vagabundo,  
Coloquei quatro roda neste mundo,  
Mandeí a terra correr, ela correu."

Resposta do Cel. Neco Martins

"Para enganares os tolos deste mundo  
Uma bela mentira tu contaste,  
O açoite do mar tu não paraste,  
Que o mar é irascível, iracundo!  
O abismo do céu é tão profundo,  
Que um simples trovão é inatingível!  
Nascer o sol à meia-noite é impossível,  
Segundo a lei da física celeste,  
Fica, assim, pois desdito o que fizeste,  
De ninguém dar-te crédito estás passível."

"Extraordinário, sem dúvida, o Cel. Neco Martins, enganado, no que diz respeito a ser impossível o sol nascer à meia-noite. Não ouvira falar ainda, evidentemente, na "aurora boreal", conta-se que um dos espetáculos mais belos do mundo, observado todos os anos, entre os dias 5 de junho e 9 de julho, em Kiruna, Europa Setentrional, parte sul-oriental da Escandinávia.

Vimos antes, também, que a peleja terminou com o Coronel puxando a "arma" para alvejar **Barrósa**, que não teve outra alternativa senão correr, voltando depois de serenados os ânimos e improvisando estes versos:" (WILSON, 1986).

"Nesta nossa cantoria,  
Estremeceram-se os céus,  
Até os mortos ouvirem  
No fundo dos mausoléus  
Com o abalo acabou-se  
A raça dos fariseus,  
Com o destino findou-sê  
A raça dos Prometeus!  
Só o mundo tem liberdade  
E o infinito tem Deus!  
Colega Neco Martíns,  
Aceite meu triste adeus."

Segundo conta José Rodrigues Carvalho, a celebre poetisa acabava as suas toadas com o seguinte estribilho:

"A nega Chica Barroza  
É faceira e é dengosa."

"Sobre **Josefa Anselmo de Sousa** ou **Zefinha Anselmo**, filha do famoso cantador Anselmo de Sousa, o que me foi possível saber é ter sido a mesma de São Benedito, Estado do Ceará, onde nasceu a 01.08.1915 e que era filha de Anselmo Vieira de Sousa, nascido em 1867 na fazenda Ilha Grande, perto da povoação de Novas-Russas, município de Ipoeiras (CE), vivendo longos anos em Ipu, onde o conheceu Leonardo Mota."

"A este declarou Anselmo jamais ter vivido do "ufiço", ou seja, nunca se ter dedicado a vida nômade dos cantadores de profissão. Sem nunca ter lido nem a "cartia", sempre fez versos" (WILSON, 1986).

"Canta apenas na toada das pelejas em sextilha, não poucas vezes acontecendo que, com um jeito particular aumenta o

número de cada estrofe, passando a cantá-las no ritmo de baião".

Sem outro cantador, com o qual perante Leonardo Mota, se entretivesse em desafio, cantou para o mesmo as primeiras estrofes que esse velho folclorista e estudioso de nossa poesia popular ouviu de Anselmo" (WILSON, 1986).

"Pra cantá na sua casa,  
Meu patrão me dê licença,  
Se a cantiga não fô boa,  
Desculpe Vossa Incelença,  
Que, às vez, as coisas não sai  
Do jeito que a gente pensa.

Não tem outro cantadô  
Pra me ajudá um tiquim ...  
O cantá de dois é bom,  
O ruim é cantá sozim,  
A gente andando de dois,  
Encurta mais os camim ...

Patrão, eu tou lhe pedindo  
Sua boa proteção,  
Deixei o meu naturá,  
A poeira do meu chão  
E vim pra esse lugá  
Coberto de precisão,  
Me valendo dum e doutro  
Mode vê que é que me dão,  
Só não quero que me digam:  
Vá trabaiá, seu ladrão!". . .

"A propósito de "**Guriatan**", ainda Coutinho Filho, transcreve em seu "**REPENTISTAS E GLOSADORES**", as estrofes

seguintes de uma peleja entre a mesma e o violeiro famoso e de voz bonita Romano Elías da Paz, na residência de João Pereira de Sousa, no interior do Estado de Pernambuco:" (WILSON, 1986).

Quero que me dê licença  
Seu João Pereira de Sousa,  
Velho, rapaz e menino,  
Home casado e esposa,  
Prá vê se este preto canta  
Comigo, hoje, alguma coisa.

Seu Sousa, licença eu peço  
Para pegar nesta louça...  
Rico, pobre, branco e preto,  
Grande e pequeno me ouça,  
Pois quero ver se esta velha  
Se lembra quando foi moça.

O senhor diga o seu nome,  
Se é pagão ou batizado,  
O lugá aonde mora  
E foi nascido ou criado,  
Diga desde quando canta,  
Se é solteiro ou casado.

Meu nome é Romano Elias,  
Paraibano do Norte,  
Batizado em Mamanguape,  
Na Igreja da Boa Sorte,  
Faz nove ano que canto,  
É casado e tem consorte.

É raro um home dizer  
O que você disse agora  
Pois sempre quando voces  
Andam pelo mundo afora,  
Não diz nunca que é casado  
Nem o lugá onde mora.

Não apoiado, senhora,  
O home tem sensatez!  
Ele é a imagem de Deus,  
Fiel, prudente e cortês!  
A senhora é contra o home?  
Que mal o home lhe fez?

Eu lhe digo o home quem é,  
Pois com home fui casada!  
Ele acabou meus haveres  
Dando a uma namorada  
Carregou ela e deixou-me  
Com um vestido e mais nada.

Mulher faz home sofrer  
Não tem este nem aquele.  
Por que vosmicê não diz  
Que desgosto deu a ele?  
Va vê que foi a senhora  
Que fez a desgraça dele.

Nunca dei desgosto a ele  
Antes eu lhe tinha amõ...  
Porém todo home é  
Falso - ingrato, namoradô...  
Vive iludindo 'as mulheres

Dum Modo que faz horrô.

Não nasceu home no mundo  
Pra enganá a mulher!  
Ela, sim, engana o home,  
As vezes que bem quisé, .  
Se não engana a Jesus,  
Mas engana Lucifé!

As mulheres sofre muito  
Qualqué home de hoje em dia  
Veve nas ponta das rua,  
Por cabaré e folia,  
Quando, volta de manhã  
Inda qué que a pobre ria.

O home casado sofre  
Uma vida dura e crua,  
Quando a Mulher com ciúme  
Fala dele pela rua...  
São essas que têm a vida  
Parecida com a sua.

Atrevido e confiado!  
Provou com o verso seu,  
O home quanto é Maldoso,  
Suspeitador e judeu ...  
Censuras a minha vida  
Sem conhecer quem sou eu ...

"A respeito de **Inês Gomes de Freitas Ferreira**, também admirável glosadora e repentista, é filha de Severino Gomes de Freitas (Biu Gomes) e casada com José Ferreira Filho, um amigo

de **Inês**, depois de voltar desolado de uma viagem ao Sul, aonde fora em busca de trabalho, deu-lhe, faz algum tempo, este mote:" (WILSON, 1986).

"Só partindo é que se sabe  
Como era bom ter ficado."

**Inês** glosou, na ocasião:

"Parte gente todo dia  
Para as capitais do Sul.  
Pensando no mundo azul,  
Repleto de fantasia,  
Porém a sua alegria  
Acaba mal tem chegado,  
Só o serviço pesado  
No mundo inteiro lhe cabe,  
Só partindo é que se sabe  
Como era bom ter ficado."

Além das cantadoras referendadas ainda se tem notícia de **Naninha Gorda do Brejo**, **Luísa de França**, **Terezinha Tietre**, paraibana do Cariri, e **Salvina** que segundo José Rodrigues Carvalho, "é uma bela rapariga de côr branca, não há muito tempo fazia as delícias dos apreciadores da trova do povo, cantando admiravelmente e tocando viola, acompanhada de um cortejo de admiradores de chapéu de couro e cacete.

**Cantiga de Salvina:**

Tamuatá de seu Ignácio,  
Cambambe de Zé Vicente,  
O ôlho d'água que não seca

E lugar impremenente .  
Acorda quem está dormindo,  
Acalenta quem está doente.

Salvina quando vadeia  
Até os paus se balança  
Os meninos que vêem choram  
Solungam todas crianças  
Seu Chiquinho do Cambambe  
Zefa mandou-lhe lembrança.

Mandara -me assoletrar  
Cinco nomes na carreira  
Campina, Curral de Cima,  
Jardim, Tarama, Teixeira

Mandaram-me assoletrar  
Quatro nomes escabonado:  
O Cambambe e o Tamautá  
Coité e Serra do Gado.

Bravo Francisco Sant'Ana.  
Bravo Manuel Cabeceira,  
Bota no chão que eu amarro,  
Derruba, que eu faço esteira.  
Carreiro de Santiago.  
Corre de barreira a barreira.  
Cel. Pereira foi morto,  
Foi morto Manuel Pereira.

Há registros ainda da lendária **Maria Assunção do Senhor**, a **Vovô Pangula**, diz-se que era um exemplo de competência na arte do improviso. Piauiense de Simplício Mendes, Sertão, nasceu no dia 25 de novembro de 1918. Não era alfabetizada, não assinava o nome,

porém seus versos impressionavam pela coerência e agilidade. Segundo AMORIM e RAFAEL (2002), a poetisa chegou a Terezina em 1941, trabalhou de empregada doméstica e apesar de pobre era bastante vaidosa. Faleceu no dia 4 de setembro de 1990, com 72 anos.

“Certa vez cantando com um cantador que terminou a estrofe com o verso:

Se eu sou melhor Piauí  
como é que vou perder pra vovó?

Pangula respondeu:

É melhor que respeite esta vovó  
A estrela de nossa Teresina  
Enfrentei repentista de Campina  
Dei em todos que vi em Mossoró  
João Pessoa, Natal e Maceió  
Fortaleza meu nome é respeitado  
Pra cantar um martelo agalopado  
Violeiro só faz se eu quiser  
O homem que apanha da mulher  
Nunca pode dar parte ao delegado.”

Não menos relevante é a existência de **Zefinha do Chambocão**, cantadora ou repentista do Estado do Ceará ( séc. XIX ), sabe-se que cantou com Jerônimo do Junqueiro, também daquele Estado.

O fragmento a seguir foi recitado para Leonardo Mota, por Sinfrônio Pedro Martins, cantador de feira e cego desde o primeiro ano de idade.

Aí eu fui me enjoando  
Dessas pergunta abestada  
E disse: - Dona Zefinha,  
As suas tão inteirada,

Agora vou fazê uma,  
Quero ela respostada:  
Qual foi a fôia no mundo  
Que Deus deixou sem beirada?

Jerome, deixa de coisa...  
Não duvido de ninguém,  
Mas fôia sem ter beirada  
Eu juro como não tem.

Senhora Dona Zefinha,  
A dona não canta bem. . .  
- Pergunte a quem adivinha  
Que eu não pergunto a ninguém,  
Veja a fôia da cebola,  
Nenhuma beirada tem.

Em seu *Dicionário bio-bibliográfico* de repentistas e poetas de bancada, Átila Augusto de Almeida e José Alves Sobrinho citam as seguintes poetisas: **Anita Lopes de Almeida (1932)** de São José do Egito, **Corina Torres de Andrade, Josefa Maria Anjos, Maria Benta de Araújo (1939)** natural de Cacimba de dentro, Paraíba, a piauiense **Terezinha Rodrigues, Maria das Dores Pereira (1914)** que viveu em Itabaina no Estado da Paraíba, **Iracema Gomes**, natural de Patos, **Alayde Lima**, a maranhense **Camila Martinzão, Maria José de Oliveira, Marinêz da Silva, Zaíra Dantas da Silva, Amélia Sirlaco e Otília Soares(1915) de Campina Grande na Paraíba.**

Efetivamente, é por demais relevante que o lirismo português das cantigas de amigo tenha cedido à mulher a iniciativa de um canto. Porém, mais relevante que a marca de uma escritura feminina é ter esta escritura produzida por mulheres. Aqui, a voz poética não é mais uma mimesis, transfiguração do discurso do outro, contudo a voz que durante muito tempo se tentou calar e afinal insurgiu da terrível clausura.



Milonga a si,  
para cantaria a mi gente.  
Yo canto para encontraria  
y si alia me escucha  
mi canto hace falta.

(H. Negro – O. Avena)

### 3. ARTESÃS MNEMÔNICAS: **BREVE APRESENTAÇÃO**

Seguindo os passos pioneiros das cantadoras reveladas no capítulo anterior, se tem notícia de, no mínimo, vinte mulheres repentistas.

Interessa notar que algumas delas trazem em seus “*nomes*” marcas de uma sociedade patriarcal. É o caso de **Severina Maria**, filha de um certo Severino Bonzinho, ficou mesmo conhecida, não apenas no mundo do improviso mais pela vida afora, como **Bio Bonzinho**. Outro fato curioso é o caso da poetisa **Minervina Ferreira**, cujo pai era ferreiro e daí ganhou o seu sobrenome.

Ignorando os preconceitos sociais, estas artistas subvertem a ideologia dominante em uma “*aventura da poesia*”.

A seguir, uma concisa apresentação de quatorze improvisadoras, sendo doze violeiras e duas emboladoras.

### 3.1. Terezinha Maria (LAGOA DO OUTEIRO, BUENOS AIRES – PE )

Num recanto da zona da mata em Lagoa do Outeiro, Buenos Aires, vive **Terezinha Maria**, mulher simples e carismática que traz a arte como profissão de fé. Sua infância no campo, contribuiu para aguçar sua sensibilidade artística. Quando criança, assistia ao pai se apresentar com seu teatro de bonecos e hoje, é ela quem manuseia bonecos para ganhar a vida.

Aos seis anos de idade, já pensava em escrever poesias e durante as apresentações de cantoria de pé de parede, começou a sentir um desejo recôndito de também ser cantadora. Quis o destino que ela um dia conhecesse o poeta Manuel Chudu, de quem se tornou amiga e discípula. Não tardou a enveredar pelos caminhos do repente. Participou de várias cantorias e de todos os Encontros de Mulheres Repentistas.

Como a maioria das improvisadoras, não concluiu seus estudos primários, no entanto, **Terezinha** tem sede de saber. Procura sempre se manter informada, lendo jornais, revistas, poesias e tudo o que lhe cai à mão.

Com quarenta e três anos de idade e dezenove de cantoria, ela diz que sua arte não é apenas para sua subsistência, porém para tentar despertar na mulher a consciência de seus direitos. E versifica:

A mulher no passado não foi bem  
Em tudo que ela imaginou  
Que o homem imbecil lhe desviou  
Escondendo o talento que ela tem  
Hoje temos mulheres na FEBEM  
Dando aulas aos órfãos pequeninos  
E outra rendendo assassinos  
E levando pra mão da delegada  
Acabou a mulher escravizada  
Pelos brutos caprichos masculinos. <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Trecho improvisado na residência da cantadora, a 6 de janeiro de 2003.

### 3.2. Severina Maria da Silva (CARPINA – PE)

**Bio Bonzinho** é o cognome de **Severina Maria da Silva**. Nascida no Engenho Conceição, município de Nazaré da Mata, desde cedo manifestou o interesse pela arte do repente, já que em sua infância era comum a presença de cantadores em sua casa, pois seu pai apreciava a arte e sempre que possível, os convidava para as festas que organizava.

Começou a cantar aos quatorze anos e ao contrário de outras poetisas, sua família sempre a apoiou. Perguntada sobre os temas mais freqüentes em seus versos ela diz preferir cantar sobre o amor e a infância de que tem boas recordações.

Além de subverter o universo da cantoria, **Bio Bonzinho**, certa vez, durante o Carnaval, participou de uma apresentação de **Maracatu de baque solto**. Pasmem! Não quanto coralista, o que é comum para as mulheres, porém criando versos de improviso. Talvez, ela seja a única mulher a ter sido mestra de maracatu, ainda que tenha sido apenas por um curto período.

Atualmente, vive no bairro do Cajá no município de Carpina, e só muito raramente tem a oportunidade de improvisar. Quando isso acontece, ela pode reviver com alegria os tempos em que era freqüente seus improvisos em pés de parede.

Orgulhosa de sua aptidão como cantadora ela faz questão de dizer: “Ninguém me ensinou a cantar, foi um dom que Deus me deu.”

### 3.3. Mocinha de Passira (PASSIRA - PE)

Doces versos, inquietação e uma inspiração que faz inveja a muitos cantadores por este Brasil. Maria Alexandrina da Silva, ou melhor, **Mocinha de Passira** é uma das veteranas na cantoria de viola. Entrou para o mundo da cantoria com doze anos de idade e durante este tempo conquistou enorme prestígio neste universo.

Diferente de outras colegas, seu pai sempre aprovou a sua vocação e foi quem ajudou a organizar a sua primeira cantoria. Como as outras violeiras, sua vocação foi despertada ao assistir cantorias na região onde vivia, na cidade de Passira. Hoje, **Mocinha** vive improvisando seus versos por todo o país e teve o privilégio de, junto com a repentista **Minervina Ferreira**, ser a primeira dupla de violeiras a gravar um compact disc.

Nós vivemos o perfil  
de um quadro bastante escuro  
com desarmonia inteira  
deixando o povo inseguro  
não queremos que esse quadro  
aconteça no futuro. <sup>2</sup>

### 3.4. Mocinha Maurício (ARAÇOIABA - PE)

---

<sup>2</sup> *Fragmento do compact disc Mulheres de repente – Minervina Ferreira e Mocinha de Passira*. São Paulo: UMES, 1999.

**Mocinha Maurício** começou a cantar com dezoito anos, no Engenho Pio XII, e desde lá nunca parou. Infelizmente, ainda não lhe é possível viver apenas da cantoria e por isso, há três anos, trabalha como servente na Prefeitura de Araçoiaba, município onde reside.

Fala sem saudades da sua infância quando trabalhava em roça alheia. E descontente daquela vida, certa vez decidiu que ganharia a vida como cantora, nunca conseguiu.

Participou de vários encontros e algumas vezes se apresenta com sua irmã, **Santinha Maurício**, no Pátio da Cuscuzeira em seu município, mas lamentavelmente, o ganho não dá para o sustento.

Como muitas, **Mocinha** não dispõe de nenhum registro de sua arte e lamenta que as autoridades locais valorizem tanto outros estilos musicais e não divulguem a cantoria. No entanto, por mais adverso que seja a sua vida como poetisa, ela sonha em viver de sua arte.

Em dois mil e três eu digo  
Todos vão ficar contente  
E eu também estou satisfeita  
Que meu Brasil vai pra frente  
Porque o Lula da Silva  
É o nosso presidente. <sup>3</sup>

### 3.5. Santinha Maurício (ABREU E LIMA - PE)

---

<sup>3</sup> Trecho gravado na residência da cantora, a 9 de janeiro de 2003.

**Josefa Maria da Silva**, filha de seu Maurício, de quem herdou o pseudônimo nasceu na Fazenda Câmara. Sua infância em Pedra Tapada, Salgadinho, é marcada pela dificuldade do trabalho na roça e conseqüentemente pela ausência de estudos formais.

Já está nessa vida de cantoria há trinta e três anos. Participou da gravação de um vinil e de um vídeo durante os anos setenta, segundo ela nada recebeu do resultado de seu trabalho, salvo um disco.

Dentre as cantatrizes, **Santinha** considera **Mocinha de Passira** e **Minervina Ferreira** as mais talentosas, que segundo ela, vivem mais livremente cantando e por isso têm mais espaço. Como muitas, seu sonho era viver da cantoria e tem o consentimento do marido para isso, no entanto reclama da falta de espaço para a mulher no universo do repente, bem como os trabalhos domésticos e os cuidados com a família.

Atualmente, vivendo em Abreu e Lima, ela trabalha como costureira em uma grande confecção do estado de Pernambuco, porém quando há possibilidade, a artista empunha sua viola e segue estrada cantando seus versos.

A mulher tá trabalhando  
Eu vou dizer quatro jeito  
ela hoje até já fica  
no lugar de um prefeito  
não é humilhando o homem  
é pra não ter preconceito.<sup>4</sup>

### 3.6. Neuma da Silva (CONCEIÇÃO - PB)

---

<sup>4</sup> Texto gravado durante entrevista na casa da cantadora a 7 de janeiro de 2003.

Semanalmente, apresentando os programas “*Todos cantam sua terra*” e “*Palco da poesia*” pelas rádios Educadora de Conceição e Ibiara, respectivamente, uma voz feminina pode ser escutada. **Neuma da Silva** apresenta estes programas que divulgam, como ela mesma diz, “*a autêntica cultura nordestina*”.

Sonhava desde menina ser poetisa, aos dezesseis começou a cantar profissionalmente, inicialmente, sofreu a censura do pai, contudo ao observar que seu destino estava profundamente ligado à poesia, este foi se acostumando e aceitou o seu fervoroso desejo.

Como a maioria das improvisadoras, **Neuma da Silva** lamenta ter abandonado os estudos formais, hoje ela busca retomar o tempo perdido e está cursando o ensino médio.

Com quinze anos de cantoria, não tem nenhum registro fonográfico e sonha conseguir registrar em disco os versos que cria.

Se o passado voltasse,  
Tudo teria mudado  
Eu só cursava o primário  
Aprendendo novidades  
E ainda namorava  
Meu primeiro namorado. <sup>5</sup>

### 3.7. Lucinha Saraiva (CUITÉ - PB)

---

<sup>5</sup> Versos gravado em Aldeia, Pernambuco, na residência de Sr. Luiz Ceará, a 15 de junho de 2003.

Seu nome é Geralda Luiza da Silva, porém prefere ser chamada de **Lucinha**. Casada, nove anos de cantoria e uma vontade férrea de insurgir com sua arte.

**Lucinha Saraiva** começou nessas veredas muito tarde, mas com o incentivo e orientações de **Minervina Ferreira**, que viu nela uma grande força de vontade, não tardou a pegar o jeito de versificar com maestria.

Sua poética tematiza as marcas do preconceito sofrido e por isso traduz em seus versos a discriminação contra a mulher, assédio, dentre outros problemas sociais.

Assédio sexual  
Surge na ocasião  
Que a emprega trabalha  
A fim de ganhar o pão  
E é seduzida pra cama  
Pelo seu próprio patrão.<sup>6</sup>

### 3.8. Maria Soledade (JOÃO PESSOA - PB)

---

<sup>6</sup> *Extraído do compact disc Série O Melhor de Repente Nordestino (cantoria de viola) vol. 2– Lucinha Saraiva e Luizivan Matias. São Paulo: RB Music.*

<sup>6</sup> *Trecho extraído do compact disc Série O Melhor de Repente Nordestino (cantoria de viola) vol. 2– Lucinha Saraiva e Luizivan Matias. São Paulo: RB Music.*

Camponesa aposentada, porém ainda ativista do Movimento de Mulheres do Brejo, de Alagoa Grande, **Maria Soledade**, hoje vivendo em João Pessoa por causa de perseguição política, ganhou do pai, quando criança, um violão. Interessante é que sua mãe não aprovou a idéia: "Cantar é negócio pra homem", dizia. Mas com a aprovação do pai, não seria tão difícil à entusiasmada menina seguir em frente. Os preconceitos que viriam, por maiores que fossem, não tinham o mesmo peso.

Artista engajada, **Soledade**, além de repentista, escreve poemas, muitos deles trazem marcas ideológicas que quando publicados lhe rendem alguns problemas com poderosos latifundiários do Nordeste.

A vida dessa mulher está inteiramente ligada à arte da cantoria e conhecendo-a não nos surpreende uma certa afirmação que fez ao marido: "Marido ruim eu encontro em qualquer esquina, mas uma viola boa, se eu perder essa tá difícil de encontrar".

A mulher hoje em dia joga bola  
No esporte garante seu talento  
Ocupando melhor o seu espaço  
Mostrando melhor conhecimento  
É guerreira fiel do improvisado  
Sustentácula maior do movimento.<sup>6</sup>

### 3.9. Luzivan Matias (CUITÉ - PB)

---

Sobrinha de **Minervina Ferreira, Luzivan Matias** é para o poeta Sebastião Marinho uma das mais talentosas cantatrizes. Começou a se interessar pela cantoria com onze anos quando observava sua tia, **Minervina Ferreira**, porém esbarrou em um obstáculo: a desaprovação do pai. Receoso de que ela se entusiasmasse com a arte, este a mandou para São Paulo, onde mora seu irmão, mas ao contrário do que o pai pretendia, lá com a ajuda do irmão, ela foi se aprofundando nos labirintos do improviso.

Tão logo a conheceu, o cantador Sebastião Marinho tratou de instruí-la. E sentindo o talento prestes a insurgir, tratou de organizar cantorias para que ela pudesse exercitar seu potencial.

Após anos trabalhando como doméstica, hoje, ela é das poucas repentistas que vivem da arte. E junto com a poetisa **Lucinha Saraiva**, recentemente imortalizou sua voz em um compact disc.

No momento em que o patrão  
Faz seus planos imorais  
Olha pra empregada e diz:  
"você passa a ganhá mais  
Se aceitá ter comigo  
Relações sexuais."<sup>7</sup>

### 3.10. Luzia dos Anjos (BEBERIBE- CE)

---

<sup>7</sup> *Extraído do compact disc Série O Melhor de Repente Nordestino (cantoria de viola) vol. 2– Lucinha Saraiva e Luzivan Matias. São Paulo: RB Music.*

Nascida em Beberibe, há quarenta e seis anos, Luzia dos Anjos costuma dizer que já nasceu repentista. Sua infância andando a cavalo, montando boi brabo, já denunciava a mulher forte que viria.

Sua opção pela cantoria resultou em discórdia com a mãe, porém isso não foi empecilho para que ela seguisse versificando. Fugia com frequência e soltava a voz onde quer que houvesse um pé de parede.

A poetisa costuma dizer que sua humildade é seu principal instrumento e com ela recebeu orientações preciosas de cantadores renomados como Antônio Ferreira, Zé Duda, Rogaciano Lopes, Chico Sobrinho...

Atualmente, ela não vive da cantoria, trabalha em uma escola municipal na cidade onde vive, mas sempre que o repente clama, ela empunha sua viola e esgrime seus humildes e precisos versos.

Eu acho muito legal  
Cantar pra turma educada  
E foi por isso que eu  
Botei o pé na estrada  
Estou começando agora  
E só paro de madrugada.<sup>8</sup>

### 3.11. Francisca Maria **da Silva** (CUITÉ - PB)

---

<sup>8</sup> Versos improvisados a 15 de junho de 2003 na casa de Sr. Luiz Ceará.

Conterrânea da poetisa Minervina Ferreira, a infância de **Francisca Maria** também foi no roçado ajudando a família no plantio do feijão, porém diferente da amiga, teve o privilégio de crescer ouvindo os improvisos dos repentistas que freqüentavam sua casa. Assim, a vida difícil na peleja com a terra era esquecida quando a cantoria incendiava o espaço doméstico.

Vivenciando esse universo poético, não tardou a mostrar seu desejo e talento em tecer versos de improviso e certo dia, em uma cantoria, soltou a voz e cantou várias canções. Seu pai, orgulhoso, tratou de presenteá-la com um violão e ela começou seu aprendizado.

Anos depois, casa-se e, por imposição do cônjuge, larga a cantoria. Mas, ao perceber que não poderia viver distante da sua arte, separa-se e faz as pazes com sua viola, jurando nunca mais abandoná-la.

### 3.12. Minervina Ferreira (CUITÉ - PB)

Seu nome de batismo é **Minervina da Silva Costa**, Ferreira veio da profissão do pai. Dentre as repentistas, **Minervina** ou **Minerva**, como alguns a chamam, é das mais

experientes. Porém, ainda que seja sobrinha de cantador, enfrentou e sofre, na família, sérios preconceitos para levar adiante a profissão de cantadora.

De família bastante pobre, quando criança, não teve direito a estudar, seu ofício era ajudar o pai e os irmãos a plantarem cizal. Não fosse a persistência, a poetisa acabaria como sua irmã, que segundo ela, é talentosa cordelista, contudo devido à repressão, anteriormente do pai e hoje do marido, não pratica o ofício.

Além de repentista, **Minervina** é professora primária e trabalha na saúde pública em Cuité, onde mora desde que nasceu, desenvolve também trabalho comunitário junto à Igreja Católica. É casada e mãe de seis filhos. Todos os seus filhos sabem rimar, mas nenhum é cantador de profissão. Consciente de seu papel quanto artista, a poetisa procura imprimir em sua obra temas sociais, principalmente a condição da mulher.

Indignada com o modo como os cantadores tratam as repentistas, organizou juntamente com a amiga **Maria Soledade**, cinco encontros de mulheres repentistas a fim de tornar pública as vozes das violeiras tantas vezes sufocadas.

Não devemos parar nenhum momento  
Nossa luta é continua e progressista  
Precisamos de apoio e de espaço  
Para que nossa árvore seja vista  
Como fonte da força de expressão  
Da mulher nordestina e repentista.<sup>9</sup>

### 3.13. Lindalva Dantas Lucena ( VÁRZEA NOVA - PE)

Seu Pai, Abílio Dantas, foi cantador de viola durante anos, depois foi cantar embolada. Cabe aqui registrar este caminho inverso: é raro um violeiro tornar-se embolador,

---

<sup>9</sup> FERREIRA, *Minervina*; SOLEDADE, *Maria*. A Mulher no repente. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.

já o contrario é menos incomum. Assim, durante sua infância em Macaíba, Rio Grande do Norte, **Lindalva** acompanhava o pai em suas apresentações.

Durante anos, trabalhou na roça, de alugado, como diz. Aos nove anos, começou a cantar embolada, porém afirma que apenas se profissionalizou há dez anos, quando começou a viajar com outros emboladores ou com sua irmã, **Terezinha**.

Hoje com cinquenta e dois anos, já gravou dois discos, ambos com sua irmã. Segundo afirma não recebeu nenhum recurso pelo trabalho do primeiro, mas fica feliz por ter seu trabalho divulgado, enquanto muitos emboladores continuam no anonimato.

### 3.14. Odília Dantas de Lima (CURRAIS NOVOS- RN)

Nascida em Currais Novos em uma fazenda onde seu pai trabalhava, **Terezinha** ao sentir a sua tendência para a embolada, confeccionou seu primeiro pandeiro a partir de uma

lata de doce. E quando aprendeu a manejar o instrumento, começou a cantar com seu pai. No início não vivia da profissão, trabalhou na roça, foi empregada doméstica, e foi vendedora ambulante durante anos.

Tempos depois, seu pai apresentou uma certa **Joana**, também emboladeira, as duas passaram a se apresentar juntas até que **Lindalva** cresceu e as irmãs formaram uma dupla seguindo juntas até 2002 quando se separaram por divergências.

Mãe de nove filhos, atualmente vive em casa de uma filha em João Pessoa e segue improvisando em feiras e praças.

Durante as entrevistas, nos foi citados nomes de outras mulheres que já se aventuraram pelo universo do repente, porém por motivos tais como proibição do companheiro, dificuldade financeira, falta de perspectivas, dentre outros, declinaram de sua arte. Exemplo

desta realidade são as pernambucanas **Lídia Maria, Bernadete de Oliveira, Estelita José, Maria Sabino, Zeza Barbosa e Maria de Lurdes** e a paraibana **Lita Cruz**.

Lamenta-se que sendo raro o cantar feminino no terreno do improviso, as adversidades existentes sejam capazes de calarem as vozes que, já por tanto tempo, permaneceram em silêncio.



Quiero elevarme en un grito  
y tal vez pueda  
tomar el sol de la mano  
cuando se aleja  
para quitarle la luz y *la voz*.  
Mi pueblo espera.

(D. Sanchez - R. Paeta)

Para as cantadoras, o encontro de repentistas é o momento mais importante da cantoria. Talvez porque nesse momento elas deixam de ser “*anônimas*” e passam a ser conhecidas por um grande público. Porém há outros tipos de cantoria e segundo as cantatrizes, não é durante os congressos que se pode avaliar a destreza e talento das poetisas.

A partir das entrevistas com as repentistas, coletamos informações sobre outros ambientes onde se manifesta o fenômeno da cantoria. Assim, chegamos a seguinte classificação:

**Pé-de-parede:** esta modalidade é, possivelmente, a percussora da cantoria nordestina. Aqui, apologistas e admiradores do gênero se reúnem em um espaço para desfrutar da poética nordestina. Na ocasião, se apresentam uma ou mais duplas em autênticos desafios. Geralmente não existem temas previamente escolhidos, nem tempo determinado para os cantadores, ficando cada um livre para versejar o tempo que for necessário. É assim chamada porque os cantadores se apresentam sentados ou em pé encostados na parede. Diferente dos congressos, no pé-de-parede não há microfone ou qualquer instrumento que auxilie a voz, o que exige um grande esforço dos participantes já que a maioria não tem conhecimento de técnica vocal. E às vezes, o evento pode durar uma noite ou até mais.

**Terezinha Maria** de Lagoa de Oiteiro comenta:

*“Tem muitas mulher que canta no Nordeste, mas muitas delas não agüenta passar a noite toda cantando, rouca num pé de parede.”* (Grifos nossos)

*“No pé de parede, eu olho o ambiente. Eu canto de acordo com o pessoal. Agora, quando eu tô cantando para uma apresentação política, aí eu faço uma preparação.”*

Durante nossa pesquisa, conhecemos um senhor em um bar em Cuité que comentou:

*“Outro dia eles foram lá pra casa, cantadores. Oxente, eles cantaram a noite toda. Pela manhã, eles tomaram café com*

pão, com queijo. Comeram foi muito. Eles gostaram.” (Grifos nossos)

A cantoria de Pé- de- parede também difere dos congressos porque nessa modalidade, a platéia pode participar apresentando motes ou fazendo pedidos de canções. Além disso, o público também se manifesta depositando, em uma bandeja ou chapéu, dinheiro para os repentistas.

A mesma **Terezinha Maria** comenta:

“Eu comecei a cantar por questão de sobrevivência. Na época que eu comecei a cantar, o salário mínimo era uma coisa muito pequena. Aí eu pensei: se eu fosse uma professora primária, eu ia ter só aquilo e a cantoria seria mais financeiramente rendável, e eu gostava de cantar.”

**Mocinha Maurício** conta:

“Minha infância começou na roça, né? Trabalhando . A gente limpava roçado, trabalhava para os outros. Plantando feijão, algodão, milho. Depois eu achava muito pesado, um sol desse e a gente no roçado dos outro trabalhando. *Depois eu ia assistir cantoria em pé de parede, que tinha muito naquele tempo no interior lá em Passira. Aí, pronto, a gente ficava ali e eu só via caindo dinheiro no prato, aí, pensei: a vida do cantador é muito fácil, melhor que trabalhar de alugado*”. (grifos nossos)

Convém observar a motivação de **Mocinha**: ela crê na profissão de cantatriz uma saída para a situação de estorvo em que vive. Seu imediatismo não a deixa analisar mais profundamente o universo do cantador. Ela crer veemente que ao entrar no universo da cantoria seu problema financeiro estaria resolvido.

Cabe aqui registrar que mesmo no tempo em que era mais freqüente a cantoria de pé de parede, sempre existiram cantadores privilegiados. Da mesma forma que hoje apenas um

determinado grupo é convidado a participar dos congressos de cantadores, não deveria ser diferente no passado. Mas, **Bio Bonzinho** também fala desse tempo com saudades:

“Cantar foi um dom que Deus me deu, né? Antigamente, todo sábado tinha cantoria, todo sábado. Oxente, isso no engenho... A turma gostava, menino! E a gente ganhava era dinheiro. Agora hoje, não é mais como antigamente. Por enquanto só canto assim, quando a turma chama: Bibiu, vai lá fazer uma zoadinha. Aí eu vou, ganho um trocadinho. Ganho vinte, ganho trinta. Mas, como antigamente não. Tudo mudou.”

**Cantoria dos compadres:** nesta modalidade, o cantador aproveita o espaço radiofônico de seu programa, para marcar cantoria com outro cantador. Infelizmente, hoje são poucos os cantadores que apresentam programas como são poucos os programas do gênero. Assim, é cada vez menos freqüente esta modalidade. No entanto, em Conceição na Paraíba, pela rádio Educadora, a cantatriz **Neuma da Silva** apresenta semanalmente os programas: “*Todos cantam sua terra*” e “*palco da poesia*”, ambos, naturalmente, buscam divulgar a cultura popular.

Também em Cuité, terra da poetisa **Minervina Ferreira**, há uma rádio difusora que semanalmente, apresenta um programa de cantoria. Durante o programa, sempre existe conversa com cantadores da região ou mesmo outros que estejam de passagem. Na ocasião, há sempre desafios entre os mesmos. Não raro a repentista **Minervina Ferreira** e seu irmão Daniel, também cantador, participam desses momentos.

**Cantoria Especial:** Esse tipo de cantoria acontece em festas de casamento, batizado, bodas de ouro, aniversário, etc. O promovente contrata os poetas-repentistas, paga-lhes pela apresentação e convida amigos e parentes das localidades próximas a se fazerem presentes à festa. Conforme contam as entrevistadas, parece ter sido este evento que as despertou para o universo do repente. **Minervina Ferreira** relata:

“Na minha infância, meu pai sempre gostava de fazer aniversário, nas festas juninas, ou então casamento das minhas

irmãs, ele sempre botava dois violeiros, até três, quatro, pra cantar. Eu fui ouvindo aquela mensagem, aquilo tocava em mim e eu pensava: se eu fosse fazer isso? Se eu for fazer, eu faço também. Então, eu começava treinar. E eu sentia que aquilo tinha facilidade de vim. Improviso é assim, você faz olhando pra você, pra ela e você consegue. Você se inspira no ambiente. Meu encontro com a viola foi assim, ouvindo os cantadores da região.”

Também a repentista **Maria Soledade** diz:

“Meu pai era muito fã de poesia. Se ele pudesse na casa dele só tinha cantador. Ele era muito amante de poesia. E eu desde pequenininha, quando os cantadores vinha fazer cantoria. Naquela época não tinha rádio. Andava uma légua atrás de um rádio. Eu ficava ali, não dava um cochilo. Eu ficava lá sentada. Quando fui ficando maiorzinha, eu ficava escrevendo o mote pras pessoas. Assim: “eu queria botar um mote pra meu namorado, mas eu não sei escrever.” Aí eu dizia: Mas, eu sei.”

Outra inspirada por esses eventos foi a poetisa **Mocinha Maurício**:

“Aí, perto de mim tinha um cantador, Severino Bezerra, meu professor foi ele. Comecei assistindo ele em festa, batizado... aí depois comecei fazendo verso. Aí, ele assistindo, ia dizendo: este tá certo, este tá errado. Eu rimava lima com destino e isso é errado. Lima rima com rima, esse negócio assim. Aí ele dizia: “tá certo assim.” Aí, quando eu disse que ia cantar mesmo, ele me deu um verso de martelo pra eu fazer. Por esse aí, você faz os outro. Aí, deu martelo malcriado, todo sistema de cantoria ele me deu um trecho, e eu comecei por aquilo e continuei até hoje.”

**Severina Bonzinho diz:**

"...Todo final de ano, assim tempo de Natal, tempo de São João, que é meu aniversário, né. Tinha cantoria lá em casa. Todo ano meu pai fazia essa festa pra mim. Fui vendo aquilo, vendo aquele negócio, aquele movimento, aí eu fui aprendendo. Ninguém me ensinou. Foi um dom que Deus me deu."

**Santinha Maurício se recorda:**

"A gente aprendeu ouvindo os outros cantadores. Aí, a gente foi aprendendo. Martelo malcriado, sextilhas... Observando, né? A primeira vez que cantei foi no Engenho, mas antes eu fiz uns versinhos na casa de nossos pais numa festa de minha irmã. Um baiãozinho".

Cabe registrar que das poetisas entrevistada, **Santinha Maurício** foi uma das que sofreu menos resistência da família, visto que quando começou a improvisar, sua irmã, **Mocinha Maurício**, já havia derrubado as barreiras que existiam no seio familiar. É **Santinha** quem conta:

"Minha irmã começou cantar primeiro, dois anos antes de mim. Quando ela começou, ficou mais fácil. Eu fui ouvindo ela e os cantadores. Ah, eu sei fazer assim também, aí pronto, eu descobri que também cantava. No começo, foi dificuldade, mas minha irmã já tinha começado e pra mim não foi muito queixo."

**Cantoria de feira:** Há cantadores que empunham sua viola e destrinçam seus poemas em feiras livres, praias ou em botecos e bares. Importa dizer que esta prática é mui utilizada por *emboladores de coco*. Estes não fazem distinção de ambiente e em qualquer ocasião empunham seu pandeiro e versejam seus repentes. Tal forma de apresentação é condenada

pelos violeiros, consideram um desagravo à profissão de cantador, porque essas pessoas cantam seus versos por uma quantia ínfima de dinheiro, desvalorizando os grandes talentos da poesia popular.

É **Maria Soledade** quem afirma:

“Emboladores não têm censura. Não existe métrica, rima, nem oração. É coisa difícil de ter. Tem coquista que canta com métrica, rima e oração. Eu não vou desclassificar os outros companheiros, mas é muito difícil porque tanto faz eles... é o tipo de coisa, parece, mas não é. Pareceu, eles podem cantar, mas a gente não pode. O espaço do coquista é muito mais resumido do que o do cantador, mas ele é mais livre. Tem mais chance de ganhar dinheiro. Ele pega aquele pandeiro e toca em qualquer lugar, mas a gente... se eu fosse cantar em qualquer lugar, muita gente ia dizer: o que aquela doida tá fazendo ali? É uma doida.”

**Minervina Ferreira** também comunga desse pensamento:

“O coquista é... O coco de embolada é muito natural, feito por pessoas despreocupadas em estudar. O poeta é mais exigido. Porque Ceará não pode rimar com cantar. Mas, o embolador tem mais facilidade de cantar porque não tem essa preocupação. Ele não é exigido, então ele canta à vontade. E canta em qualquer lugar. Se for rimar história com aurora ele pode tudo. Fala pornografia, pode tudo.”

Não é diferente a opinião de **Luzivan Matias**:

“Eu acho que o repentista obedece muito a letra e o embolador é um enrolador não rima nada com nada. Então ele

rima pela aparência. Já o poeta é honesto. Ele é perfeccionista.”

Note que a poetisa acima nem considera o coquista um poeta. E essa opinião é consensual entre a maioria das violeiras.

Independente do ambiente onde ocorre a “*contenda*”, três elementos devem ser observados durante as apresentações de cantoria: *métrica, rima e oração*. Cedamos, pois, voz a **Minervina Ferreira e Terezinha Maria**, respectivamente:

“A questão da rima, métrica... É da inspiração, mas você tem de sistematizar. A questão da métrica existe uma exigência muito grande na cantoria de viola. A rima tem que ser bem radical mesmo. A rima tem que ser rimada mesmo. Esses cantores fazem rima forçada. Mas os cantadores têm que ser a rima legal, a rima que combine mesmo. Estado tem que rimar com prado. É assim, bem radical. Cantoria é exigente, viu?”

“Existe a métrica, a prática e a oração. A prática é você não ficar só na teoria. Você tem que dizer que você trabalha, buscar o tema e concluir. Eu não posso dizer que você foi fazer uma entrevista com as mulheres repentistas pra fazer com os cantadores de sanfona. Ai, já não tem métrica. Tem que ter a oração que é o sentido do verso, a métrica, a prática de fazer o verso na hora.”

**Bio Bonzinho** também tenta explicar:

“O conhecimento da rima é tudo na hora, é um dom, vem tudo na hora. Ceará não pode rimar com cantar, né? Tem um livro. Aí olha pelo livro. Eu li assim meio Geografia, né?”

Ora, muitos têm dificuldades ao estudar sílabas gramaticais, e seguem durante sua vida escolar sem aplicar e compreender perfeitamente tais regras. Assim também acontece na

cantoria. Pode-se notar que as cantadeiras, ainda que saibam aplicar as referidas regras, não conseguem explicá-las com propriedade.

A esse respeito fala-nos MARIA IGNÊZ AYALA (1988):

"A rima é considerada a mais fácil das exigências, embora haja vários esquemas rítmicos peculiares a diferentes gêneros.

O cantador deve construir sempre rimas perfeitas, denominadas por uns *rimas vivas* e por outros, *rimas consoantes*.

*Rima sonante* é a designação empregada por Zé Ferreira para explicar os casos em que a igualdade de sons se torna possível pela omissão de fonemas nas palavras que a constituem. Esta denominação dada às rimas imperfeitas surgiu, provavelmente, da má incorporação de leituras, por associação com *toante*. Na cantoria, tal artifício é considerado um erro, já que existe uma forte preocupação com a linguagem, tanto por parte dos poetas quanto por parte do público. Além de não "falar errado" os repentistas procuram mostrar um domínio das normas gramaticais e, como afirmam alguns estudiosos, entre os quais, Átila de Almeida e José Alves Sobrinho, só erram quando desconhecem a forma correta. Assim, ao fazer as rimas, os poetas tomam como parâmetro as normas gramaticais e a pronúncia tida como padrão no país.

A métrica é outra das exigências básicas do improviso. É entendida por poetas e apologistas não apenas como a contagem de sílabas em cada verso, mas, principalmente, como o ritmo poético específico a cada gênero. Desta maneira, um verso, apesar de ter o número de sílabas exigido pelo gênero, pode ser considerado "desmetrificado", quando não é obedecida a cesura típica da modalidade poética.

Há diferentes metros na poesia dos violeiros, cada qual específico a um gênero ou a um conjunto de gêneros dos quais os mais freqüentes são os heptassílabos e decassílabos.

Os diferentes tipos de decassílabo são os gêneros em que a exigência da "métrica", enquanto número de sílabas e cesura, é extremamente rigorosa. O martelo é constituído por dez versos cada qual com três unidades métricas (daí ser chamado trinta por dez), com cesura recaindo na 3<sup>a</sup> 6<sup>a</sup> e 10<sup>a</sup> sílabas. O emprego de palavras que não comportem tônicas coincidindo com o modelo rítmico do verso "desmetrifica", desarticulando a composição poética" (AYALA, 1988).

A oração refere-se à coerência lógica dos versos. Cada estrofe deve concluir um determinado assunto, sem fugir do plano ideativo. A oração é o enredo exposto pelos cantadores. No momento da contenda, o repentista deve redobrar sua atenção para não deslizar e escapar do assunto.

Embora haja enorme exigência quanto à oração, sabe-se da existência de um poeta que versificava sem seguir tal norma: Zé Limeira, o poeta do absurdo (1886/1954). O aposto já nos dá mostra da subversão de sua poética.

No prefácio do livro de ORLANDO TEJO (1997), diz-no José Américo de Almeida:

"Nos desafios, *fugia do assunto*, deixando de estabelecer o diálogo. Perdia o fio das respostas e prosseguia, desatento, distante, desarrazoado, sem ligar para o companheiro. Fazia de conta que não ouvia a deixa." (Grifo nosso)

Em entrevista à **Minervina Ferreira** perguntamos sobre o Poeta do Absurdo:

"O Zé Limeira tornou-se uma lenda, uma figura folclórica dentro do estilo. Mas, ele fugia um pouco do assunto."

Leia-se um improviso do referido poeta.

O meu nome é Zé Limeira  
De Lima, Limão, Limansa,  
As estradas de São Bento,  
Bezerro de vaca mansa,  
Vala-me, Nossa Senhora,  
Ai que eu me lembrei agora:  
Tão bombardeando a França!

Ninguém faça pontaria  
Onde o chumbo não alcança.  
E vou comprar quatro livro  
Pra estudar leiturança...  
Bem que meu pai me dizia:  
Jesus, José e Maria,  
São João das orelha mansa!  
Ainda não tinha visto  
Beleza que nem a sua,  
De cipó se faz balaio,  
A beleza continua,  
Sete-Estrela, três Maria,  
Mãe do Mato, Pai da Lua!

A beleza continua,  
De cipó se faz balaio,  
Padre-Nosso, Ave-Maria,  
Me pegue senão eu caio,  
Tá desgraçado o vivente  
Que não reza o mês de maio!

Sei quando Jesus nasceu  
Num dia de quinta-feira,  
Eu fui uma testemunha  
Sentado na cabeceira,

São José chegou com um facho  
De miolo de aroeira!

Um dia o Rei Salomão  
Dormiu de noite e de dia.  
Convidou Napoleão  
Pra cantar *pilogamia*,  
Viva a Princesa Isabé  
Que já morou em Sumé  
No tempo da Monarquia!

Zé Limeira quando canta  
Estremece o Cariri,  
As estrelas trinca os dentes.  
Leão chupa abacaxi,  
Com trinta dias depois  
Estoura a guerra civil!<sup>1</sup>

Importa dizer que embora não tivesse preocupação com a oração, *Zé Limeira* era e continua sendo bastante respeitado pelos cantadores diferente dos *coquistas* que são marginalizados pelos violeiros por não respeitarem determinadas regras. Este aspecto será visualizado mais adiante.

---

<sup>1</sup> *Texto extraído do livro: Zé Limeira, o poeta do absurdo – páginas 126 - 127*



Hermano dame tu mano,  
vamos juntos a buscar  
una cosa pequeñita  
que se llama libertad..  
Esta es la hora primera,  
éste es el justo lugar,

abre la puerta que afuera  
la tierra no aguanta más.

(J. Sanchez - J. Sosa)

## 5. DE REPENTE MULHERES: CANTADORAS EM EVIDÊNCIA

### **5.1. Os Congressos**

Ainda que para as repentistas a cantoria de pé de parede seja a principal manifestação da poeticidade das cantadeiras, há também outra manifestação típica: os congressos. Cinco encontros, apenas, foram realizados, sendo um em Cuité e quatro em Alagoa Grande, Paraíba. Todos contaram com a organização de *Minervina Ferreira, Maria Soledade e do Movimento de Mulheres Trabalhadoras do Brejo*, além de apoio dos comerciantes e prefeituras locais. Participaram de cada encontro dez cantatrizes, cinco duplas. Além de shows com o grupo de

ciranda “*Os Negros do Caiana*”, “**Maria Aboiadeira**”<sup>†</sup> (poetisa que cantava longas toadas apenas solfejadas que terminam com expressões como “*ê boi*” e “*ê boiada*”), e uma dupla masculina como participação especial.

Cabe aqui salientar que em congressos de cantadores, não raro, quando há participação feminina, esta se restringe à mera observação ou apenas ao papel coadjuvante, “*sendo raríssimas as vezes em que podem competir livremente em dupla com outro repentista ou com outra violeira*”.<sup>1</sup> Assim, no momento em que as violeiras tiveram a oportunidade de retribuir “*a gentileza*”, não hesitaram em convidar para cada encontro, uma dupla masculina na condição de participação especial. É **Maria Soledade** e **Minervina Ferreira**, respectivamente, quem contam:

“Nos congressos, a mulher não tem vez. Quando acontece de abrir espaço, são duas humilhadas no meio daqueles homens todos. Um cachê insignificante... É raro a mulher participar de congresso de cantadores e quando aparece, geralmente é uma apresentação como especial. Especial é sem competir, entendeu? E das mulheres, eu, a Minervina e a Mocinha ainda fomos as que fizemos mais apresentações. As outras, os espaços delas ainda é menor que o nosso.”

“Existiram cinco festivais só com mulheres: quatro em Alagoa grande e um em Cuité. Aí a gente chamou também uma dupla de cantadores pra ficar especial. Isso partiu da Soledade, ela é bem feminista. Eu sou feminista, mas não sou tão radical. A gente precisa se unir, homem e mulher, pra liberdade sorrir. Eu não gosto de radicalizar as coisas. A gente aprende muito com as pessoas, ninguém aprende sozinho. A gente convidou apenas duas duplas porque os homens são privilegiados, os homens são privilegiados. Quando a gente participa de congresso, a mulher é sempre convidada pra fazer

---

<sup>†</sup> *Quando estávamos concluindo este capítulo, fomos informados que a aboiadeira havia falecido.*

<sup>1</sup> *AYALA, Maria Ignez Novais. Mulher Repentista: uma profissão, dificuldades várias. UFRN*

uma apresentação especial. É gostoso isso, porque a mulher é especial, né? Mas, a gente também tem capacidade de competi. Eu já competi no meio das duplas masculinas, mas é muito raro isso, e eles são privilegiados.”

A mesa julgadora do encontro foi composta por homens e mulheres, porém houve uma maioria feminina. Para regulamentação das regras, foi usado o mesmo regulamento dos congressos de cantadores.

## 5.2. Artigos

Convém registrar que durante o evento a imprensa local quase não deu atenção ao fato, o que salienta o enorme preconceito sofrido pelas poetisas. Segundo **Minervina Ferreira** apenas deram atenção ao evento professores da Universidade Federal da Paraíba, além de uma tímida matéria em um jornal.

Tentamos descobrir matérias em revistas e jornais de 1999 a 2002 e quase não encontramos informações sobre mulheres repentistas. Mesmo quando algum jornal focalizava algum encontro de cantadores e havia a participação de mulheres, ou não divulgavam a participação das repentistas ou apenas citavam seus nomes sem da maior importância ao fato. No entanto, felizmente, conseguimos coletar algumas reportagens em jornais e revistas que conferiam as repentistas um certo espaço. Vejam-se a seguir, fragmentos dessas matérias.

REVISTA VEJA, 18 DE MARÇO 1987: **Com o pé na estrada, uma expedição de artistas populares percorre dezesseis Estados cantando temas políticos.** Ao meio-dia de domingo dia 8, no centro histórico de Olinda, foi dada a partida para uma grande aventura poética-política. Sob um sol escaldante de 35 graus, 46 pessoas - entre violeiros, repentistas, emboladores, contorcionistas, fotógrafos e produtores de fitas de vídeo (...)

“Sempre fomos tratadas como elementos do folclore nordestino”, completa **Mocinha de Passira**, que se apresenta com

**Maria Soledade.** “Essa viagem agora é uma oportunidade para pedirmos o nosso reconhecimento como profissionais.” Elas esperam, ainda, que suas apresentações incentivem a formação de outras duplas de cantadoras. Há apenas cinco duplas femininas em todo Norte e Nordeste”, diz Mocinha.<sup>2</sup>

JORNAL DO COMMERCIO, RECIFE, 9 DE DEZEMBRO DE 1995: **Nesta noite se improvisa.** O mote do Teatro do Parque hoje e amanhã, é a cantoria e a embolada. Este fim de semana serão versos, glosas, trovas, vates e violas. Hoje e amanhã estará acontecendo no Teatro do Parque o Encontro de Cultura nordestina, que reunirá violeiros, cantadores e emboladores mostrando como se faz a autêntica música popular (...)

No domingo, cinco duplas de cantadores estarão fazendo o tradicional duelo. A participação especial ficará por conta de apresentação do veterano Otacílio Batista, que tem mais de cinquenta anos de estrada. Ele faz seu show junto com a violeira **Mocinha de Passira**, uma das poucas mulheres que se dedicam à arte do repente...<sup>3</sup>

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 16 DE OUTUBRO DE 1997: **Violeiras querem competir com homens nordestino.** “Somos atualmente cerca de 20 violeiras no mercado competitivo com mais de 15 mil homens em todo o Norte-Nordeste. Mas esse não é o principal obstáculo que a mulher repentista enfrenta no palco, e sim o desinteresse das nossas colegas de sexo aos espetáculos e mesmo quando assistem não nos encaram com bons olhos, acham que somos espécie de leviana que abandona o lar para viver de

---

<sup>2</sup> *Importa notar que a declaração é de 1987 e esse quadro não mudou muito, ainda é bastante reduzido o número de mulheres repentistas.*

<sup>3</sup> *Convém salientar uma certa preferência pelo noticiário, qual seja, a participação especial e o show do cantor e a cantora apenas o acompanha, auxilia.*

aventuras". A afirmação é da repentista **Mocinha de Passira** que forma dupla com **Santinha Mauricio**, de Limoeiro.

"Iniciei minha carreira com a idade de 12 anos e desde o primeiro momento o preconceito das mulheres foi a principal dificuldade, seguido pelo machismo", conta ela. "os homens nos estimulam quando estamos no palco cantando, mesmo que o repente seja contra o autoritarismo deles, mas na hora do casamento a coisa muda, e eu mesma já vivi a experiência, uma vez que só passei seis anos casada, o meu ex-marido não conseguiu aceitar a minha profissão."

Atualmente **Mocinha de Passira** está se preparando para o II Congresso de Cantadores do Recife, que será realizado no mês que vem. Será uma grande batalha este encontro, uma vez que lá serei uma das poucas representantes femininas no estilo repente a contribuir para a divulgação da poesia popular entre 22 duplas masculinas que discutirão a arte do canto de improvisado."

A sua parceira, **Santinha Maurício**, com quem está trabalhando há três meses, também tem a mesma opinião quanto ao processo de divulgação da mulher repentista como profissional. "O preconceito feminino é bem maior do que o masculino, quanto à seriedade do nosso trabalho e junto com a **Mocinha** vou defender a valorização e a revelação de novos talentos femininos e a ampliação do mercado de trabalho para cantadores de modo geral," disse ela...

DIÁRIO HORA DO POVO, 13 DE JANEIRO DE 1999. **Sebastião Marinho e Minervina encontram-se em desafio poético.** Os paulistanos terão uma rara oportunidade nesta quinta-feira; assistirem a peleja entre **Minervina Ferreira** e Sebastião Marinho.

"É a primeira vez que canto com **Minervina**, que para mim é a segunda maior cantora. Tenho grande admiração por ela", diz Sebastião. "Quando estive em Cuité fiquei impressionado

pelo respeito que as pessoas têm por ela, não só como poeta-repentista, mas por ser uma grande mãe de família, e uma grande professora", acrescentou (...)

JORNAL DO COMMERCIO, RECIFE, 8 DE MARÇO DE 1999: **Mulheres repentistas improvisam na UFPE**. Nada melhor do que o dia Internacional da Mulher para reunir num festival as melhores cantadoras do Nordeste. O mote do dia é também o tema do 1º Encontro Nordestino de Mulheres repentistas, que acontece hoje no Teatro da UFPE, às 19h. o evento é promovido pela Federação das Mulheres Pernambucanas e reúne cinco duplas de repentistas dos estados de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte(...)

O mercado da cantoria é um dos últimos a oferecer resistência ao talento feminino Para se ter uma idéia, nos últimos festivais de Cantadores do Nordeste realizados no Recife, em 1997 e 1998, nenhuma mulher esteve entre os concorrentes. O número de homens repentistas é muito maior de que o de mulheres...

SUPLEMENTO CULTURAL, MAIO DE 2001: **A Voz feminina na cultura**. Num canto da Zona da Mata, uma mulher devora livros e informações chegadas por todos os meios possíveis de comunicação para dedicar-se a uma atividade quase exclusiva de homens: a cantoria de viola. **Terezinha Maria** vive em Lagoa do Oiteiro, Buenos Aires, mas tem a cabeça no mundo. Viaja, participa de torneios de repentistas, e consegue se sair muito bem com os versos que improvisa. Mas, **Terezinha** não é a única mulher violeira, **Mocinha de Passira**, nome consolidado na profissão, as irmãs **Mocinha** e **Santinha Maurício**, **Severina Maurício**, **Maria da Soledade**, **Minervina Ferreira**, **Luzia e Neuma da Silva** são mulheres que empunham a viola e constroem

uma poética, trazendo para o mundo feminino uma prática que vai deixando de ser exclusividade masculina.(*Grifos nossos*)<sup>4</sup>

REVISTA ÚNICA, EDITORA GLOBO, JULHO DE 2001: **Mulheres repentistas cantam de galo.** É provável que em nenhuma outra atividade a mulher tenha enfrentado tanto machismo e aperreio quanto na viola na viola e no repente, gênero musical que é território de “cabra macho” por excelência. A história das violeiras que sobreviveram ao massacre do machismo e se firmaram na praça é sempre a mesma. Começaram a cantar sob o olho grande e censor dos pais que viam naquela atitude um rebuliço de “moça perdida” (...)

Recurso do método: Para completar os homens estenderam o machismo ao método de afinação das violas. O segredo é manter o tom das cordas o mais baixo possível, grave, o que dificulta o canto das mulheres. Como o repente é cantado em dupla, a sensação é que a afinação de ambos esteja no mesmo tom...

SUPLEMENTO CULTURAL, AGOSTO DE 2001: **Cantadores:** Quem sabe faz na hora. “Parece mesmo que acabou a era dos grandes cantadores...” afirmou Rachel de Queiroz num artigo escrito em 1972. Felizmente, para a cultura brasileira, a suposição da romancista não se confirmou. Que não acabou a fase dos grandes cantadores, provam-no populares talentosos repentistas como Ivanildo Vila Nova, Geraldo Amâncio, Sebastião da Silva, Sebastião Dias, Moacir Laurentino, Louro Branco, Zé Cardoso, Valdir Teles, Raimundo Nonato, Nonato Costa, João Lorenço, Rogério Meneses, Oliveira de Pannels, Otacílio Batista, **Mocinha de Passira**, Zé Viola, Edvaldo Zuzu, Raimundo Caetano,

---

<sup>4</sup> Cabe aqui informar um deslize no artigo: existem apenas duas cantadoras com o cognome **Maurício: Santinha e Mocinha de Araújoaba**. A poetisa **Severina**, citada, é, em verdade **Bio** <sup>4</sup> **Bonzinho**, de Carpina, Pernambuco, e a mesma não tem parentesco com as irmãs **Maurício**.

Fenelon Dantas. E ratificam a permanência da arte do improviso...

COMEÇA O I CONGRESSO DE POETAS REPENTISTAS. Foi iniciado ontem e vai se prolongar até amanhã no teatro Santa Rosa, o I Congresso de Poetas repentistas em João Pessoa, com a participação de 30 violeiros em 15 duplas concorrentes, além da participação especial de Pinto de Monteiro e Lourival Batista, os dois mais velhos temíveis repentistas do país, Otacílio e Dimas Batista, contando ainda com a apresentação de uma dupla rara no gênero: duas poetisas populares de Pernambuco, **Santinha** e **Lídia**, concorrendo.<sup>5</sup>

ENCONTRO DE CANTADORES DE VIOLA 50 ANOS DEPOIS: **O evento é o primeiro de uma série de cinco espetáculos.** Numa de suas últimas realizações à frente da Secretaria da Cultura, o professor Ariano Suassuna retoma um projeto lançado há 50 anos e que reflete sua filosofia em relação à cultura popular do Estado. No próximo dia 26 acontece, no teatro do Parque, a Grande Cantoria Louro do Pajeú. O evento reunirá três duplas de cantadores de viola e servirá não somente para celebrar o cinquentenário da primeira cantoria, mas também para inaugurar o programa Grandes Espetáculos Brasileiros (...)

O secretário está bem satisfeito com a realização desta cantoria. Para participar dela, ele trouxe o único sobrevivente do espetáculo de 46, Otacílio Batista, irmão de Louro do Pajeú, já falecido e o homenageado da festa, Otacílio será acompanhado por Oliveira de Panelas. Haverá ainda

---

<sup>5</sup> *Notas: Esta matéria nos foi enviada pela poetisa **Santinha Mauricio**, contudo ela não sabia informar qual o jornal que a noticiou, nem o ano do artigo.*

*A cantadora citada é **Lídia Maria** que vive em Aliança, Pernambuco. Atualmente, esta não exerce mais a profissão de repentista.*

participação das duplas **Mocinha de Passira** e **Minervina Ferreira...**

CONTINENTE DOCUMENTO: **A mulher e a cantoria.** Não é de hoje que as mulheres tentam vencer as barreiras culturais impostas por uma sociedade onde prevalecem o preconceito e a discriminação à participação feminina, em todos os segmentos.

Em um universo dominado essencialmente por homens, a presença feminina na cantoria começa a tomar vulto.

Um exemplo de valentia e pioneirismo é dado pela repentista Maria Assunção do Senhor, conhecida por **Vovó Pangula**. Piauiense de Simplício Mendes, Sertão, nasceu no dia 25 de novembro de 1918. "sem estudo não assinava o nome, mas na viola se transformava numa verdadeira artista, a ponto de impressionar pesquisadores internacionais, verdadeiramente admirados com sua poesia"(...)

Vovó Pangula faleceu em 4 de setembro de 1990, com 72 anos, deixando uma lição de perseverança e resistência cultural, deixando gravada na memória momentos de rara agilidade poética...

Não há dificuldade em constatar que é veemente reduzido o espaço destinado à mulher repentista, tanto na cantoria quanto na imprensa. Curioso é que ainda que sofra enorme discriminação entre os colegas, algumas delas são associadas à União de Cantadores Repentistas. Talvez, se houvesse uma maior conscientização das poetisas, estas pudessem fundar uma Associação de cantadoras e organizar seus próprios Congressos sem necessitar aguardar a "*condescendência*" dos colegas em convidá-las a participarem dos Encontros de Cantadores. Entretanto, parece que a posição dessas artistas é um tanto conciliadora, estas não pretendem romper com a estrutura excludente, preferem acreditar que chegará a ocasião em que sua arte será reconhecida dentro do universo masculino.

Igualmente aos folhetos, a temática da cantoria de viola trata de uma diversidade de temas: religião e misticismo, relatos de acontecimentos cotidianos e políticos, fenômenos

naturais e sociais, "*decadência dos costumes*", narração de histórias tradicionais, aventuras de heróis e anti-heróis, desencontros amorosos, saudade, infância, etc. Aqui, trataremos apenas de três temáticas que consideramos mais presentes na produção das cantadeiras em estudo: infância, amor, e o caráter social da arte. Vamos a elas!



"...A casa era por aqui...  
Onde? Procuro-a e não acho.  
Ouço uma voz que esqueci:  
É a voz deste mesmo riacho."

(Manuel Bandeira, *Velha Chácara*)

## 6. ECOS D' ALMA: REMINISCÊNCIAS DA INFÂNCIA

Seja dentro ou fora da casa, as reminiscências da infância são elementos marcantes da produção poética. A epígrafe que introduz este capítulo traz este sinal. Nela, Bandeira focaliza dois aspectos da infância: a casa e o espaço externo onde a personagem, quando criança, brincava. Também no texto do poeta, pode-se, através da personificação, verificar a imaginação infantil em atribuir voz ao rio, interessante notar que, ao tentar reencontrar a casa, a personagem, provavelmente já adulta, se deixa levar pela magia infantil e reconhece a voz do riacho, lembrando talvez brincadeiras de outrora.

Ao tematizar a infância, o artista, através da memória, demanda travar um diálogo com as malhas do passado, transfigurando marcas que se impregnam na sua escrita, propícia ou adversa, aspectos da infância refletirão na produção poética, visto que por mais que procure se

desvincular de seu passado, será impossível uma ruptura com este período, e as imagens deste momento, por mais que empalideçam, viverão no subsolo do inconsciente para insurgirem a qualquer momento.

Segundo BLEICHMAN (1988), a infância é o período da vivência do Édipo que apresenta um caráter de estruturação da personalidade porque surge integrando toda personalidade do sujeito.

Aonde quer que vá, a memória do poeta reencontrará fragmentos do passado, súbitas confissões de um outro que foi outrora, fantasmas ocultos entre as dobras da lembrança como dizia Pessoa. Estes vestígios estarão sempre a reclamar sua presença nos versos. Como disse LUZILÁ GONÇALVES “*é através do poema, que o poeta dialoga com a família, com os resíduos da sua vida passada*”.

A labuta na roça foi a infância das irmãs **Maurício**:

“Eu nasci no interior, tive uma infância, trabalhava na roça com meus pais, mas eu gostei da minha infância em Limoeiro, Passira, Pedra Tapada, Salgadinho. A gente trabalhava na roça de alugado. Com dezoito anos, eu vim aqui pra Abreu e Lima.” <sup>1</sup>(**Santinha Mauricio**)

**Maria Soledade** lembra-se

“Quando a gente tava brincando de casinha, de boneca, aí, tinha que ter um cantador, e o cantador era eu. Eu usava aquele paletó, aí, botava aquela gravata. Viola não tinha, viola era uma trave. Aí, sentava lá. E do jeito que eles faziam. Aquilo ali a gente copiava tudo, né? E começava a cantar. E as crianças menores iam buscar folha de mato pra fazer o pagamento.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Parte da entrevista concedida em casa da poetisa em janeiro de 2003.

<sup>2</sup> Entrevista a Soledade, em sua residência durante o mês de dezembro de 2002.

Nas palavras de **Soledade**, pode-se notar um prenúncio do que viria a ser. Em sua ingênua brincadeira, já tecia as malhas de sua profissão. Ao retratar os cantadores, escrevia o seu próprio destino.

Sobre sua infância, **Minervina Ferreira** destriça:

“Eu não tive infância. Eu comecei a trabalhar com sete anos. Trabalhava com cizal. Eu não tive direito a brincar. A gente começava a brincar, meu pai gritava: “a hora de ir pro roçado”! Aí eu... O que me marca muito é que eu não tive direito de estudar. Mas, não é porque meus pais fossem tão cruéis, é porque a realidade era dura, tinha que ajudar todo mundo pra sobreviver.”<sup>3</sup>

Convém registrar que apesar da visível dificuldade enfrentada pela poetisa durante os primeiros anos de sua vida, ela não exclui sua infância de sua produção poética.

Sabe-se que O passado adquire, nos texto de autoria feminina uma importância fundamental, porque não raro o dilaceramento das personagens geralmente se justifica pela infância reprimida ou mal-amada. O resgate da memória é um dos caminhos para o auto-conhecimento; a volta às origens, através do tempo passado, faz parte da busca da identidade.

**Maria Soledade** e **Minervina Ferreira**, respectivamente, versificam:

**Maria Soledade:** “A minha velha guarida

O tempo danificou,

Por lembrança só deixou

Uma parede perdida

A madeira apodrecida

Uma janela quebrada

Um cambito e uma enxada

Que o tempo não desonera.

*Foi triste olhar a tapera*

*Da minha antiga morada*

---

<sup>3</sup> *Entrevista em sua residência, durante o mês de dezembro de 2002.*

**Minervina Ferreira:** Fui ver minha antiga casa  
onde nasci e cresci  
quando seu estado vi  
quase a tristeza me arrasou  
lágrimas quentes como brasa  
derramei angustiada  
pois quando a dor é pesada  
na alma abre cratera  
Foi triste olhar a tapera  
da minha antiga morada.

**Maria Soledade:** Vi o antigo pilão

Que mamãe pilou café  
Inda resistia em pé  
Junto ao pé de açafão  
Um pedaço do gibão  
Do tempo da vaquejada  
Uma corrente quebrada  
Do velho cachorro fera.

**Minervina:** Entre os escombros se via

O vai e vem dos insetos  
Dos antigos objetos  
Só fragmentos havia  
Teia de aranha encobria  
Uma foto desbotada  
Por estar muito estragada  
Não deu pra ver de quem era.

**Soledade:** Do meu quarto de dormida

Só encontrei o lugar  
No outro pude encontrar

Uma medalha perdida  
Uma cama demolida  
Que estava soterrada  
Gritei em pranto banhada  
Minha casinha já era.

**Minervina:** Em silêncio caminhei

Pisando secos torrões  
Sentindo mil emoções  
Dos tempos idos lembrei  
No batente eu parei  
Fiquei olhando a estrada  
Como quem sonha acordada  
Fantasiando a quimera.

**Soledade:** Para matar a saudade

Fui ver de perto a lagoa  
A água que fora boa  
Estava sem qualidade  
Fui beber faltou vontade  
A mesma estava salgada  
Murmurei angustiada  
Milagre só Deus opera.

**Minervina:** Botei o terço na mão

Como quem sentia medo  
Uma emoção, um segredo  
Uma dor, uma aflição  
Naquela perturbação  
Fiquei de face gelada  
Desejei ser transportada  
Dali para outra esfera.

**Soledade:** Vi os paus do galinheiro

Junto ao antigo curral

Uma ossada de animal

Espalhada no terreiro

O antigo cajueiro

Tinha tapado a estrada

A mangueira desfolhada

Como num final de era

Foi triste olhar a tapera

De minha antiga morada.<sup>4</sup>

Dentre as recordações da infância, a casa tem presença constante na memória dos Poetas. “Ela é o centro geométrico do mundo, a cidade cresce a partir dela, em todas as direções” (BOSI, 1994). Provavelmente, porque é lá que vivemos os momentos mais significativos da nossa meninice.

Além disso, sabe-se que os primeiros momentos de nossas infância são vividos praticamente apenas em nossa casa, com o tempo, o espaço se amplia e passa configurar também em nosso cotidiano a rua, a escola e só posteriormente a casa de amigos, ampliando dessa forma nosso ciclo social.

No texto, pode-se, facilmente, observar a importância infinda da casa na perspectiva da poetisa. A dor que emana de si, após doloroso reencontro, fere talvez, por crer que ao encontrar “*sua antiga morada*” desintegrada, associa a esta a vida daqueles entes queridos. Convém lembrar que esta procura pelo lar significa a busca de sua própria identidade e este motivo é próprio de uma escritura feminina.

O recinto onde viveu é elemento de lembrança dos familiares, dos laços de família, desta forma, a esperança que nutria de reviver aspectos do passado, ainda que não se estanque por completo, se fragiliza pela imagem deste. Importa dizer que a casa é para a criança um espaço mítico repleto de possibilidades fantásticas. E sendo assim, eterna, inquebrantável.

---

<sup>4</sup> Transcrição do compact disc *A Mulher no repente - Minervina Ferreira e Maria Soledade. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.*

No poema, o doloroso reencontro causa na personagem uma deterioração interior: aquele ambiente, impregnado de lembranças, está inteiramente associado a sua vivência e sua decadência reflete em si causando hiperbólico pesar. Ao reencontrar fragmentos de objetos do seu universo infantil, a personagem sente-se também estilhaçada. Contudo, o passado se materializa. Aqui, o futuro que acreditava longe se torna o instante, o ontem se faz presente e reencontra as poetisas. Elas são conscientes de que entre o instante em que o poema se materializa e aquele passado a distancia é vasta. No entanto, há uma necessidade de recriar este passado que é, em verdade, atual quanto realidade poética.

O texto ao ser entregue ao leitor, representa um universo novo, ainda que tematize reminiscências do tempo de criança. Ao reencontrar a casa onde viveu, o eu lírico reconstrói, não apenas o espaço, porém também as pessoas que o habitavam. E mesmo que o ambiente não exista mais, a transfiguração mnemônica se encarregará de projetá-los no espaço físico. O resgate da memória é um dos caminhos para o auto-conhecimento; a volta às origens, através do tempo passado, faz parte da busca da identidade do ser.

As imagens de ruínas tais como: “*velha guarida*”, “*tempo danificou*”, “*parede perdida*”, “*madeira apodrecida*”, “*janela quebrada*”, trazem um estado de pobreza, uma sensação de desamparo a qual remetem um sentimento de impotência a narradora.

A casa “*era a mesma*”, contudo também aqui, não é possível encontrá-la de fato. Vêm-se objetos pertencentes ao antigo espaço, mas em sua condição atual, não traduzem nenhum sentido quando deslocado do conjunto harmonioso de que faziam parte.

Paralelo às imagens visuais, pode-se observar a manifestação de outros sentidos: há o canto “*triste dos pássaros*”, “*relinchar de um cavalo*”, “*o cheiro da terra mofada.*” Possivelmente, o canto triste dos pássaros é um reflexo do estado de espírito do eu lírico, mergulhado naquela atmosfera mórbida. Sabe-se ainda que a figura do pássaro pode representar presságio. Quanto à terra mofada, o cheiro nos remete a idéia de antigo, depreciado.

Após o perturbador reencontro, impotente, o desejo de fugacidade irrompe na personagem. As imagens tecidas nas estrofes finais tematizam a morte: “*ossada de animal*”, “*antigo cajueiro tapando a estrada*”, “*mangueira desfolhada*”, “*final de era.*” Estas imagens sacramentam uma idéia que dialoga com todo o texto, qual seja, demolida a casa, nada mais floresce, “*estão todos mortos dormindo profundamente.*” Tudo converge para o fim, e a

tentativa de reencontro e reconstrução de aspectos familiares desaparece. A infância amada está para sempre perdida.

A repetição anafórica no tempo serve para marcar o contraste entre dois momentos: o passado e o presente. Sabe-se que o passado traduz aspectos festivos da infância, a presença da família, o fato de estarem todos vivos, felizes e principalmente, as atenções de que a criança dispõe.

No poema “*Meu tempo de criança*”, transcrito a seguir as poetisas cantam:

**Minervina:** O sertão é minha vida

foi lá onde fui nascida

A minha terra querida,

meu chão, meu céu, meu canteiro

O importante celeiro de guardar recordação

Ao lembrar sinto emoção

cantando Quadrão Mineiro.

**Soledade:** No meu querido sertão

ao lado do meu irmão

Eu andei de pé no chão,

de casal de espinhadeiro

Lá no pátio do terreiro

ele jogava peteca

Eu brincava de boneca

cantando Quadrão Mineiro.

**Minervina:** Lembro que quando moleca,

por eu ser muito sapeca

Pai quase fica careca,

devido meu desespero

Quando eu pedia dinheiro,

pai reclamava, eu corria

Mãe me abraçava e sorria

cantando Quadrão Mineiro.

**Soledade:** Eu com seis anos pedia,  
e a minha mamãe trazia  
Uma fronha bem macia  
pra cobrir o travesseiro  
Depois que me dava um cheiro  
começava a sofejar  
Uma canção de ninar  
cantando Quadrão Mineiro.

**Minervina:** Cresci vendo mãe rezar  
as novenas no altar  
Eu para lhe acompanhar  
ensaiava o dia inteiro  
Os benditos que os romeiros  
havam me ensinado  
Pra mim crescer sem pecado  
cantando Quadrão Mineiro.

**Soledade:** Papai ia pro roçado  
com um cachorro de lado  
Uma enxada e um machado  
ferramentas de roceiro  
De baixo do juazeiro  
eu só ficava brincando  
Vendo papai trabalhando  
cantando Quadrão Mineiro.

**Minervina:** Papai a terra escavando,  
a chuva fina molhando  
Minha mãe atrás plantando  
nas chuvadas de janeiro

Eu tirando do cardeiro  
uma fruta pra morder  
Quase sem saber comer  
cantando Quadrão Mineiro.

**Soledade:** Ouvia mamãe dizer  
falta água pra beber  
Mandar o meu pai trazer  
da cacimba ou do barreiro  
Eu seguindo o seu roteiro  
sem ser vista por ninguém  
Trazia água também  
cantando Quadrão Mineiro.<sup>5</sup>

A narrativa acima revela uma infância velada a momentos de afetividade. Nela a poetisa irá reconstruir, pelo poema, os irmãos e os pais. As vozes e familiares perdidos no passado, ressurgem, ressuscitam intactos como antes.

A representação da infância, no poema, é descrita como um momento feliz e harmonioso. Aos habitantes da casa cabem as respectivas atribuições. À mãe os afazeres domésticos, o cuidado com a prole, a atividade religiosa, logo imitada pela criança, o pai irá se ocupar com área externa da casa, efetivando os trabalhos com a terra e os filhos não tem outra atribuição a não ser aproveitar a existência brincando.

O espaço tematizado, inicialmente, é a terra natal acolhedora. Os vocábulos escolhidos para a tessitura conotam esta idéia: “*meu canteiro*”, “*celeiro de recordação*”, “*meu chão*”. Ao encontrar este espaço a memória se encarrega de selecionar entre elementos, gestos do cotidiano da sua infância. O sentido atribuído ao vocábulo “*mãe*” se aproxima do termo “*terra natal*”, ambos remetem as personagens à proposição de conforto e familiaridade.

Durante a infância da personagem, já se observa a presença da música. Interessa verificar que em lugar de cantigas de ninar, a mãe canta “*Quadrão Mineiro*”, um gênero da cantoria. Sabe-se que o papel da música é muito importante na

---

<sup>5</sup>Idem.

formação das nacionalidades. As sociedades nascem e o cantar é sua primeira expressão. Por este prisma, uma análise mais precisa responsabiliza este momento de afetividade materna regado a cantoria como influenciador na escolha da poetisa.

A figura do pai surge no poema, como elemento pouco tranqüilo e a este cabem os afazeres com a terra. Sabe-se que a imagem de nosso pai reside na memória através da nossa existência e essa imagem que escolhemos e será conservada caso seja revisitada por conversas, fotos, leituras de cartas...Tudo isso nos ajuda a constituir sua figura.

De temperamento terno, a mãe é o aconchego, o conforto diante da adversidade paterna, sua tarefa principal são os afazeres domésticos. Desta forma, ambos garantem a felicidade da família.

Convém lembrar que a idéia que é reproduzida pela hierarquia masculina é fundamentada na crença de uma natureza feminina que dotaria a mulher de qualidades naturais para assumir funções diretamente associadas ao doméstico. Não há espaço para o feminino além do espaço interno.

Parece-me que, a infância tematizada nos poemas apresenta uma visão bastante particular do feminino. Vivendo durante anos confinada, a representação do tempo de criança apresenta imagens associadas ao ambiente doméstico.

Embora a temática seja a infância, os dois poemas a tratam em uma perspectiva distinta. O primeiro é marcado inicialmente por uma surpresa. Ao tentar reencontrar sua casa e metaforicamente sua infância, o eu lírico experimenta uma sensação de desamparo, abandono. Enquanto no segundo texto, a evocação através da memória permite a personagem, instantes de êxtase. Apenas não sabemos se, caso fosse o reencontro concreto, a poetisa vivenciaria a mesma sensação. A nós cabe apenas guardar estas imagens tal qual nos conceberam as cantadoras.



"O amor feliz morre de saciedade,  
o amor infeliz morre de fome.  
E a gente morre mais dolorosamente  
e mais lentamente de fome."

(Lou Andréas-Salomé)

## 7. O AMOR É FORTE COMO A MORTE

O amor: eis uma temática por demais esmiuçada. Se ligarmos um rádio, qualquer que seja a emissora, provavelmente, a canção que ouviremos será a respeito deste sentimento tão complexo e exaustivamente revisitado.

Na poesia propriamente dita, não é diferente, inúmeros são os poemas que versam sobre o assunto, desde sua definição à problemática dos relacionamentos. Há quem diga ser o amor indefinível, inexprimível, no entanto, várias são as metalinguagens a cerca deste. Importa dizer que se este sentimento não pode ser explicado, como dizê-lo? Em verdade, tudo se discute, se explica e o amor não está isento disso.

CAMÕES transfigurou as Escrituras em um dos paradoxos mais belos da Literatura Portuguesa ao versificar:

"amor é fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói e não se sente,  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer...

Não menos majestoso é o desespero florbeliano quando lamenta:

“Nessa tarde mimosa de saudade  
em que eu te vi partir, ó meu amor,  
levaste-me a minh’alma apaixonada  
nas folhas perfumadas duma flor” (ESPANCA, 1997).

Note-se, no poema a imagem tecida pela poetisa: o paralelismo criado entre os termos saudade e amor já fornece ao poema uma atmosfera melancólica, e que se origina em nosso cancionero medieval. O próprio ambiente nos fornece motivos que remete àquele momento, qual seja, “tarde”, “saudade”, “folhas” e “flor”. Estes motivos naturais podem ser encontrados nas cantigas de amigo.

A filosofia também se ocupa deste tema.

VOLTAIRE (2002) garantiu: “O amor é a estopa da natureza bordada pela imaginação. Quereis ter uma idéia do amor?”

De acordo com o filósofo, o ser humano tem vantagens sobre as outras espécies entre essas vantagens, o sentimento amoroso. Pois, conforme afirma, a maioria dos animais que se acasalam não experimenta prazer por mais que um único sentido. Satisfeito o apetite “está tudo acabado”. Nenhum animal senão o humano tem a sensibilidade por todo o corpo. E tem a dádiva do sentimento grandioso que é o amor.

Nos cânticos de Salomão, pode-se ler:

“Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre teu braço, porque o amor é forte como a morte, e duro como a sepultura o ciúme: as suas brasas são brasas de fogo, labaredas do senhor” (Cant, 8, 5).

Sabe-se que desde os primórdios o sentimento da mulher tem sido sufocado. As Escrituras contribuíram com este legado:

“..Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gên, 3, 16). (Grifos nossos)

Ao associar a vontade da mulher ao desejo do homem, implica uma anulação dos anseios daquela. Cabe a ela apenas realizar as vontades do seu “*senhor*”. E assim, torna-se objeto e não sujeito. Esta concepção de amor atrelado ao ideal masculino estagna o sexo oposto.

No Brasil, durante o século XIX, a romancista MARIA FIRMINA DOS REIS (1988) tratou o amor numa ótica que subvertia a “*ordem*” vigente. Em “*Úrsula*”, a autora buscou tematizar o amor por um discurso feminino. Convém salientar que, sendo homem e mulher seres distintos, cada qual com suas especificidades, certamente são adversas suas concepções sobre o amor.

À mulher o amor é ensinado, desde os primórdios, como um sentimento sublime. Ela é educada em preparação constante para o momento em que um “*amor*” aparecerá em sua vida. Durante esta preparação, adquire conhecimentos específicos destinados a abrigar esse amor e mantê-lo aceso. Não são poucas as publicações que trazem métodos de conquistas vários. Mas nenhum truque semelhante freqüenta as revistas masculinas.

Para o sexo oposto, o amor é ensinado como sendo apenas uma coquista, uma capitulação, além de experiência que se somará a outras. Ao rapaz apaixonado, costuma-se dizer que “*foi laçado*”, “*amarrado*”, “*está dominado*.”

“Para percebermos ainda mais claramente essa diferença, basta lembrar as festas com que se comemora o fim da vida de solteiro. As moças fazem um chá-de-panela em que as amigas, geralmente na casa de uma delas, trazem de presente para a noiva vassouras, panos de pó, panelas. Ou seja, uma festa voltada para o futuro, já projetada para o lar que se arma, e em que os presentes são símbolos do doméstico, do “dali para a frente”. Comemora-se, pois, uma coisa auspiciosa. No caso dos rapazes a cerimônia de adeus costumava ser nos bordéis.

Hoje em dia acontece em bares, ou em casa de um dos amigos. Mas é sempre uma festa de bebedeira, que beira a violência, em que o noivo deve se embriagar ao máximo para aproveitar os "últimos momentos de liberdade", o ocaso da inconseqüência. É uma festa voltada para o passado, e como tal repete o modelo de tantas outras de que o noivo já participou. É muito mais uma festa de *despedida* do que uma comemoração de *entrada* em novo *status social*" (COLASSANTI, 1984). (*Grifos da autora*)

Se o amor nos causa inusitado fascínio, o que dizer deste sentimento regado a infortúnios? Ainda mais encantadora que a sensação, talvez, sejam as adversidades descobertas no percurso dos encontros entre os enamorados. Ao cotejar este ângulo, deparamo-nos com a cimentação ou não da afeição. Muito se tem escrito sobre este particular. O problema parece ter merecido sempre a atenção quer seja da crítica quer seja do ficcional. Obras várias seguem este prisma emblemático.

Desfilam pela literatura vários romances que agregam desilusões amorosas: o amor não correspondido de Werter quando este se apaixona pela bela Charlotte, mas descobre ser ela comprometida, e assim incapaz de realizar seu anseio, o jovem não vê outra saída a não ser a morte.

Em *O Morro dos Ventos Uivastes*, de EMILY BRONTË, não é menor a desventura de Catherine e Hearthecliff, quando este, apenas realiza seu desejo de viver ao lado da "eterna" amada, após a morte de ambos.

O infortúnio de Bentinho e da dissimulada Capitu tem como pedra de toque o demônio do ciúme. Após longa espera a fim de concretizar o sonho da eterna convivência, é a dúvida do adultério que se interpõe entre a felicidade do cônjuge.

"Sem grande obstáculo, sem grande sacrifício, não temos corno aquilatar as dimensões de um amor. Pode até ser belo e sereno, mas, sem meios para medi-lo, desconfiaremos sempre da sua intensidade, como se sua sobrevivência fosse devida somente à falta de ocasiões para ruptura" (COLASSANTI, 1984).

Na poesia, CAMÕES em uma das suas mais famosas líricas irá rogar:

Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida, descontente,  
Repousa lá no céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que pode merecer-te  
Alguma cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus anos encurtou, .  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.

Não há necessidade de comentários a respeito do texto acima, pois o próprio se denuncia facilmente sem muito esforço na recepção, mesmo de leitor ingênuo.

A ansiedade amorosa e a fugacidade do tempo também são tratadas por CECÍLIA MEIRELES (1973) em seu poema “*Canção*”:

Não te fies do tempo nem da eternidade,  
Que as nuvens me puxam pelos vestidos  
que os ventos me arrastam contra o meu desejo!  
Apressa-te, amor, que amanhã eu morro  
que amanhã morro e não te vejo!

Não demores tão longe, em lugar tão secreto,  
nácar de silêncio que o mar comprime,  
Ó lábio, limite do instante absoluto!

Apressa-te, amor, que amanhã eu morro,  
que amanhã morro e não te escuto!

Aparece-me agora, que ainda reconheço  
a anêmona aberta na tua face  
e em redor dos muros o vento inimigo...  
Apressa-te, amor, que amanhã eu morro,  
que amanhã morro e não te digo...

Segundo COLASSANTI (1984), entre os amantes é a morte com que se encerram. São as adversidades que medem um verdadeiro amor, a certeza de um amor profundo, a solidez deste sentimento só pode ser conferida se vence dificuldades, quanto maiores forem os obstáculos, e mais determinada a resistência, maior será o amor.

Creemos terem sido suficientes os exemplos acima, a guisa de confirmar a presença da temática do amor na literatura, Obviamente, não intenciona este trabalho, explicar as premissas do amor e suas implicações. Nossa proposição consiste em verificar como as poetisas em estudo o tematizam. Assim, passaremos em seguida, para os textos das cantadeiras com as respectivas observações desse corpus.

A partir de um mote em Decassílabo, **Mocinha de passira** construiu estes versos:

Sempre estou me lembrando de alguém  
Que foi príncipe da minha adolescência  
Por silêncio de mais ou por ausência  
Nunca pude chamá-lo de meu bem  
Mas a cada momento que ele vem  
Escutar baião e meu repente  
Sinto uma sensação diferente  
Que nem sei o que toco ou o que canto  
o meu coração bate outro tanto

quando vejo você na minha frente.<sup>1</sup>

A temática do amor irrealizável, conforme foi dito, está presente na literatura universal. O poema acima é singelo, e pela natureza da linguagem, por si mesmo se explica. Ao iniciar, já se observa uma forte característica do amor idealizado, qual seja, o “*príncipe*” que habita os sonhos das mulheres. No texto em evidência, a personagem configura-se tímida ou o espaço destinado à mulher não lhe permite manifestar seus sentimentos?

Os substantivos “*silêncio*” e “*ausência*” metaforizam idéia similar, silêncio é também ausência. Ensimesmado, o eu lírico não consegue expressar seus anseios e se castra. Mas o passado encontra-se bastante assinalado na memória da personagem e ao “*encontrar*” o ser amado, reascende desejos recônditos.

É preciso você ficar sabendo  
Que esse amor que eu sinto não morreu  
Toda vez que recordo o nome seu  
Minhas mãos ficam frias tremendo  
O meu coração fica batendo  
Dando até impressão que tá doente  
Tropeço dez vezes no batente  
Me assento outra vez e me levanto  
o meu coração bate outro tanto  
quando vejo você na minha frente.

A mulher apaixonada exterioriza o seu amor platônico, eterno. O texto em estudo apresenta características de uma cantiga de amigo, no entanto, neste não há um trovador assumindo a voz feminina, a própria trovadora canta sua angústia. E não sabemos ao certo se a frustração vivida pela cantadora é confidenciada ao amado ou a outra personagem.

O meu sonho não foi realizado

---

<sup>1</sup> *Transcrição feita a partir do compact disc Mulheres de repente – Minervina Ferreira e Mocinha de Passira. São*

Por desdita talvez ou desencanto  
Mas, se a sorte marcar um reencontro  
Vou ficar para sempre do seu lado  
Que até hoje só vivo do passado  
Nem me lembro que agora é o presente  
Toda vez que lhe avisto novamente  
Faço um misto de amor, desejo e pranto  
o meu coração bate outro tanto  
quando vejo você na minha frente.

A personagem, sentimental que é, confia no acaso para realizar seu sonho e jura fidelidade amorosa se o destino lhe sorrir e seu sonho de ficar ao lado do amigo for realizado. Já fiz tudo, mas não pude lhe esquecer  
Assim, vivo sofrendo noite e dia  
Sem direito ter sua companhia  
Desprovida de amor e de prazer  
Mas, se vejo você me aparecer  
Num lugar que se encontre muita gente  
E não ganhar o seu beijo doce e quente  
Se eu tiver sem almoço ainda não janto  
o meu coração bate outro tanto  
quando vejo você na minha frente.

Por fim, a poetisa finaliza retificando a vassalagem amorosa, confessando seus padecimentos.

A temática, conforme já se disse, é simples, porém valorosa por ser um discurso de resistência em território tão povoado de masculinidade como é um território da cantoria. Além disso, a simplicidade do canto não suprime uma certa poeticidade.

Seguindo a mesma trilha, leia-se “NÃO PENSE QUE EU VOU CHORAR/ PORQUE VOCÊ FOI EMBORA” de **Maria Soledade** e **Minervina Ferreira**:

**Maria Soledade:** Eu já superei a dor  
porque antes do Natal  
Estava prevendo o final  
de nosso caso de amor  
Você me fez um favor  
ao sair de mundo afora  
Agora não marco hora  
pra sair nem pra voltar  
e não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora

Ao iniciarmos a leitura do texto, vê-se logo que a relação do casal já apresentava um desgaste e assim um final eminente. Nesta leitura, já se observa a condição limitada vivida pela mulher, não há direito à liberdade. Vê-se que sua atuação estava restrita ao lar, condição própria da mulher no plano hierárquico masculino.

**Minervina:** Se quer partir vá, sujeito  
Eu fico no nosso abrigo  
Só uma coisa eu lhe digo  
Se voltar não lhe aceito  
Cada um tem o direito  
De buscar sua melhora  
Mas se surgir a piora  
Procure um outro lugar  
e não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora.

**Mocinha:** Duas vezes nessa vida  
eu chorei dizendo ai  
a primeira por papai

e a outra por mãe querida  
porém com sua partida  
eu estou feliz agora  
aquela ilusão de outrora  
nem desejo recordar  
e não pense que vou chorar  
porque você foi embora.

**Minervina:** É esse seu último lance  
Entenda minha revolta  
Saindo não tem mais volta  
Voltando não tem mais chance  
Sinta que o nosso romance  
Viveu sua última aurora  
Quando o pássaro deixa a flora  
Já tem aonde pousar  
e não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora.

**Mocinha:** Nunca mais olhe pra trás  
Erga a frente e vá em frente  
Das coisas que eram da gente  
Nem retrato existe mais  
Volte a viver com seus pais  
Que a sua vida melhora  
Solidão só apavora  
Quem não sabe lhe driblar  
e não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora.

**Minervina:** Eu não vou sentir saudade  
Se quer ir parta que eu fico  
Procure seu povo rico

Tenha sua liberdade  
Ao sair dessa cidade  
Da casa onde a gente mora  
Seus pais perderam uma nora

Você perdeu o seu lar  
e não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora.

**Mocinha:** Eu sei que a felicidade  
Merece todo elogio  
É sensível como um fio  
Que tem eletricidade  
Quando se parte a metade  
Um suspira o outro chora  
Depois que o resto se tora  
Nem adianta emendar  
e não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora.

**Minervina:** Se tudo está acabado  
Não há mais como fingir  
Não adianta insistir  
Foçar a barra é pecado  
Eu acho outro namorado  
Você acha outra senhora  
Pois um casal só namora  
Até enquanto se ama  
Não pense que eu vou chorar  
porque você foi embora.<sup>2</sup>

Bastante revisitada, a temática da separação, nesta sextilha, é análoga aos preceitos do medievo. Aqui, a personagem não parece sofrer com a partida do “*amigo*”, a figura do homem aparece como excesso daquilo que, em lugar de satisfação, ao contrário anula, paralisa. Falta no texto um elemento anunciador: qual o motivo “*exato*” da separação? Para o leitor/ouvinte que busca a razão para a decisão do “*amante*”, há uma lacuna. Entretanto, a coisa que falta é o que permite as minúcias da narrativa.

Típico dos textos femininos, o caráter memorialista confunde o receptor, a voz é do eu lírico ou das próprias cantadoras?

No mote, vê-se a convicção da personagem, e esta certeza é referendada através das afirmações: “Se voltar não lhe aceito”, “Procure um outro lugar”, “Você perdeu o seu lar”, “voltando não tem mais chance”. Não há tentativa de reconciliação. Feita a escolha, parece-nos que se instala na protagonista um sentimento de liberdade, uma satisfação de enfim ter sua própria autonomia.

---

<sup>2</sup> *Transcrição a partir do compact disc A Mulher no repente - Minervina Ferreira e Maria Soledade. João Pessoa:*



A minha denuncia é breve,  
pois nem sei se houve delito,  
nem se era conspiração.  
Mas se ninguém os escreve,  
aqui deixo, por escrito,  
os nomes que adiante vão.

(Cecília Meireles)

## 8. A POESIA ENGAJADA

A obra de caráter social é bastante recente no Brasil, principalmente na poesia. Entende-se como literatura social aquela que tematiza personagens cujo destino está atrelado ao de uma classe. Tal obra tem por motivo o coletivo: “o homem desempregado”, “o menor abandonado”, “o pobre”, “a mulher submissa”, “a prostituta”, “o operário”, com seu salário de miséria, todos esmagados por um sistema opressor, todos, de certo modo, “*Vítimas da sociedade*”. É o que se observa nos poemas a seguir:

**Mocinha de Passira:** A cruel sociedade

não vê o desprotegido  
Que seja menor de idade  
ou esteja envelhecido  
Sempre existe diferença  
da religião pra crença  
Da enxada pra imprensa  
no Oitavão Rebatido.

**Minervina Ferreira:** A fome é uma doença

que atinge o povo sofrido,  
Sinto uma tristeza imensa  
quando vejo alguém caído  
O desemprego é pesado  
de estado pra estado  
Nem sei quem tanto é culpado  
no Oitavão Rebatido.

Sendo a fome uma doença, imprime-se nesta, naturalmente, uma condição de enfermidade, suprime-se assim, a possibilidade de simplesmente saciá-la, faz-se necessário

remediá-la. Além disso se atinge todo o povo, configura-se uma enfermidade, uma praga que se alastra pelo habitat.

**Mocinha de Passira:** O homem desempregado  
cansou de fazer pedido  
E o menor abandonado  
pelas ruas desnutrido  
Um sem vaga na empresa,  
outro sem prato sem mesa  
Vivendo a mesma tristeza  
no Oitavão Rebatido.

O homem em oposição ao menor, ainda que aparentemente sejam vocábulos distintos, encerram no poema uma única idéia, já que ambos são abandonados. Explicamos: O homem sem trabalho, fora da empresa, vive à margem tanto quanto o menor a viver nas ruas. A ambos é negado a dignidade, a cidadania. Eles são iguais em infortúnio. Além disso, a rima formada a partir dos substantivos “*pedido*” e “*desnutrido*” não é casual, estes vocábulos transmitem muito mais que coincidência sonora, metaforicamente, trazem idéias semelhantes. Sabe-se que a *desnutrição* se manifesta pela falta de algum nutriente, quanto ao termo pedir, não carece de qualquer esclarecimento a cerca de seu significado. A aliteração criada com a preposição “*sem*”, remete o leitor-ouvinte à condição de escassez sofrida pelas personagens dignas de compaixão.

**Minervina Ferreira:** Sei que o pobre que a fraqueza  
vai lhe deixando abatido  
Caminha com a alma presa,  
pois se sente ofendido  
Sente na própria matéria  
que a salvação é séria  
Um salário de miséria  
no Oitavão Rebatido.

No poema, cada um dos dois primeiros versos das quatro primeiras estrofes, trazem paralelismos que se tocam:

Desprotegido → envelhecido

Sofrido → caído

Pedido → desnutrido

Abatido → ofendido

Mais significativo que a coincidência sonora, observa-se a semelhança da condição apresentada pelos adjetivos que configuram imagens depreciativas, quase sinonímia.

A antítese estabelecida entre as palavras “*alma*” e “*matéria*”

**Mocinha de Passira:** Vírus, germe, bactéria

o pobre tem engolido

Além de grito e piléria

por patrão enraivecido

E o professor primário

também é funcionário

Ganhando um mixo salário

no Oitavão Rebatido.

**Minervina Ferreira:** A vida do operário

que caminha mal vestido

Com seu trabalho diário

se sente comprometido

Não sabe o que é preguiça

o próprio dever lhe atença

Mas só recebe justiça

no Oitavão Rebatido.

**Mocinha de Passira:** Quem mais clama por justiça

entre suspiro e gemido

É a mulher submissa

sem trabalho e sem marido  
Sem emprego pra viver  
vai pra rua se vender  
Fazer sexo sem prazer  
no Oitavão Rebatido.

**Minervina Ferreira:** Se obriga a atender  
ao sujeito atrevido  
Não faz isso por querer  
é que disso tem vivido  
Bebe muito, pouco come,  
perde a moral mais o nome  
Para não morrer de fome  
no Oitavão Rebatido.

Fazendo viver a sociedade, através do poema, verifica-se a negatividade expressa em cada início de estrofe, cada uma enunciando adversidades que fazem parte da vida das personagens tematizadas. Mesmo que tenham suas especificidade, há convergências entre elas, todas são desfavorecidas. As cantadoras focalizam as diferenças sociais de um sistema excludente. Salientam suas revoltas diante da opressão a que seu povo é submetido. Cinzeladoras que são, têm a missão de denunciar as injustiças e dá voz aos oprimidos.

Sabe-se que todo enunciado demanda comunicação, e isso atesta seu caráter social. Porém, ainda que se queira uma poesia engajada, não se deve esquecer o pensamento do possível. É o que pode ser observado em “*O Brasil do futuro*”. A tessitura do poema lembra uma prece. Há um desejo utópico que perpassa o texto. Isso se observa logo no início da narrativa:

“Espero que tudo mude,  
Depois do ano dois mil.”

Naturalmente, as poetisas não deixam de apresentar um tom de denúncia, mas a essência é de uma canção de esperança. Além disso, se observa o aspecto mitológico, fantástico atribuído ao século vinte um. Como se tivesse o poder de transformar o destino da humanidade.

**Minervina Ferreira :** O que vem acontecendo  
nesse querido Brasil  
É violência no campo  
mortalidade infantil  
Espero que tudo mude  
Depois do ano dois mil

**Mocinha de Passira:** Nós vivemos o perfil  
de um quadro bastante escuro  
com desarmonia inteira  
deixando o povo inseguro  
não queremos que esse quadro  
aconteça no futuro.

**Minervina Ferreira :** Nós estamos em apuros  
Sem a menor segurança  
Falta paz a cada espírito  
Sorriso em cada criança  
Na luz do século vindouro  
Está a nossa esperança

**Mocinha de Passira:** Que não falte pra criança  
assistência hospitalar  
a mãe se alimente bem  
pra quando o filho mamar  
seu sistema imunológico  
tempo nenhum se abalar

**Minervina Ferreira:** Que o campo, rio e mar  
não sejam mais poluídos  
as florestas respeitadas  
os animais protegidos  
lares que foram desfeitos  
venham ser reconstruídos

**Mocinha de Passira:** os falsos deuses banidos  
o verdadeiro adorado  
a igreja seja única  
onde o povo ajoelhado  
comungue da santa hóstia  
e beba o vinho sagrado

**Minervina Ferreira:** que o pobre seja educado  
desde a primeira idade  
toda escola pública  
tenha uma boa qualidade  
preparando nossos filhos  
pra nova sociedade

**Mocinha de Passira:** que se irrigue a metade  
dos sertões dos nove estados  
pra os problemas do nordeste  
serem solucionados  
só assim os nossos sonhos  
terminam realizados

**Minervina Ferreira:** que todos desempregados  
encontrem colocação  
apareçam novos meios

de trabalho e produção  
que o Brasil se saia bem  
nessa globalização

**Mocinha de Passira:** que a privatização  
nos ajude a cada dia  
toda residência tenha  
telefone e energia  
para o pobre ter direito  
a sua cidadania

**Minervina Ferreira :** esperamos que um dia  
finde o crime e o terror  
haja união de classes  
sem preconceito de cor  
pra Jesus Cristo sorrir  
vendo nascer o amor.<sup>1</sup>

A linguagem simples e direta da Sextilha, proporciona, mesmo ao leitor ingênuo, no dizer de UMBERTO ECO, um entendimento preciso desde a primeira leitura, isso se deve ao fato de ser esta temática de uma certa cumplicidade do leitor:

“Nós vivemos o perfil de um quadro bastante escuro”.

Temos um poema fortemente humanista, que pode ser dividido em duas partes. No primeiro momento, composto pelas três primeiras estrofes, vê-se a descrição de um cenário veemente familiar. Aqui, o leitor-ouvinte se sente presente no texto. Ele comunga das idéias apresentadas.

Na segunda parte, não há mais uma descrição, comprovação de uma vivência. Agora as cantadoras constroem o poema de modo a tornar a denúncia mais sutil. Esta aparece através dos anseios das poetisas: se desejam, há falta. As imagens construídas denotam uma visão de

fé na humanidade. A canção clama, diáfana, por um futuro onde todos vivam irmanados e em igualdade de condição. Talvez pela utopia apresentada, o poema consiga grande identificação com o leitor.

Seguindo a mesma trilha, as jovens **Luzivan Matias** e **Lucinha Saraiva** esgrimem esta toada:

### **O Brasil Que Eu Imagino**

(Sete Sílabas)

**Lucinha Saraiva:** O Brasil que imagino é diferente

Nele vejo somente cenas belas  
Não há brigas de gangues, Nem corruptos  
Não há pontos de drogas, nem favelas  
Há somente infinitas alegrias  
Praças, parques, tranqüilas moradias  
E felizes cristãos morando nelas.

**Luzivan Matias:** Há varandas e flores nas janelas

E os limpos cruzando as avenidas  
Os casais estão sempre apaixonados  
As crianças libertas e assistidas  
Os patrões irmanados produzindo  
Os doutores usando e assistindo  
E os policiais em paz salvando vidas

**Lucinha Saraiva:** As mulheres são todas protegidas

Sobra escola e não há indigentes  
As famílias trabalham progredindo  
Partilhando, ajudando os inocentes  
Há respeito ao mais velho aposentado  
Não se vê um menor abandonado

---

<sup>1</sup>Transcrição do compact disc *Mulheres de repente – Minervina Ferreira e Mocinha de Passira*. São Paulo:

Não há filhos sem pai, nem pais carentes

**Luzivan Matias:** No Brasil que imagino adolescentes  
Gostam mais de estudar e jogar bola  
Se exercitam, não curtem vídeo game  
Não conhecem maconha, crac ou cola  
Tem por isso um progresso gradual  
Se alimentam de modo natural  
Em dois lares que têm: casa e escola

**Lucinha Saraiva:** Não há bomba, punhal e nem pistola  
As florestas são muitas e intocáveis  
Sobra pão, sobra lei, sobra justiça  
Os que plantam são homens incansáveis  
Os que chegam de fora são bem vindos  
Os governos propalam sonhos lindos  
E os políticos são homens respeitados.

**Luzivan Matias:** No Brasil que eu imagino são notáveis  
Os senhores do bem dizendo sim  
Há amigos fiéis , há bons vizinhos  
Não germina a semente do ruim  
Um Brasil onde não há preconceito  
Um Brasil onde todos têm direito  
Há uma casa, uma horta, um jardim<sup>2</sup>

O próprio título já denuncia a temática a ser apresentada e a Sextilha é tecida de modo a indicar, através do desejo das poetisas, a realidade adversa encontrada no país. Em lugar de

---

UMES, 1999.

<sup>2</sup> *Transcrição do compact disc O Melhor do repente nordestino: cantoria de viola - Vol. 2- Lucinha Saraiva e Luzivan Matias. São Paulo: Incanto .*

denunciar vorazmente o contexto social da nação, elas apresentam suas aspirações, deixando implícita a denúncia.

Não menos engajados são os poemas que apresentam uma temática da condição da mulher. Como disse MAGALHÃES (1995), existe uma maneira de estar no mundo própria dos homens e outra própria da mulher e os textos expressam em diversos níveis essas diferenças. Convém ainda salientar que essa diferenciação acentuou-se na segunda metade do século XX, com a crescente tomada da palavra pelas mulheres. Não é difícil compreender que a mulher, vivendo uma condição especial, representa o mundo de forma diferente.

“A mulher é a ficção que ela escreve? Ou a ficção escrita sobre ela? A construção da identidade feminina passa, necessariamente, pelo recalque do universo masculino, pela diferenciação sexual. Entre o público e o doméstico, a mulher que escreve estabelece seu mundo imaginário, procurando dizer de si mesma aos outros e propondo maneiras inovadoras de estar e de fazer. A criação artística e, sobretudo, a literária, como élan de comunicação de sua vida privada com o público, através da palavra escrita” (FREITAS). O discurso literário feminino apresenta estratégias particulares. Marcas deste modo “*marginal*” de estar no mundo.

No poema em Decassílabo “*Foi abaixo o império dos machistas/acabou a mulher escravizada*”, versificado por **Mocinha de Passira**, pode-se notar este motivo. O poema, construído a partir de expressões recorrentes comuns às improvisadoras que se ocupam desta temática, embora utilize imagens comuns tem sua importância por expor a problemática do gênero.

A mulher era tida antigamente  
Objeto que o homem manobrava  
Aprendia a ler mas não votava  
Em prefeito, governo, presidente  
Porém, hoje tá tudo diferente

Já temos prefeita e deputada  
Soldado, juíza e delegada  
Vivendo dessas grandes conquistas  
Foi abaixo o império dos machistas  
Libertou-se a mulher escravizada.

A estrofe inicial apresenta a condição submissa e excludente em que vivia a mulher do passado, e em seguida, descreve alguns cargos exercidos pela mulher atualmente. Convém observar a importância conferida às circunstâncias atuais vivida pela mulher, já que a cantora tem a consciência de que esta situação atual configura uma conquista do segmento feminino. Por fim, vê-se no mote do poema, a chave que apresenta a ascensão da mulher.

Ao suscitar o questionamento sobre a condição inferior, que lhes são impostas pela hierarquia masculina, as mulheres penetraram no espaço público através do seu trabalho; produziram um contra-discurso, uma contra-ideologia, fazendo contrastar o seu ponto de vista com o masculino na cena cultural.

A mulher alcançou a liberdade  
Pra jogar do basquete ao futebol  
E pra praia curtir manhã de sol

Estudar em colégio, faculdade  
Ensinar no ginásio da cidade  
História Geral, raiz quadrada  
Ter um grande amor sem ser casada  
Por isso dou viva às feministas.

A mulher que trabalha realiza  
O que ela na vida sempre quis  
Fazendo excussões pelo país  
Em qualquer reportagem ou em pesquisa  
Quando faz um exame de baliza  
Já vem do DETRAN habilitada  
Carrega qualquer carga pesada

Como as outras colegas motoristas

A mulher todo instante colabora  
Para o grande progresso da nação  
Faz escolha da sua profissão  
Neste mundo ninguém lhe ignora  
O sapato direito põe espora  
Pra corre argolinha, vaquejada  
Porém sendo modelo é contratada  
Pra desfile e capas de revistas.<sup>3</sup>

O discurso apresentado, ainda que seja valoroso, nos afigura ingênuo. A poetisa parece crer que a mulher moderna garantiu seu espaço, dissipando todo o preconceito e as conquistas obtidas para ela são suficientes. Esquece, por exemplo, a discriminação específica sofrida por ela mesma e suas companheiras no universo da cantoria.

A mesma temática foi revisitada pela poetisa **Terezinha Maria** que versificou:

A mulher era muito conhecida  
Companheira de forno e de fogão  
A chamar seu marido de patrão  
E dos pés a cabeça era vestida  
E por regras sociais proibidas  
De viver entre mesa de cassinos  
Hoje ela mesma ensina aos jogatins  
As manhas que existe na jogada  
Acabou-se a mulher escravizada  
Pelos brutos caprichos masculinos.

---

<sup>3</sup> *Transcrição do compact disc Os grandes repentistas do Nordeste Vol. 1- Mocinha de Passira e Valdir Teles. São Paulo: Pequizeiro.*

Entre ódio de mágoas e vingança  
Na senzala crescia a podridão  
Das mucamas em sua escravidão  
Procuradas só pra gerar criança  
Mas nasceu uma flor dos assassinos  
A Princesa Isabel aos brasileiros  
Disse a negra de hoje é respeitada  
Acabou-se a mulher escravizada  
Pelos brutos caprichos masculinos.<sup>4</sup>

**Ainda a poesia comprometida de Terezinha Maria:**

A mulher é responsável  
Por toda sociedade  
Semente germinadora  
Mãe de toda humanidade  
tem seu direito sagrado  
De lutar por liberdade

Ser mulher é partilhar  
Do sabor do pão da vida  
Trabalhar, zelar seus filhos  
Ter amor, casa e comida  
E a mãe solteira precisa  
Ser bem mais compreendida

A mulher nasceu pra ser  
Uma fiel companheira  
Ser tratada com carinho  
Brilhar em qualquer carreira

---

<sup>4</sup> *Versos gravados em residência da cantadora, a 7 de janeiro de 2003.*

E quem quer mulher objeto  
Compra boneca na feira

Hoje a mulher se destaca  
No cartório, na FEBEM  
Na imprensa, na política  
Na escola, no armazém  
Que toda repartição  
Precisa mulher também

Mulheres cantando bem  
Poetisa, violeira  
No rodeio, no teatro  
Na música, na capoeira  
E enfrentando o congresso  
Na política brasileira

A mulher pernambucana  
Tem coragem, tem bravura  
A religião, a crença  
O bordado, a costura  
Cantadora do resgate  
Pra salvar nossa cultura<sup>1</sup>

Ao iniciar o poema, o leitor já se depara com um paradoxo: embora seja “Responsável por toda sociedade”, “*semente germinadora*”, “*mãe de toda humanidade*”, a mulher não é livre. Porém, a voz do eu lírico procura conscientizá-la de seu préstimo no contexto social em que está inserida, para que ela desperte e exija seu reconhecimento como sujeito essencial. É necessário que ela compreenda a sua importância, pois só consciente disso é que será possível

---

<sup>1</sup>

reivindicar seu espaço na coletividade. O tom assumido no poema é de busca de sua identidade, auto-realização e reconhecimento.

Após versificar sobre a importância da mulher, a cantadora se ocupa de evidenciar o espaço conquistado por ela em vários setores do meio social. E atribuindo à mesma uma evidência em várias manifestações populares, dá-lhe a responsabilidade bastante coerente com o plano ideativo do poema: pois, “*semente germinadora*” que é, terá a missão vanguardista de resgatar a nossa cultura popular. Como versificou certa vez a cantadora

**Mocinha Maurício:**

Sei que a mulher tem cartaz  
é pessoa de primeira  
boa esposa e boa filha  
também boa companheira  
e trabalha defendendo  
a cultura brasileira.<sup>5</sup>

Os textos acima reproduzidos falam sobretudo de mulheres e a primeira pessoa é a dominante. Conscientes da necessidade de consolidar o espaço, as cantadoras não hesitam. O discurso apresentado é feminino ainda que nem sempre feminista, contudo manifesta um desejo de garantir o espaço conquistado, libertando a mulher do que ainda resta de discriminação e opressão, para que ela seja um ser completo, atuando no mundo como um agente, não mais à margem, porém no centro das atuações sociais.

Em uma *Toada Gemedeira* as poetisas **Luzivan Matias e Lucinha Saraiva** responsabilizam o desemprego pelo infortúnio do país. Queixam-se ainda, da má distribuição de renda que torna parte da população miserável. E reivindica o “*mínimo*” para o povo sobreviver.

**Gemedeira do desemprego**

(Sete Sílabas)

**Lucinha Saraiva:** O desemprego terrível  
Faz nosso povo infeliz  
Traumatizando o adulto

---

<sup>5</sup> Versos gravados na residência da poetisa, a 8 de janeiro de 2003.

Adolescente, guris  
É mais uma página negra,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Na história do país

**Luzivan Matias:** Desemprego infeliz

Cada dia está subindo  
Só quem está desempregado  
Se levantando e caindo  
É quem sabe a dimensão,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Da dor que está sentindo

**Lucinha Saraiva:** o pobre que está caindo

Muita coisa não quer ter  
Não corre atrás de ganância  
De luxúria, de prazer  
Só deseja ter o mínimo,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Pra poder sobreviver

**Luzivan Matias:** desemprego faz crescer

Angústia e constrangimento  
Pra o rico sobra dinheiro  
Pra o pobre falta alimento  
Um vive na mordomia,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
O outro no sofrimento

**Lucinha Saraiva:** o que vemos no momento

São os políticos grosseiros  
Favorecendo empreiteiras  
Dando apoio pra banqueiros  
Sepultando as esperanças,

Ai!, ai!, ui!, ui!...  
De milhões de brasileiros

**Luzivan Matias:** Pois só gera desespero  
O quadro triste e cruel  
Dá para se perceber  
Diante do triste painel  
Que os direitos humanos,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Não saem do papel

**Lucinha Saraiva:** diante do quadro cruel  
Que atinge a população  
Convido a sociedade  
Para a marcha da união  
É o projeto alternativo,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Pra salvar nossa Nação

**Luzivan Matias:** desemprego e recessão  
Turbulência e agonia  
Seqüestro, roubo, chacina  
Acontece todo dia  
Matando a nossa esperança,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...  
Ferindo a democracia

**Lucinha Saraiva:** o Brasil de hoje em dia  
Mergulha no desespero  
E a nossa economia  
Foi perdida sem roteiro  
Vivendo subordinada,  
Ai!, ai!, ui!, ui!...

## Ao capital estrangeiro <sup>6</sup>

O vocábulo “*mínimo*”, no poema, nos remete a duas acepções: o salário mínimo e a condição mínima, dando a entender que o trabalhador é capaz de sobreviver com qualquer quantia que lhe seja ofertada. A ironia do termo está exatamente no fato de ser o salário mínimo, no Brasil, um ordenado tão irrisório que impossibilita o cidadão viver com dignidade. No entanto, o mais grave é nada lhe ser oferecido, já que para conseguir este “*mínimo*” seria necessário um emprego e isso lhe é negado.

“*Diante do quadro cruel que atinge a população*”, as violeiras convidam a sociedade para a “*marcha da união*”, “*um projeto alternativo*” que segundo elas, irá salvar a nação. Porém, não deixam óbvio os encaminhamentos para chegar a esse objetivo.

O termo “*marcha*” sugere progressão, mobilização. Contudo, não sabemos se a “*marcha*” teria o papel de apenas exigir melhores condições de vida, ou de assumir uma posição revolucionária para subjugar o opressor.

Ao receptor cabe ler as entre linhas e assumir o seu papel nessa “*marcha*” da maneira que acreditar possível.

---

<sup>6</sup> Transcrição a partir do compact disc *O Melhor do repente nordestino: cantoria de viola - Vol. 2- Lucinha*



“-Esse dom de cantar quem lhe deu?

-Foi Papai do céu que me entregou

-Esse coco com quem aprendeu?

-Quando papai cantava me ensinou.”

(Terezinha e Lindalva)

## 9. A POESIA ESDRÚXULA : O COCO DE EMBOLADA

Sabe-se que a denominação repente focaliza poéticas estruturadas a partir do improviso. Em nossa pesquisa, conforme já foi dito, encontramos poetisas de duas dessa modalidade: *A cantoria de viola* e *o coco de embolada*. Ainda que ambas sejam poéticas orais, possuem aspectos que as diferenciam. Para acompanhamento da versificação, a primeira utiliza a viola, ou raramente, a rabeca, a segunda faz uso de instrumentos de percussão tais como o pandeiro e algumas vezes o ganzá.

Distinção à parte, é inegável que estas duas vertentes são as mais conhecidas no universo da improvisação e, se a cantoria possui um certo status entre alguns estudiosos da Cultura Popular, a embolada parece exercer um maior fascínio perante o público em geral.

“O termo embolada é rico em conotações. Uma possível relação com “bola” (sinônimo de tino, cabeça, inteligência). As dificuldades de dicção transformam o canto em um jogo de destreza vocal que desvia a atenção do ouvinte do conteúdo semântico para o “valor sonoro” das palavras” (TRAVASSOS, 2000).

Esta confusão semântica provoca nas poetisas violeiras certa crítica. **Francisca Maria** disse:

“O coco de embolada ... Aquilo ali, qualquer pessoa faz. É só enrolada. Quem canta de improviso faz aquilo fácil. Eu já

estive observando, eles não rimam como os poetas cantadores não.”<sup>1</sup>

Desse pensamento comunga **Terezinha Maria**:

“No coco não tem muita obrigação com sistema não, é avexado, é rapidez. No coco, é mais difícil que na cantoria porque é muito rápido, mas não tem regra não, vale tudo: é palavrão é tudo.”<sup>2</sup>

Sobre esse particular, é interessante mencionar a opinião de **Terezinha e Lindalva**, respectivamente.

“ O coquista é muito mais livre, não tem obrigação de seguir regra nenhuma, ele canta a vontade. Agora, o povão gosta mais de nós, a gente chama atenção em qualquer lugar e o violeiro não.”<sup>3</sup>

“Realmente não tem comparação entre quem canta em cima do ritmo e fazer fora. A gente enrola de qualquer jeito, na embolada tudo vale. Por isso o violeiro humilha a gente, mas a gente chama mais atenção do povão, o violeiro numa feira não chama atenção de ninguém.”<sup>4</sup>

Como a cantoria, o coco de embolada é cantado por dupla, no entanto, se apresentam, os poetas, em feiras, coletivos, praias, praças e onde haja público. Algumas vezes, os emboladores se apresentam em Congressos de cantadores, mas apenas como atração.<sup>1</sup>

Embora sejam os gêneros bastante diversificados, os mais utilizados são as quadras, as sextilhas as décimas e as sétimas. No entanto, diferente da cantoria não há rigidez na

---

<sup>1</sup> Entrevista fonada a 5 de janeiro de 2003.

<sup>2</sup> Entrevista realizada por telefone a 30 de janeiro de 2003.

<sup>3</sup> Entrevista realizada por telefone a 30 de janeiro de 2003

<sup>4</sup> Entrevista realizada em Natal (RN) a 9 de fevereiro de 2003.

<sup>1</sup>Nota: conforme citação anterior, semelhante fenômeno acontece com as mulheres cantadoras.

manutenção do gênero. Assim, os emboladores podem, numa mesma embolada, mudar a métrica ao seu bel prazer.

Um dos grandes atrativos da embolada é sem dúvida o denominado *coco malcriado*, onde os poetas se depreciam mutuamente. Nisso, vê-se uma certa semelhança às *cantigas de maldizer*. Nesta modalidade, há ofensas diretas, sem artifícios, usam-se termos vulgares, obscenos, baixos, fere-se brutalmente o adversário. Importa dizer que na cantoria de viola, existem desafios que buscam depreciar o oponente, todavia busca-se atingir o outro colocando em dúvida, principalmente, a sua competência poética. Aceitam-se, algumas vezes, ofensas físicas, formulações ambíguas, porém poucos admitem o emprego de vocábulos obscenos.

Diferente do violeiro, o embolador pode cantar decorado sem ser classificado de inferior. Ao ouvir um coquista durante horas, detectaremos, em sua poesia, vários termos repetidos sem que esse procure disfarçar este recurso.

Outro aspecto que suscita várias críticas entre os cantadores de viola é o fato de os poetas da embolada nem sempre terem preocupação com o tema. Eles podem misturar vários assuntos sem se preocupar com a *coerência*, o que na cantoria é chamado de *oração*.

Contudo, isso não quer dizer que a embolada não pode apresentar uma narrativa com início, meio e fim. Há alguns trabalhos que trazem esta estrutura, contudo o coquista não tem a obrigação de seguir normas. Ele tem a liberdade de criar seus versos. Assim, não raro, se observa numa mesma estrofe vários assuntos versificados e esta versatilidade não consiste arbitrariedade.

MÁRIO DE ANDRADE (1976) enfatizou que a cantoria e a embolada se caracterizam por a primeira ter uma preocupação com temas sérios e a segunda pelas brincadeiras vocais. Para o escritor de Macunaíma, na embolada, o importante é que o texto se encaixe.

No entanto, há trabalhos na embolada que, ainda que apresentem o risível, trazem uma temática séria. Um exemplo disso é a embolada “*A televisão*”, improvisada por Cachimbino e Caju. Nela, embora o texto seja apresentado de uma maneira cômica, os emboladores procuram fazer uma reflexão sobre a influência da televisão em nossas vidas, que segundo eles, é bastante negativa. Em sua reflexão, o poeta afirma que a televisão aprisiona as pessoas, deixando-as limitadas e alheias ao mundo externo. Além de instruir a população com informações nocivas e hostis a sociedade. Ei-la:

Essa tal televisão  
Trouxe problema pro povo  
Tira o juízo do velho  
E tira a mente do novo  
O cabra fica abestalhado  
Que só um pinto no ovo

Eu vou renovar (refrão)

Porque a televisão  
É coisa de encabular  
Entra na casa alheia  
Sem o sujeito esperar  
O que é bom, e o que é ruim  
Só não vê se não ligar

Eu vou renovar (refrão)

Porque a televisão  
Só vive funcionando  
Ele lá bota o que quer  
Você em casa esperando  
O que gosta, o que não gosta  
Você fica admirando

Eu vou renovar (refrão)

Porque a televisão  
Ensina o cabra a roubar  
Ensina a fumar maconha  
Também a seqüestrar  
Só no aprende quem num quer,

Mas ela sabe ensinar

(refrão)

O marido diz a mulher  
Minha janta tá botada  
Ali naquele momento  
Ela responde abusada  
Só vou depois da novela  
Se não eu num faço nada

(refrão)

E tem delas que quando se assenta  
fica de prontidão  
se o menino conversa  
ela dá um beliscão  
fica tão lesa dum jeito  
que os prato cai no chão

E as mocinhas também  
Que assiste televisão  
Vê um rapaz bonito  
Ela diz: "ô que gatão  
Aquilo pra comer rata  
Somente passar a mão"

E não bota um programa bom  
De cantor e sanfoneiro  
Como tem o Som Brasil  
Ouvido no mundo intero  
Só se vê é mulher nua  
Assaltante e desordeiro

E não bota um programa bom  
Como todo mundo diz  
Pra divulgar a cultura  
Que isso já vem de raiz  
Só bota o que não presta  
Pra divulgar o país

É novela o dia todo  
O seis dia da semana  
Caba fungando o cangote  
Daquela mulher bacana  
E chupando a língua dela  
Parece cana caiana

O matuto disse pro outro  
Meu compadre Malaquias,  
Eu tenho televisão  
É a maior putaria  
Mulher botando chifre  
Toda hora, todo dia  
Tô com cabaré em casa  
Comprei porque não sabia. <sup>5</sup>

Quanto à representação da figura feminina, na embolada, a mulher é quase sempre tematizada de maneira depreciativa, mesmo as emboladoras carregam este viés machista e deixam transparecer em suas improvisações conceitos masculinos.

Ao emboladoras **Terezinha** e **Lindalva** cantam:

**Terezinha:** Quem foi o veado daqui?

**Lindalva:** foi seu pai, foi seu pai  
**Terezinha:** quem foi o corno daqui?  
**Lindalva:** foi seu pai, foi seu pai  
**Terezinha:** quem roubou no Cariri  
**Lindalva:** foi seu pai, foi seu pai  
**Terezinha:** quem pegou o seu rebanho  
**Lindalva:** foi seu pai, foi seu pai  
**Terezinha:** quem dorme sem tomar banho  
**Lindalva:** foi seu pai, foi seu pai  
**Terezinha:** Diga se não eu relaxo,  
                   me diga qual foi o macho  
                   que trepou na sua mãe?  
**Lindalva:** foi seu pai, <sup>6</sup>

Observa-se, já no início, um aspecto caracterizador do *coco malcriado*, qual seja, a depreciação do adversário. A coquista que pergunta procura iludir a outra que acredita está “levando vantagem” na brincadeira, e no final é “surpreendida” com o desfecho. No texto acima, o desenlace ressaltou marcas próprias das “brincadeiras” machistas envolvendo sexualidade. Ao indagar: “me diga qual foi o macho que trepou na sua mãe?”, vê-se os substantivos “macho” e “mãe” em oposição. “Macho” conota aqui uma relação extraconjugal, já que sendo “mãe” um substantivo heterônimo, considera-se “pai” o seu feminino. Assim ao dizer “macho”, a emboladora dá à mãe a condição de adúltera. Em contrapartida o termo “macho” fornece ao homem um teor de virilidade.

Note-se que a intenção depreciativa é confirmada pela interrupção da coquista que respondia.

Sabe-se que, na cantoria de viola, existe uma modalidade sob o nome de *Mourão voltado* que também apresenta um diálogo.<sup>7</sup> No entanto, como já citamos, dificilmente haveria um desfecho análogo. Geralmente, os violeiros ou, no caso, as violeiras, procuram durante

---

<sup>5</sup> Transcrição do compact disc *Os grandes repentistas do Nordeste : emboladoras – Terezinha e Lindalva*. São Paulo: Pequizeiro.

<sup>6</sup> idem

<sup>7</sup> Em verdade, no diálogo apresentado na embolada, a resposta é sempre igual ao refrão.

este gênero, versificar sobre fatos históricos, natureza, atualidade ou outros que possam demonstrar o conhecimento de ambos.

Outro exemplo desta modalidade vê-se abaixo, com os emboladores Maneco e Jotão:

-Você gosta de capão?  
-Se tiver pelado eu como  
-você gosta de peru?  
-Se tiver pelado eu como  
-Você gosta de leitão?  
-Se tiver pelado eu como  
-Você gosta de pavão?  
-Se tiver pelado eu como  
-você gosta de paturi?  
-Se tiver pelado eu como  
-De patola de siri?  
-Se tiver pelado eu como  
-você gosta de sua mãe?  
-se tiver <sup>8</sup>

Percebe-se a semelhança entre os dois textos transcritos. Convém dizer que, não fosse anunciada a autoria de ambos, não seria possível saber se eram produções de homens ou mulheres, dada a temática e as marcas de um discurso masculino. Em verdade, a dupla feminina assume a mesma postura que os emboladores, até na escolha do alvo de ridicularização, qual seja, “a mãe”.

Em “*Coco da Pisa*”, observa-se o desafio entre as coquistas:

Você diz que dava em mim  
Mas em mim você não dá (refrão)

---

<sup>8</sup> Transcrição do compact disc *Os Melhores Repentistas do Nordeste Vol. 2 – Coletânea de emboladores*. São Paulo: CTN/Rádio Atual.

Rapariga dos peitão  
Nojenta, pau de arara  
Vou te meter uma vara  
Pescoço de garrafão  
Pé de palheta do Cão  
Pinico de vou mijar  
Vá se lascar velha do cabelo ruim

A tua família todinha  
Da primeira geração  
Teu pai é um capão  
Tua mãe é uma galinha  
Quatro irmã que tu tinha  
Fugiu com amancebado  
Teu pai é corno e veado  
Tua mãe é trombadinha.

Ela chamou esse negão  
Pra ir numa pescaria  
Eu me lembro até do dia  
Saíram lá da São João  
Ela e o carvão foi pescar numa lagoa  
Entrou os dois na canoa  
Vi o negão pescando  
E essa piranha gritando ô negão da vara boa <sup>9</sup>

Se cotejado com o fragmento de “*Desafio de emboladores*” de Zizi Gavião e Maneco, veremos pouca ou nenhuma diferença quanto à temática e o discurso.

Colega vamos cantar,  
Colega vamos cantar,  
Se não cantar, como eu canto

Hoje morre de apanhar

-Esse cara de macaco  
já parou de trabalhar  
a mulher pra lhe ajudar  
torra até fumo em um caco  
desmancha e vende tabaco  
na rua de Xavier  
ele não sabe o que quer  
e ontem de tardezinha  
deu num quilo de galinha  
o tabaco da mulher  
esse pobre se lamenta  
porque entrou no cercado  
já ia todo animado  
namorá com uma jumenta  
quase o doido se arrebenta  
o jumento apareceu  
ele chorou e tremeu  
e escutei no momento  
dizendo: "ai, ai, ai, jumento  
você tá lascando é eu

-Viram ele namorando  
a jumenta de Simão  
e por a tentação do Cão

pegaram os dois se beijando  
a jumenta coiçando  
por detrás duma cancela  
me falou Maria bela

---

<sup>9</sup>Transcrição do comact disc *Os grandes repentistas do Nordeste : emboladoras – Terezinha e Lindalva.*

viu você aperreado  
no pescoço pendurado  
chupando na língua dela

- Ele gosta de traíra  
diz que é boa demais  
só que a parte de trás  
assim que ele compra tira  
o povo se admira  
ele inventou um mistério  
ele, o filho e a mulher  
só come traíra terça  
só a parte da cabeça  
dão o rabo a quem quiser.

- Esse focinho de cutia  
me disse que era crente  
que não tomava aguardente  
porque a cana ofendia  
eu com ele um certo dia  
fui uma festa com ele  
acunhei cachaça nele  
deixei bebo na estrada  
um cabra de madrugada  
mijou na traseira dele. <sup>10</sup>

Ora, sendo o território da embolada ocupado quase que exclusivamente por homens, não é de se admirar a influência que estes exercem sobre as artistas. Diferente da cantoria de viola, que conta com uma maior participação feminina, no coco, há registro apenas de duas mulheres e como absorveram os conceitos determinados pelos repentistas, elas seguem versificando sem notar que reproduzem a voz do outro.

Quando indagamos sobre a importância da presença feminina no universo do repentismo, **Terezinha** respondeu:

“A gente não se preocupa com isso não, a gente vive aquele momento. E eu não vejo os companheiro com problema com a gente, a gente tem o mesmo espaço.”<sup>11</sup>

Divergindo das violeiras, a coquista não percebe o preconceito sofrido no campo da embolada, no entanto, durante nossa pesquisa, poucos foram os emboladores que disseram conhecer mulher neste universo. A verdade é que o preconceito enfrentado pela mulher, independe da área de atuação, perpassa o campo da arte, está enraizado na mentalidade da sociedade patriarcal.

Infelizmente, enquanto algumas mulheres procuram subverter este cânone, outras não conseguem enxergar a ideologia imposta pelos cantadores.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>11</sup> Entrevista realizada em fevereiro de 2003.

Palmilhados os caminhos propostos, observa-se que em uma sociedade opressora onde a mulher é ainda tratada de forma excludente, a profissão de cantadora representa “*dificuldades várias.*”

Ao longo deste estudo, verificou-se a presença das cantadoras repentistas desde os primeiros quartéis do século dezenove até os nossos dias, embora ainda haja dúvidas quanto à veracidade de alguns registros de improvisadoras daquele século.

Estudaram-se poemas de algumas repentistas e foi possível observar como estas tematizam a infância, o amor e o contexto social, e constatou-se que algumas cantadoras já não mimetizam, não refletem de forma caricatural o viril, nem se julgam semelhantes a ele. Aprenderam a conviver com a autenticidade de suas próprias vozes.

Evocaram-se certos aspectos da cantoria fora dos Congressos, Encontros de Cantadoras, e artigos, sempre tendo a mulher como personagem central, e observou-se a pouca relevância que os meios de comunicação conferem à *voz feminina* no universo do repente.

Vimos ainda que, apesar das “leis” que as proíbem o acesso ao mundo da cantoria, as poetisas penetram no espaço público, transgridem este universo, porém ainda continua bastante reduzido o número de mulheres que se aventuram por essas veredas, e o terreno do improviso continua sendo território de forte preconceito contra elas.

No capítulo intitulado *O coco de embolada*, algumas divergências entre esta vertente e a *cantoria de viola* foram salientadas, e explicitou-se no *coco* de autoria feminina marcas da ideologia dominante.

Sabe-se que este estudo é apenas um preâmbulo, no entanto poderá fornecer futuros caminhos a serem trilhados, e nos apraz pela certeza de alguma forma está contribuindo para disseminar as *vozes femininas no repente nordestino*.

## 11. APÊNDICE

### **A mulher de hoje**

(Maria Soledade e Minervina Ferreira)

A mulher hoje em dia joga bola  
No esporte garante seu talento  
Ocupando melhor o seu espaço  
Mostrando melhor conhecimento  
É guerreira fiel do improviso  
Sustentácula maior do movimento.

Não devemos parar nenhum momento  
Nossa luta é contínua e progressista  
Precisamos de apoio e de espaço  
Para que nossa árvore seja vista  
Como fonte da força de expressão  
Da mulher nordestina e repentista.

A juíza, atriz a jornalista

Tem a vida bastante diferente  
A mulher repentista na vida  
Canta as coisas sublime no repente  
Um exemplo de luta e de coragem  
De mulher nordestina independente

A mulher está partindo consciente  
Com seu plano de luta organizado  
Sem gerar divisão, conflito ou guerra  
De outras buscas querendo resultado  
O início de um sonho tão bonito  
Que um dia será realizado.

A mulher foi escrava no passado  
Sem estudo, sem voz, sem qualidade  
Rebentou as correntes, jogou fora  
Sem ofensa, sem ódio e sem maldade  
Levantou-se pra o mundo e gritou alto  
Precisamos lutar por liberdade.

Refletindo sobre a realidade  
Despertou com coragem a mulherada  
Contra todo tipo de opressão  
Pra nenhuma ser mais escravizada  
Esperança, vontade e otimismo  
Fazem parte da nossa caminhada

Muitos altos e baixos na estrada  
Encontramos, mas temos resistido  
Não podemos fugir dos desafios  
Nossa luta é segura e tem sentido  
Ou lutamos por tudo é que queremos  
Ou o nosso Brasil está perdido

Nosso campo está sendo revestido  
Com o manto da nossa competência

Sustentemos o mastro do repente  
Como símbolo de luta e resistência  
No combate ao orgulho e ao machismo  
A procura de nossa independência.

Conhecemos do homem a influência  
Respeitamos a sua qualidade  
Mas, queremos respeito e merecemos

Ser tratada em pé de igualdade  
Quando ele aceitar o desafio  
Nosso mundo terá felicidade

Não queremos criar rivalidade  
Nossa arte é bela, santa e pura  
O repente é símbolo do Nordeste  
Nossa gente com ele se mistura  
Vamos juntos no século vinte e um  
Celebrar a vitória da cultura. 1

### **Vida e Morte**

(sete linhas)

(Mocinha de Passira)

A vida se inicia  
sobre o ventre maternal  
o filho se liga à mãe  
no cordão umbilical  
nasce, cresce, vive e ama  
depois a morte lhe chama  
para campa sepulcral.

---

1 FERREIRA, Minervina; SOLEDADE, Maria. *A Mulher no repente*. João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.

A vida começa assim  
Entre sorriso e ternura  
Infância e adolescência  
Ilusão e aventura  
O corpo só se sossega  
Depois que a morte carrega  
Pra vala da sepultura

A vida traz passaporte  
Progresso, fama e coragem  
Na hora que a morte chega  
Tira o brilho da imagem  
Põe na morte roupa preta  
Bota o caixão na carreta  
Pra sua última viagem. 2

### **Mulher brasileira**

*(Mocinha Maurício)*

Acho a mulher brasileira  
uma pessoa de bem  
Ela canta e improvisa  
pra quem vai e pra quem vem  
Do jeito que o homem canta  
a mulher canta também

sei que a mulher e de bem  
é pessoa de cartaz  
trabalha vive contente  
sabe tudo que ela faz

---

2 *Os grandes repentistas do Nordeste : cantoria de viola - Mocinha de Passira e Sebastião Marinho. São Paulo: Pequizeiro.*

do jeito que o homem canta  
ela não fica pra trás

sei que a mulher tem cartaz  
é pessoa de primeira  
boa esposa e boa filha  
também boa companheira  
e trabalha defendendo  
a cultura brasileira

toda mulher é primeira  
toda mulher me convém  
trabalha e vive alegre  
na pessoa de alguém  
por mais que ela trabalhe  
não dão o valor que tem

ainda **Mocinha Maurício:**

Em dois mil e três eu digo  
Todos vão ficar contente  
E eu também estou satisfeita  
Que meu Brasil vai pra frente  
Porque o Lula da Silva  
É o nosso presidente

Vai ser muito diferente  
Eu digo com bem cuidado  
Lula vai governar o Brasil  
Todos estão animados  
Eu espero que ele faça  
Um futuro bem florado  
Eu mesmo passo esperando  
Para as coisas melhorar

Não seja como antigamente  
Eu quero vê melhorar  
Eu tenho toda certeza  
Que Lula vai abafar. 3

Textos de **Santina Maurício**

A mulher tá trabalhando  
Eu vou dizer quatro jeito  
ela hoje até já fica  
no lugar de um prefeito  
não é humilhando o homem  
é pra não ter preconceito

mulher que tira proveito  
eu vou dizer quanto é bela  
ela trabalha até  
como atriz de novela  
acabou aquele tempo  
que o homem mandava nela

a mulher além de bela,  
também é bem competente  
ela tem capacidade  
de botar o Brasil pra frente  
que todo homem já sabe  
que a mulher também é gente  
mulher é inteligente  
não é desnecessária  
trabalha em uma escola  
trabalha de secretária  
tudo que faz é bem feito

ela é proprietária  
do lugar da onde quer  
acabou aquele tempo  
de homem mandar em mulher  
ela só faz o que pode  
não faz o que o homem quer

Outro texto de **Santinha**:

O ano está terminando  
E tudo está diferente  
quarta-feira é o dia  
de todos está contente  
estamos esperando Lula  
pra ser nosso presidente

Futuramente ele  
é quem vai dominar  
dá emprego pra pobreza  
e colégio pra estudar  
vamos vê se ele pode  
a todo mundo ajudar

eu vi ontem viajar  
ali mais de um parente  
na rodoviária ali  
em Garanhuns sorridente  
todo pra ir pra Brasília  
para abraçar o presidente

sua mãe está contente

É isso que o povo diz  
ela está bem contente  
por ser mãe de Luiz  
um filho dum operário  
dominar nosso país

vê Lula me satisfaz  
eu vou dizer sem segredo  
que com a bondade dele  
eu fico um pouco com medo  
Deus queira que ninguém faça  
O que fizeram a Tancredo

E Lula não tem segredo  
Mecânico de qualidade  
Sabe o que é pobreza  
O que é dificuldade  
Deus queira que ele venha  
Trazendo felicidade

Felicidade pra o povo  
Se espera sem demora  
Na indústria , no ensino,  
no colégio onde mora  
vou vê se nosso Brasil  
com Lula agora melhora.5

Textos de **Terezinha Maria**

Hoje temos esperança

De uma grande experiência  
Dinamismo e promessas  
Pra acabar a violência  
E o homem poder lutar  
Por sua sobrevivência

Hoje temos a internet  
Ao alcance das nossas mãos  
Projetos por toda parte  
Destaque corrupção  
Podemos se sair bem  
Dessa globalização

O Sul o Norte, o Nordeste  
Viu pela televisão  
A mãe triste dar ao filho  
Água suja com limão  
Quem não pediu pra nascer  
Morrer por falta de pão  
É triste cantar a paz  
Aonde vemos maldade  
Pai de família morrendo  
Pela criminalidade  
E o pedido de justiça  
É contra a impunidade

Hoje um metalúrgico  
Ganhar para presidente  
A esperança voltou  
Para as pessoas carente  
Não é salvador da pátria  
Mas é salvador da gente

Se eu não torcer é tristeza  
Se eu calar é covardia  
Tomara que seja aceita  
A nossa cidadania  
É o quadro que faltava  
Complete a democracia 6

Em "**Coco Voltado**", as irmãs coquistas versificam:

**Terezinha:** Eu comprei uma Belina  
Pouca sorte ela me deu  
Estorou os dois pneu  
Acabou-se a gasolina  
Quando a ladeira subia  
A Belina se quebrava  
Quando eu ia ela voltava  
Quando eu voltava ela ia

**Lindalva:** Eu comprei um carro véio  
Mas, o gota se quebrou  
Os dois pneu se furou  
Na subida da Bahia  
Tereza não sabia  
Que os dois pneu se furava  
Quando eu ia ela voltava  
Quando eu voltava ela ia

**Terezinha:** Arrumei um casamento  
Era cum caba casado  
O sujeito era viado

Mas, Lindalva não sabia  
Quando eu na cama subia  
O corno não levantava  
Quando eu ia ele voltava  
Quando eu voltava ele ia

**Lindalva:** Tua mãe tem um bundão  
E foi num club dançar  
Na hora que eu cheguei lá  
Foi a maior confusão  
No meio do salão  
A véia se remexia  
Pra todo canto que eu ia  
A bunda da véia tava  
Quando eu ia ela voltava  
Quando eu voltava ela ia

**Sobre** O rico e o pobre **dizem** Terezinha **e** Lindalva:

o rico é que vive bem,  
o rico é que vive bem,  
pro rico é sobrando tudo  
o pobre que nada tem

o rico porque tem dinheiro,  
tem o nome de barão  
só vai pro seu escritório  
só passeia de avião  
e tem mais de um vigia  
trabalhando noite e dia  
vigiar o casarão

já o pobre é atrasado

sempre pobre desmantela  
a rua que o pobre mora  
a lama dá na canela  
o vigia do pobre  
na porta é uma cadela

fio do rico quando chora  
a mãe diz não chore não  
venha pra sala filhinho  
assistir televisão  
meia noite papai leva  
pra passear de avião

fio do pobre quando chora  
leva logo uma porrada  
a mãe começa dizendo  
cala boca zé buchada  
se tu chorar de novo  
vou dá outra cacetada  
(...)

sapato do homem rico ,  
você sabe como é  
é um sapato bom  
que nunca cria chulé  
passa um ano dentro d'água  
não molha o dedão do pé

sapato do homem pobre  
é feio e não tem cadarço  
tem dois palmo de altura  
um tal cavalo de aço  
cada passada que dá  
a sola cai um pedaço

a filha do homem rico  
só pensa em ser granfina  
faz curso pra engenheira  
quando não se forma aqui,  
se forma na Argentina

a filha do pobrezinho  
só pensa em ser fofqueira  
muitas se perde novinha,  
dançando na gafieira  
aquela mais sabida  
trabalha de peniquera.. .7

Além do satírico, há também o lirismo como podemos observar no texto "**coco da Helena**" transcrito a seguir:

Oh Helena, mais oh, mais oh, mais oh, Helena  
eu te levar eu não posso, Helena  
(refrão)  
eu te deixar tenho pena, Helena

Perguntei o padre, Helena, oh Helena  
Se amar era pecado, oh Helena  
Ele disse eu tenho passado, oh Helena  
Muita noite no sereno, oh Helena  
Tenho bebido até veneno, oh Helena  
Não tenho carinho nem agrado, oh Helena  
Eu morro e não sou sujeito, oh Helena  
Pra amar precisa jeito, Helena

Amor é cabra danado, Helena

(Refrão)

Lindalva camaradinha, oh Helena  
Voltei pra cantar de novo, oh Helena  
Quero cantar pra esse povo, oh Helena  
Mulher que canta na linha, oh Helena  
Vou cantar bem direitinha, oh Helena  
Ai, canta quem sabe cantar, oh Helena  
Vamos aqui improvisar, oh Helena  
De canto eu não tenho pena, oh Helena  
É o coco de Helena, Lindalva  
Você pode responder, Helena

(Refrão)

Sou uma poeta que canta, oh Helena  
Que brinco, que mentalizo, oh Helena  
Caso, confesso, batizo, oh Helena  
Que almoço, ceio, janto, oh Helena  
(...)  
Eu daqui, você de lá, oh Helena  
Na pancada, no ganzá, oh Helena  
Canta eu, canta você, oh Helena  
Faz pena mulher nascer, oh Helena  
Tem que a velhice acabar, oh Helena

(refrão)

Mando um abraço apertado, oh Helena  
Pro Rio Grande do Norte, oh Helena  
O poeta quando é forte, oh Helena  
Só canta improvisado, oh Helena  
É cumim do meu roçado, oh Helena

Pra minha família lá, oh Helena  
A todos vão escutar, oh Helena  
A cantoria matuta, oh Helena  
Entrei em campo de luta, Lindalva  
Canta quem sabe cantar, Helena<sup>8</sup>

(refrão)

**No Silencio da Seca o Vento Chora  
Com saudade da chuva do sertão**

(Mote Decassílabo)

(Luzivan Matias e Lucinha Saraiva)

**Luzivan Matias:** Nossa terra sem chuva é um inferno  
Na fazenda, na rua e na palhoça  
Gastei tudo que tinha em minha roça  
Faz dois anos que Deus não manda inverno  
Vive a mata pelada sem ter terno  
Ninguém ouve a cantiga do Carão  
Sem ouvi o estrondo do trovão  
Bateu asa, vôo e foi embora

(mote)

**Lucinha Saraiva:** o meu primo por nome de Diego  
passou fome demais com a família  
disse a mim eu queria ir a Brasília  
mas disseram que lá não tem emprego  
perdi tudo que tinha e meu sossego  
e fui lá ver a sua região  
Vi a fome fazendo assombração  
Nos recanto da casa que ele mora

(mote)

**Luzivan Matias:** Vejo o pobre sofrendo sem ter nome  
O salário que ganha é muito pouco  
Mas o rico também passa sufoco  
Com o gado que tem passando fome  
Um pedaço de carne não se come  
Ninguém olha pra tal situação  
Jesus o senhor estenda a mão  
Pra uma raça sofrida até agora

(mote)

**Lucinha Saraiva:** Vejo a seca expulsando o pessoal  
Este quadro tão triste nos comove  
Eu queria saber por que não chove  
Este mês perder mais de um animal  
Uma vaca leiteira do curral  
Um cavalo da minha estimação  
Só fiquei com a cela e o gibão  
As perneiras, o chapéu e a espora

(mote)

**Luzivan Matias:** vejo o homem do campo sem ter nada  
De sofrer esgotou a paciência  
Humilhado nas frentes de emergência  
Pele suja e roupa remendada  
Faz da ponte uma casa de morada  
Sem coberta, sem cama e sem cochão  
Uma pedaço de pano forra o chão  
E quando dorme na noite é meia hora

(mote)

**Lucinha Saraiva:** a riqueza que tenho é um jumento  
Que ganhei de um amigo fazendeiro  
Um cachorro magrelo no terreiro  
Que pra ele também falta alimento

Vê o bruto com fome eu não agüento  
Sem coragem na sombra do oitão  
Está fraco, doente, sem visão  
Ao invés de correr se acocora. 9

(mote)

**HERMILO BORBA FILHO**

**PRESENÇA FEMININA NO REPENTE:  
UM REGISTRO FONOGRAFICO**

---

9 *SARAIVA, Lucinha ; MATIAS, Luizivan. O Melhor do repente nordestino: cantoria de viola - Vol. 2- São Paulo: Incanto, 2003.*

Gravação ao vivo, promovida pelo Núcleo de Programas Educacionais e Culturais do Departamento de Letras da UFPE. Oito mulheres repentistas, dos Estado da Paraíba: Minervina Ferreira, Maria Soledade, Luzia dos Anjos, Neuma da Silva e Pernambuco: Santinha Maurício, Severina Maria, Terezinha Maria e Mocinha Maurício.

Sáb) 21 h      dia 14

Agenda cultural junho 2003

## **Jornal dos bancários**

# Teoria e prática

## *Repentistas mulheres viram tese de mestrado, ganham show no Hermilo Borba e gravam CD conjunto ao vivo*

As mulheres mostram sua voz no próximo dia 14, no Hermilo Borba Filho. É o Encontro de Mulheres Repentistas, organizado por Laércio Queiroz. No dia anterior, ele apresenta sua tese no mestrado de Teoria da Literatura da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. A pesquisa, feita com 14 repentistas do Brasil, identifica as relações entre os discursos masculino e feminino no repente e na embolada. A orientação é da escritora e pesquisadora Luzilá Gonçalves.

Laércio conta que teve uma grande dificuldade de chegar até as mulheres cantadoras. "Os homens negam a existência de mulheres no repente. E, quando aceitam, fazem questão de apontar o baixo nível de seus trabalhos", afirma. Ele acrescenta que o pouco espaço para exercer o canto dificulta, de fato, o aprimoramento da capacidade das repentistas, reforçando o preconceito em um círculo vicioso.

Santinha e Mocinha Maurício, Mocinha de Passira, Teresinha Maria, Minervina Ferreira, Luzia dos Anjos, Lindalva da Silva... São embolado ras e repentistas de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, ou que migraram para São Paulo. Algumas mostram, em seu canto, o ambiente doméstico, os problemas da mulher, as relações femininas. Outras, sobretudo as emboladoras, assumem o discurso masculino e machista.

A defesa da tese será no dia 13 de junho às 14 horas. À noite, as mulheres dão uma canja no bar Arriégua, na Cidade Universitária. E no dia posterior, participam do encontro de repentistas, quando gravam um CD ao vivo.



**Minervina Ferreira e Santinha Maurício** em cantoria, na casa de Sr. Luiz Ceará – Recife, junho/2003.



**Minervina Ferreira e Neuma da Silva**



**Maria Soledade e Luzia dos Anjos**



**Final da jornada: As repentistas cantam Coqueiro da Bahia.**

## 12 . REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lindinalvo Alexandrino de. O trovadorismo português na poesia brasileira. Recife: FASA, 1985.

AMORIN, A. A. A voz feminina na Cultura popular, Suplemento Cultural, Recife: p 13, 14 maio 2001.

AYALA, Maria Ignez Novais. Cocos: alegria e devoção. Organização Maria Ignez Novais Ayala; Marcos Ayala. Natal: EDUFRN, 2000.

\_\_\_\_\_. No arranco do grito. (aspectos da cantoria nordestina). São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. Mulher repentista: uma profissão, dificuldades várias. ANAIS V Seminário Nacional: Mulher e Literatura, 5. ano, Natal: ANAIS...EDUFRN, 1995.

BARROS, Leandro Gomes. Literatura popular em Verso, João Pessoa: UFPB, 1977.

BARTHES, Roland. O grau zero da escrita. São Paulo: Edições 70, 1971.

BATISTA, Otacílio ; LINHARES, José. Antologia ilustrada dos cantadores. Fortaleza: ABC Editora, 1976.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo; tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

BLEICHMAN, Hugo. Introdução ao estudo das perversões. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANCO, Lúcia Castelo. O que é escrita feminina. São Paulo: Brasiliense, 2000.(Primeiros Passos)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore; São Paulo: Brasiliense, 2000.(Primeiros Passos).

CAMÕES, Luiz Vaz de. Soneto. In: REBELO, Marques, Antologia Escolar portuguesa.. Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1970.

Cantares de Salomão. In: Bíblia Sagrada: Velho Testamento. capítulo 8, versículo 5. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, 1990.

CARVALHO, José Rodrigues. Cancioneiro do norte, Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1967.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Literatura oral no Brasil. Brasília: José Olimpio, 1978.

\_\_\_\_\_, Luiz da Câmara. Gente viva. Recife: UFPE, 1970.

\_\_\_\_\_. Vaqueiros e cantadores. Rio de Janeiro: TENOPRINT, 1986.

CASTRO, Ana Luíza Azevedo de. D. Narcisa de Villar, Santa Catarina: Editora Semprelo, 1990.

COLASSANTI, Marina. E por falar de amor; Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

CORREA, João David Pinto. Os gêneros da literatura oral tradicional: contributo para a sua classificação, Revista Internacional de Língua portuguesa, Lisboa, n. 9, 1993.

COUTINHO, Afrânio. A literatura no Brasil. Rio de Janeiro: José Olimpio; Universidade Federal Fluminense, 1986.

CUNHA, Eneida Leal. Que força move essas mulheres.: Revista Internacional, São Paulo, São Paulo, n. 12, 1994.

ESPANCA, Florbela. A mensageira das violetas. Seleção e tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1997.

EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: Uma introdução 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, Luzilá Gonçalves. Em busca de Thargélia: poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo oitocentismo: 1870 – 1920. Recife: FUNDAPE, 1996.

\_\_\_\_\_. Presença feminina; Recife, Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco: 2002.

FREITAS, Zilda. *Literatura de autoria feminina: a condição da mulher na sociedade européia do séc. XX*.

GASPAR, Simões João. História da literatura portuguesa: das origens aos nossos dias, século XII a XVII Empresa Nacional de Publicidade, v. 1, 1972.

Gênesis. **In:** Bíblia Sagrada: Velho Testamento. capítulo 3, versículo 16. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, 1990.

GOLDSTEIN, Norma. Versos, sons, ritmos. São Paulo: Ática. 1995. (Série Princípios).

GRAMSCI, Antonio. Literatura e vida nacional. Editora Civilização Brasileira S.A, 1968.

GRAPHOS: revista da Pos-Graduação em Letras – publicação: Curso de pós-Graduação da UFPB –Ano I , nº 2, João Pessoa, 1995.

JERONIMO, Eugenio. Cantadores: quem sabe faz na hora Recife, Suplemento Cultural, CEPE, nº 3, 2002.

KOTHE, Flávio. O herói, São Paulo: Editora Ática (Série Princípios), 1987.

LOPES, José de Ribamar. Literatura de Cordel Antologia. 3. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste, 1994.

LUYTEN, Joseph Maria. O que é literatura popular; São Paulo: Brasiliense, 2000. (Primeiros Passos)

\_\_\_\_\_. Literatura de cordel em São Paulo, edições Loyola, São Paulo: 1981.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. O sexo dos textos; Lisboa: Editoria Caminha S.A, 1995.

MEIRELES, Cecília. Seleção em prosa e verso; seleção e notas e apresentação de Darcy Damasco. Rio de Janeiro: José Olympio, p.54, 1973.

MENDONÇA, Maristela Barbosa. Uma voz feminina no mundo do folheto; Brasília: Thesaurus, 1993

MENDONÇA, Wilma Martins. A virtude feminina: do texto medieval ao folheto, Revista Internacional de Língua portuguesa, Lisboa n. 9, 1993.

MONTEIRO, Marília Pessoa. A mulher negra escrava no imaginário das elites do século XIX, CLIO, n.12, 1989.(Série história do Nordeste)

MOREIRA, Nadila M. Barros de. Crítica feminista, por quê, João Pessoa: Letra viva, UFPB, nº 2, 2000.

MOTA, Leonardo. Cantadores; Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1961.

\_\_\_\_\_. Sertão alegre (Poesia e linguagem do Sertão Nordestino); Fortaleza: ABC Editora, 2002.

\_\_\_\_\_. Violeiros do norte (Poesia e linguagem do Sertão Nordestino); Fortaleza: ABC Editora, 2002.

PROENÇA FILHO, Domicio. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática. (Série Princípios), 1997.

RAFAEL, Ésio ; FREIRE, Wilson. A mulher e a cantoria. Continente documento, ano I, nº 6, p. 14, 2003.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula, Rio de Janeiro: Editora Presença, 1988.

RIBEIRO, Pedro Mendes. Segredos do repente, Piauí: Funarte, 1977.

ROBL, Affonso. As cantigas d'escárnio e maldizae, Paraná: Revista letras, UFPR, nº 29, 1980.

RÔHL, Ruth. Trovadora Beatriz- Um meta romance; Paraná: Revista Letras Editora, da Universidade Federal do Paraná, 1993.

ROMERO, Silvio. Estudos sobre a poesia popular do Brasil; Petrópolis: Vozes, 1977.

SANTOS, Luis dos. O que é cultura popular. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Primeiros Passos)

SEBASTIÃO MARINHO e MINERVINA encontram-se em desafio poético, São Paulo: janeiro, 1999. Diário Hora do Povo.

TEJO, Olando. Zé Limeira, poeta do absurdo; Recife: Cia Pacífica, 1997.

TOCALINO, Magda M. Renoldi. A escritura e a mulher brasileira no período colonial, São Paulo: Remate de letras, UNICAMP, nº 14, 1994.

TRAVASSOS, Elizabete. Encontro com a palavra cantada; Fortaleza: ABC Editora, 2002.

Violeiras querem competir com homens nordestinos, Recife, out. 1987. Diário de Pernambuco.

VOLTAIRE. Dicionário filosófico; tradução de Pietro Nasseti, São Paulo: Editora Martin Claret, p.24, 2002.

WILSON, Luiz. Roteiro de velhos cantadores e poetas populares do sertão (estado de Pernambuco). 2. edição, coleção Tempo Municipal, n.5, Recife, FIAM/ Centro de Estudos de História Municipal, 1986.

WOOLF, Virgínia. Um teto todo seu; tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

### 13. REGISTROS DE ÁUDIO

A arte da cantoria – regras da cantoria. *São Paulo: Funarte, 1998.*

FERREIRA, Minervina ; PASSIRA, Mocinha de. Mulheres de repente –São Paulo: UMES, 1999.

FERREIRA, Minervina; SOLEDADE, Maria. A Mulher no repente . João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 2002.

*Festival de poesia em defesa do folclore: com os maiores repentistas do Brasil.* Pernambuco: Escalamares.

*Grande Encontro de Poetas Repentistas – A Explosão do Repente, Edição Comemorativa dos 500 anos do Descobrimento.* João Pessoa: Gravação patrocinada pelo Governo do Estado da Paraíba, 1999.

*Os grandes repentistas do Nordeste : cantoria de viola - Mocinha de Passira e Sebastião Marinho.* São Paulo: Pequizeiro.

*Os grandes repentistas do Nordeste : emoladoras – Terezinha e Lindalva.* São Paulo: Pequizeiro.

*Os grandes repentistas do Nordeste Vol. 1- Mocinha de Passira e Valdir Teles.* São Paulo: Pequizeiro.

*Os Melhores Repentistas do Nordeste Vol. 2 – Coletânea de emoladores.* São Paulo: CTN/Rádio Atual. 1989.

SARAIVA, Lucinha ; MATIAS, Luzivan. O Melhor do repente nordestino: cantoria de viola - Vol. 2- São Paulo: Incanto, 2003.

## **14 . TRABALHOS GERADOS A PARTIR DA DISSERTAÇÃO**

**a) Título do Evento:** Mulheres de repente: Pé- de- parede

**Local:** Restaurante Choopsente Arriégua

**Data:** 13 de junho de 2003.

**b) Título do Evento:** Mulheres de repente: Encontro de mulheres repentistas

**Local:** Teatro Hermilo Borba Filho

**Data:** 14 de junho de 2003.

**c) Título do artigo:** Vozes Femininas na Cantoria Nordestina

**Revista da Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO)**

**Período:** agosto de 2003.